



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**  
**CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CULTURA-PPGEDUC**  
**CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO E CULTURA**

**IDALINA FERREIRA CALDAS**

**EUTANÁZIO E AS DORES DO MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
A VONTADE, A MORTE, O AMOR E A EDUCAÇÃO**

**Cametá-PA  
2017**

**IDALINA FERREIRA CALDAS**

**EUTANÁZIO E AS DORES DO MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
A VONTADE, A MORTE, O AMOR E A EDUCAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá da UFPA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda.

**Cametá-PA  
2017**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
Biblioteca Setorial “Salomão Larêdo”

---

Caldas, Idalina Ferreira

Eutanázio e as dores do mundo: considerações sobre a vontade, a morte, o amor e a educação / Idalina Ferreira Caldas. — Cametá, 2016.

131 f.

Orientador: Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, Cametá, 2016.

1. Jurandir, Dalcídio — Crítica e interpretação. 2. Schopenhauer, Arthur — Crítica e interpretação. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Literatura. I. Miranda, José Valdinei Albuquerque, orientador. II. Título.

CDD — 23 ed. 869.934

---

**IDALINA FERREIRA CALDAS**

**EUTANÁZIO E AS DORES DO MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE  
A VONTADE, A MORTE, O AMOR E A EDUCAÇÃO**

Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Educação e Cultura e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura, na Linha de Pesquisa Educação, Cultura e Linguagem, do Campus Universitário do Tocantins/Cametá, Universidade Federal do Pará.

Prof. Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda (Orientador)  
PPGEDUC/Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura  
Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA  
Universidade Federal do Pará

Prof. Dr. Luís Heleno Montoril Del Castillo (Examinador Externo)  
PPGL/Programa de Pós-Graduação em Letras  
Universidade Federal Para/ Belém

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Gilcilene Costa Dias (Examinadora Interna)  
PPGEDUC/Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura  
Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA  
Universidade Federal Para

Prof. Dr. Cezar Luís Seibt (Examinador Interno)  
PPGEDUC/Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura  
Campus Universitário do Tocantins/Cametá-UFPA  
Universidade Federal Para

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que se faz presente para me ajudar a superar cada obstáculo existente!

À minha mãe, pelo incentivo à leitura bíblica, que me proporcionou o contato com narrativas fantásticas!

Ao meu pai, por me presentear com uma infância irrigada de histórias contadas e inventadas!

Aos meus sete irmãos, que muitas vezes negaram seus sonhos para que eu pudesse alcançar os meus!

Ao meu querido marido, pela companhia positiva e incentivadora em cada escolha que eu faço!

Ao meu pequeno Igor Rafael, que me agraciou com sua presença na experiência da escrita!

À minha sogra, que sempre me incentiva para o caminho acadêmico e para a busca de novas conquistas!

Ao meu orientador José Valdinei Albuquerque Miranda, pelo respeito e pelo desafio lançado em cada etapa da pesquisa!

À professora Gilcilene Dias da Costa, que, em suas considerações, apontou muitos caminhos para a condução do trabalho!

A todos que indiretamente contribuíram para a realização deste sonho!

## RESUMO

A pesquisa visa realizar uma análise da primeira obra do autor paraense Dalcídio Jurandir *Chove nos Campos de Cachoeira*. Apresenta como temática “**Eutanázio e as dores do mundo: Considerações sobre a vontade, a morte, o amor e a educação**”. O foco da análise se direciona na busca da compreensão do personagem Eutanázio que, juntamente com seu irmão Alfredo compõe o protagonismo da narrativa. Eutanázio apresenta-se como um personagem complexo e emblemático que percorre toda narrativa manifestando seus dramas internos e tramas familiares e sociais, e com isso evidencia uma riqueza de questionamentos que nos permite pensar questões da existência humana e da educação. Por intermédio de Eutanázio a pesquisa visa estabelecer um diálogo entre a literatura de Dalcídio e a filosofia de Schopenhauer, sem pretensão de enaltecer ou sobrepor um ou outro campo do conhecimento, mas, sobretudo, potencializar o fecundo diálogo entre literatura e filosofia para se pensar questões relacionadas ao homem, ao mundo e à educação. Como abordagem metodológica, a pesquisa se integra numa perspectiva hermenêutica de descrição e interpretação da obra *Chove nos Campos de Cachoeira e Dores do Mundo*. Por meio de um movimento descritivo e interpretativo, enveredamos pelos caminhos que o personagem enfoca em sua trajetória como: Amor, Dor e a Morte, a partir destas temáticas a pesquisa pretende considerar uma Educação que esteja alicerçada na perspectiva do humano e na transfiguração da dor em afirmação da vida.

Palavras-chave: Educação. Dalcídio Jurandir. Dores do Mundo.

## **ABSTRACT**

The research aims to perform an analysis of the masterpiece of Dalcídio Jurandir, called *Chove nos Campos de Cachoeira*. It presents as the theme “EUTANÁZIO E AS DORES DO MUNDO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A VONTADE, A MORTE, O AMOR E A EDUCAÇÃO.”. The main focus of the analysis is directed towards the understanding of the character Eutanázio, who together with his brother Alfredo are the key protagonists of the narrative. Eutanázio introduces himself as a complex and emblematic character that goes through the narrative showing his internal dramas and issues, and this highlights a set of ideas that allows us to think about issues of human existence and education. Through Eutanázio the research aims to establish a dialogue in the literature of Dalcídio and the Schopenhauer's philosophy without any pretension of enhancement or overlapping one or another field of knowledge, but above all, to enhance the dialogue in literature and philosophy to think about issues related to the man, the world and the education. As a methodological approach, the research is integrated in a hermeneutic perspective of the description and interpretation of the work *Chove nos Campos de Cachoeira e Dores do Mundo*. Through a descriptive and interpretive movement, we go through ways that the characters focus on his trajectory as: Love, Pain and Death, from these themes with a research in which is found an education based on the perspective of the human and the transfiguration of pain in the affirmation of life.

**Keywords:** Education. Dalcídio Jurandir. Pains of the World.

# SUMÁRIO

<b>I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS .....</b>	<b>8</b>
1.1 A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E OS CAMINHOS DA PESQUISA .....	8
1.2 O DESAFIO DE IR AO ENCONTRO DE EUTANÁZIO.....	18
<b>II. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VONTADE E A DOR DA EXISTÊNCIA .....</b>	<b>22</b>
2.1 APROXIMAÇÕES AO PENSAMENTO INQUIETANTE DE SCHOPENHAUER.....	22
2.2 NAS DORES DO MUNDO EUTANÁZIO ENCONTRA SCHOPENHAUER .....	33
2.3 AS DOENÇAS DE EUTANÁZIO: A EXPERIÊNCIA DO APRENDER PELA DOR E SOFRIMENTO .....	42
2.4 UM SOPRO DE VIDA EM EUTANÁZIO .....	53
<b>III. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE .....</b>	<b>64</b>
3.1 CACHOEIRA E OS SIGNOS DA MORTE .....	64
3.2 EUTANÁZIO E A MORTE COMO UM PARADOXO EM DALCÍDIO.....	77
<b>IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR.....</b>	<b>91</b>
4.1 EUTANÁZIO E AS APORIAS DO AMOR.....	91
4.2 EUTANÁZIO: ENTRE O CAOS DA EXISTÊNCIA E A AFIRMAÇÃO DA VONTADE DE VIDA .....	94
<b>V. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO .....</b>	<b>107</b>
5.1 A PERGUNTA PELO ESQUECIMENTO DO HOMEM E O ABANDONO DA EDUCAÇÃO .....	107
5.2 EUTANÁZIO DOENTE DO MUNDO: A TRISTEZA DE HABITAR UM MUNDO SEM LINGUAGEM POÉTICA E LITERÁRIA .....	121
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>127</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>131</b>



## I. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

### 1.1 A EXPERIÊNCIA DE LEITURA E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Nas palavras iniciais deste trabalho gostaria de pontuar os caminhos que percorri durante minha formação acadêmica, os quais considero essenciais para a escolha desta pesquisa e também para que eu adotasse a literatura como filosofia de vida. Como estudante do Curso de Letras, a literatura começou a fazer parte do meu trajeto, primeiramente, através dos olhos fascinantes de três professoras: Ivone Veloso, Ângela Vasconcelos e Lucilena Gonzaga, que se diferenciavam em seu modo de ensino, pelo brilho no olhar e pela doçura na voz, ao narrar passagens de obras literárias. Aquele modo de abordagem semearam em mim os primeiros germes do gosto pela linguagem literária. A partir daquele contato, a literatura começou a demarcar cada fase da minha vida, trazendo-me experiências de outros mundos.

Depois do curso, a literatura se tornou uma atividade constante e distante de ser apenas um passatempo. Cada leitura trazia consigo um mundo novo, uma história fascinante e muitas inquietações, dentre elas tive a oportunidade de me aprofundar em três obras. No trabalho de conclusão de curso, busquei compreender “Albergue Noturno”, do paraense Edilson Pantoja. Na especialização, atentei para “Pedro de Voluntário”, de Inglês de Sousa. Já no mestrado, em contato com o projeto intitulado “Educação e [Po]ética da Alteridade na obra literária de Dalcídio Jurandir”, sob a coordenação do professor Dr. José Valdinei Albuquerque Miranda (PPGEDUC), lancei-me ao desafio *Chove nos Campos de Cachoeira*.

No primeiro contato que tive com o romance de Dalcídio, foi difícil resistir a Eutanázio. Embora, no primeiro momento, não tenha tido afinidade com este personagem, sentia, no fundo, que suas reflexões eram muito profundas e com uma densidade singular de questionamentos e inquietações. Foi, portanto, na busca desta compreensão que me desafiei a realizar a aventura da experiência de leitura, encontro e diálogo com Eutanázio.

Na leitura do romance *Chove nos campos de Cachoeira*, Eutanázio foi o personagem que mais me causou estranhamento. Esse desconforto em relação ao personagem se deu por vários motivos. O primeiro deles foi a inquietação de estar diante de um personagem incompleto. A sua imperfeição como Ser humano foi o

primeiro elo que nos uniu, pois eu também me considero imperfeita, incompleta. Outro fator que me prendeu a este personagem foi o fato de ele demonstrar uma sensibilidade exacerbada, chegando, muitas vezes, a sentir a necessidade de retirar o sofrimento dos mais próximos, mas também por expor sua maldade, como quando pretendeu arrancar a cabeça do professor ou então quando foi incapaz de se comover com o falecimento de sua própria mãe. Essa complexa dualidade de personalidade que Eutanázio revela é algo que se assemelha muito à minha vida, enquanto leitora.

Outro aspecto que me conectou à leitura foi o fato de caminhar com um personagem que revela um aspecto trágico e, ao mesmo tempo, cômico. Eutanázio passa grande parte da narrativa mergulhado no sofrimento e na dor, mas, por outro lado, é capaz de nos arrancar gargalhadas com a falta de intimidade com as mulheres e com seu modo de andar atrapalhado. O sofrimento de Eutanázio aliado à ridicularização de seus gestos foi o fato que prendeu minha atenção na leitura e me motivou a realizar um maior aprofundamento de estudo sobre esse personagem.

Embora a condição humana em que Eutanázio se encontra não corresponda propriamente à minha, o sofrimento que ele revela e o aprendizado que aparenta ter absorvido nesse momento de dor também são situações que me afetaram na leitura da obra. Com a angústia do tempo de morte surgem inúmeros questionamentos que o personagem de Dalcídio nos instiga a pensar. Questões relacionadas à passagem do tempo, à importância do outro e da educação e à coragem para encarar os obstáculos da vida são algumas das possibilidades que o personagem nos instiga a pensar.

Nesse sentido, comungo com a ideia de Cândido (1972, p. 806) quando afirma que a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver. Dizer que a literatura possui a função de humanizar o sujeito significa compreendê-la como um instrumento capaz de auxiliar o homem a ser mais humano. Desta forma, ela é capaz de ensiná-lo a amar, a sorrir, a pensar, enfim, a auxiliar a despertar os seus sentimentos, enfocando seu olhar tanto para si quanto para o outro e para o mundo.

Tomando como base a afirmação de Cândido, neste trabalho pretendemos conceber a literatura como importante recurso de compreensão da vida humana. Como elemento para esta compreensão, elegemos a primeira narrativa de Dalcídio

Jurandir, *Chove nos campos de Cachoeira*, que nos apresenta um leque de possibilidades, a partir dos seus personagens, para se pensar os dramas existenciais deste universo vivencial humano.

Essa obra nos oferece uma experiência de realidade sobre a própria vida, ou seja, por meio dela podemos compreender a realidade humana a partir da experiência de leitura, como salienta Larrosa (2011, p. 11), “[...] a leitura pode ser uma experiência, uma experiência de linguagem, uma experiência de pensamento, e também uma experiência sensível, emocional, uma experiência em que está em jogo nossa sensibilidade, isso que chamamos sentimentos”.

De acordo com o autor, pensar a leitura como uma experiência também nos auxilia a compreender a educação dentro de outra concepção. Outro olhar para a educação está pautado em concebê-la dentro de uma reflexão que envolva sua prática. Com esse intuito, Larrosa (2002) propõe que exploremos mais as possibilidades existenciais e estéticas para se pensar a educação a partir de sua experiência/sentido. Pensar a educação dentro desta perspectiva é compreender que, segundo o autor, as palavras produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação.

Diante do ponto de vista de Larrosa, para quem a palavra constitui o discurso, é que a pesquisa em questão pretende se aproximar da palavra dos personagens e ouvi-las com atenção, pois, dentro dessa perspectiva, a palavra possui um poder de criação, de invenção de mundo e de realidades educacionais. Para o autor, a palavra determina nosso pensamento, porque não pensamos com pensamento, mas sim com palavras.

Desta forma, Dalcídio Jurandir nos apresenta um mundo de possibilidades, construído por meios de palavras, metáforas e sentidos, no qual os diversos personagens são, acima de tudo, diferentes possibilidades de destinos possíveis para a compreensão da nossa própria existência. Assim, a leitura aqui se constituirá numa experiência de compreensão do Outro e, conseqüentemente, de nós mesmos; uma experiência de encontro com o outro e leitura de sua existência, que é capaz de nos “tocar” e de nos transformar. Assim, acompanhamos o conceito de experiência proposto por Larrosa (2002), ao ressaltar que o sujeito da experiência não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é também o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer, mas sim, sobretudo, aquele sujeito que é

envolvido e afetado na experiência e que mantém uma abertura ao diálogo e uma escuta à palavra do outro, um sujeito que se coloca como um território de passagem, que é sensível a esse acontecimento.

Desta forma, acreditamos que a leitura de uma obra literária seja capaz de produzir naquele que se dispõe à experiência do encontro com o texto alguns afetos e marcas em sua subjetividade de leitor. Assim, a leitura se caracteriza não só como um lugar de passagem, mas como um ato em que nos colocamos à disposição da compreensão do Outro. Nesse sentido, Larrosa (2002) reitera que, em qualquer caso, seja como território de passagem seja como lugar de chegada seja como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Desse modo, a leitura é compreendida como um gesto de hospitalidade à palavra do outro que nos vem ao encontro.

A leitura de uma obra literária é capaz de suscitar esta experiência pela qual podemos ser transformados durante a aventura e a travessia, pois o conceito de experiência, na perspectiva de Larrosa (2002, p. 21), está inscrito como aquilo que se passa conosco, que nos acontece, que nos toca, e a leitura de Dalcídio é capaz de nos proporcionar esta experiência de leitura e travessia rumo ao encontro com a alteridade do texto, à compreensão dos personagens e à autocompreensão de nós mesmos.

A literatura, enquanto desígnio de compreensão da realidade humana, possui uma especificidade, uma vez que se mostra diferente de todas as outras realidades. Segundo Marías (1993), a realidade humana é feita de realidades e irrealidades. Realidades, dentro de algo concreto, e irrealidade, sendo aquilo que ainda não está aparente ou que, ao longo de sua trajetória humana, no contato com outras realidades, altera-se, muda. Nunca é uma realidade pronta, acabada, pois nossa vida está afetada pela perspectiva espacial, temporal e afetiva que ocupamos. Logo, para o autor, “eu sou a minha circunstância”, e é em minha vida que me deparo com as *coisas* e *comigo mesmo*. *Viver* é, pois, estar vivendo, é *drama*, em que encontro a mim e às coisas.

Outra possibilidade que a literatura nos proporciona dentro deste contexto é a capacidade de compreensão do Outro, oferecida por meio das *imagens da vida humana*. Sendo assim, ainda de acordo com Marías (1993), é na literatura que nos

deparamos com os diferentes *eus possíveis, ou então de virtualidades possíveis*. Desta forma, é fundamental, antes de buscar compreender o Outro, que eu o imagine, que o vivencie para que, assim, eu possa entendê-lo melhor. Dentro desta compreensão é que consideramos a literatura, nesta análise, como importante mecanismo que nos possibilita diferentes imagens da vida humana, capaz de oferecer diversas experiências adquiridas por meio da leitura de histórias, vidas, dramas e tramas, inscritas nos personagens compostos, neste caso, por Dalcídio Jurandir, especialmente em Eutanázio, personagem central da análise deste trabalho.

Na busca pela compreensão desse personagem, a pesquisa realizou uma demarcação no campo analítico, por meio de um duplo movimento, para observar a relação que Eutanázio estabelece consigo e com os outros. O movimento consigo é revelado por meio da introspecção que ele efetua, expondo sua memória, sua infância, seus desenganos, ou seja, tudo que contribuiu para a formação de sua subjetividade, questões que ele revela como um drama interior/exterior.

Aliado ao movimento subjetivo, a pesquisa também enfocou as tramas interiores/exteriores vivenciadas pelo personagem. Da relação que Eutanázio estabelece com seus pais e com Irene, Felícia e o Bêbado, surgem permanentes questionamentos. Além disso, o personagem de Dalcídio Jurandir revela uma sensibilidade aflorada sobre o mundo que o cerca. Esses fatores interpelam Eutanázio, fazendo com que suscite, nele, tensionamentos sobre si, sobre a educação, sobre os outros e sobre o mundo.

É, portanto, em meio a este duplo movimento interno e externo que nos propomos a escutar a voz de Eutanázio, ora sendo sua, ora do outro, pois é nessa relação, tecida consigo e com os outros, que ele revela seus dramas e tramas, tanto sociais como existenciais, tecendo ainda questionamentos e diálogos consigo, com o outro e com o mundo.

É, portanto, por meio destas ponderações, que podemos compreender o primeiro romance de Dalcídio Jurandir, pois, dentro desse contexto, ele nos proporciona meios para conhecer o outro e a si mesmo. Ou seja, entre suas permanentes introspecções, seus personagens nos oferecem experiências de vida que abrem questionamentos para se pensar a nossa própria existência e a realidade em que estamos inseridos.

A obra *Chove nos campos de Cachoeira*, primeiro romance do escritor paraense Dalcídio Jurandir, faz parte da série de romances denominada Ciclo do Extremo-Norte, uma série de narrativas que descrevem a vida das comunidades ribeirinhas do Marajó, região do interior do Pará. Com esse romance Dalcídio estreia sua trajetória como escritor no cenário literário e ganha, um ano após sua publicação (1941), o prêmio Dom Casmurro de literatura.

Trata-se de uma narrativa densa, que nos oferece diversas possibilidades temáticas para uma análise mais fecunda. Por isso, é importante salientar também que esse romance vem sendo fonte de muitas pesquisas acadêmicas. De acordo com Pantoja (2006), há mais de sessenta nomes, entre pesquisadores críticos e literários, jornalistas e escritores que ajudaram a construir discursos e olhares sobre a obra de Dalcídio. Dentre esses trabalhos, o autor destaca que há, pelo menos, três perspectivas de configurar a referida narrativa.

Na primeira delas, destaca um olhar crítico aos aspectos e elementos regionais, folclóricos e documentais da obra. Dentro desta perspectiva, são enfocados os costumes, as lendas e os ditos populares que fazem parte da cultura marajoara. Na segunda perspectiva, encontram-se os trabalhos que revelam uma análise técnica da obra, os procedimentos narrativos e as estéticas da linguagem dalcidiana. De acordo com Pantoja (2006, p. 31), essas análises destacam, por exemplo, elementos constitutivos da obra de Jurandir com vistas à relação com algo externo a ela, seja o conceito, a escola, a ciência ou os escritores consagrados. Todavia, a obra, exatamente naquilo que se propôs, enquanto objeto artístico, permanece silenciada. A terceira perspectiva, que ainda deve ser explorada na narrativa, é aquela que se propõe a focalizar o elemento propriamente humano, o existencial. É nessa perspectiva, a mais escassa, que se encontram os trabalhos que enfocam o olhar numa análise humanística da obra, destacando-se nessas leituras o elemento existencial. É, portanto, nesse aspecto que a presente pesquisa atuou, por meio de um movimento de descrição, interpretação e análise da obra. Pela carência de estudos e, ao mesmo tempo, pela riqueza que essa obra nos oferece à temática, é que a pesquisa em questão se dispôs a operar na construção de uma interpretação do personagem Eutanázio, em seus dramas existenciais e em suas tramas sociais, em consonância com a educação.

Nesse sentido, o foco central desta pesquisa foi analisar, por meio do personagem Eutanázio, de que forma Dalcídio Jurandir nos propõe a pensar o humano e as questões que envolvem a sua trajetória de vida. No entanto, para podermos analisar esse personagem, devemos, antes de tudo, entender o seu contexto histórico.

A conjuntura histórica em que a obra se encontra inserida faz parte da primeira metade do século XX, período em que grande parte da sociedade passava por significativas mudanças. A história, a economia, a filosofia, a arte e, principalmente, a literatura sofreram essas profundas modificações. Pensar as mudanças desse tempo é também expor como elas afetaram diretamente o homem, tornando-o um sujeito *desreferenciado, perdido, assustado e pessimista diante da roda-viva do mundo* (ALMEIDA, 2007). Dentro desta perspectiva, é que se apresenta o personagem de Dalcídio Jurandir, Eutanázio, um sujeito que vive em meio a uma fragilidade constante, que faz com que este não consiga, nem se entregar à vida, e, muito menos, aceitar a morte.

Eutanázio é um homem que vive assombrado pelo medo, um sujeito que vive acometido por uma doença e que não possui receio em expressar tanto seu lado positivo quanto negativo. Dessa forma, atravessa a narrativa mergulhado em uma náusea perturbadora revelada por seus pensamentos contraditórios. As características desse personagem estão longe das características heroicas que os grandes clássicos nos apresentaram, no entanto, essa distância é que torna o herói de Dalcídio mais real, mais perto das descrições do sujeito em sua condição propriamente humana.

Nessa perspectiva, a opção pelo romance se deu, principalmente, por se tratar de uma obra que revela aspectos existenciais do indivíduo descrito por meio de uma introspecção. O jogo que Dalcídio constrói por meio das memórias de Eutanázio nos revela um mundo subjetivo desse personagem, entrelaçado por inquietações existenciais e conflitos sociais e educacionais. Um homem que observa sua memória, seus próprios atos mentais, tomando consciência deles e, ao mesmo tempo, torturando-se e transmitindo ao leitor seus dilemas existenciais. Dentro deste conteúdo mental que seu personagem nos oferece, observamos suas crenças, memórias da infância, suas dores físicas e emocionais, e, principalmente, seu medo diante da existência, ou seja, uma autoanálise que se volta sobre sua vida,

potencializando reflexões existenciais, mas sem coragem para enfrentar os obstáculos que a vida impõe.

Por meio de sua sensibilidade aguçada, Dalcídio Jurandir consegue penetrar nas mais profundas inquietações humanas e nos revela um mundo subjetivo e psicológico, visto através do olhar de Eutanázio, personagem escolhido para a referida análise.

A escolha desse personagem como vida em análise é pertinente, porque ele nos propõe uma série de provocações sobre seus questionamentos e que se tornam, conseqüentemente, também nossas inquietações. Essas inquietudes dizem respeito ao nosso próprio existir, temáticas que, talvez, não dediquemos um tempo necessário para refletir profundamente, mas que, nem por isso, deixam de atravessar nossa existência. A questão da evasão do tempo, a relação entre a vida e a morte, as dores físicas e existenciais, as angústias, a pobreza social de uma vida longe das letras e dos livros, o abandono da educação, a falta de planejamento para a vida, a formação dos homens e a impossibilidade do Ser diante dos fatos e das contingências da vida são temáticas e questionamentos colocados para se pensar a existência humana por meio de Eutanázio.

Dalcídio nos apresenta um personagem, carregado de conflitos e com uma densidade de questionamentos existenciais, que se coloca contrário ao contentamento da vida e sensível ao rompimento de obstáculos que encontra em sua trajetória diária. No entanto, embora ele nos ofereça um sujeito que está entregue à doença, ao aniquilamento e à morte, por outro lado, ele nos proporciona o contato com a memória de Eutanázio, que se apresenta mergulhado em uma autoanálise que nos acomoda, em um leque de reflexões existenciais. Eutanázio não busca seu passado apenas para lembrar aspectos de sua infância e juventude, mas, por meio de sua memória, ele traz fatos e acontecimentos do passado para um tempo presente com intenção de problematizá-los e mantê-los vivos; com isso, ele relembra sua infância, seu emprego e suas relações com os outros, fazendo com que as vozes que ressoam em sua memória sejam, acima de tudo, questões contestadoras que Dalcídio nos desafia a pensar junto com seu personagem.

Por intermédio desse personagem, o autor nos desafia a adentrar ao mais denso, profundo e doloroso universo humano, como forma de compreender nossas



próprias ações e os modos pelos quais somos afetados pelos outros e pelo mundo e, com isso, potencializar questões que são nulificadas em nossas reflexões diárias. É, portanto, por meio das ponderações e inquietações de Eutanázio, que verificamos a familiaridade com o nosso universo humano, e, embora seja difícil tocar nessas temáticas, acreditamos ser possível que adquiramos algo positivo dessas reflexões, uma vez que elas revelam nossas próprias inquietações, como indivíduos situados no mundo. Foi, portanto, dentro dessa linha que a pesquisa enveredou, buscando escavar nos pensamentos de Eutanázio algo que pudéssemos trazer para a nossa realidade. Acreditamos que, adotando esta postura, a Literatura exerça sua função como experiência de travessia e, com isso, nos proporcionar um encontro com Eutanázio em suas dores, dramas e tramas da existência. Esse encontro com o texto abre a possibilidade de experimentar práticas de leitura transformadora, pois nos desafia a viver o risco e o perigo de uma experiência que ainda não testemunhamos em nossa vivência.

Para realização deste trabalho, mantivemos vivo o diálogo entre literatura e filosofia, a fim de apoiar a análise no pensamento filosófico de Artur Schopenhauer, estabelecendo uma relação entre a narrativa literária de Dalcídio Jurandir e a obra *Dores do Mundo*, de Schopenhauer. Esta aproximação é pertinente e abre diversos campos de interpretação possíveis, porque entendemos que Eutanázio nos oferece vestígios, no decorrer da narrativa, para que possamos compreendê-lo melhor.

A partir dessa aproximação entre esses dois campos discursivos, literatura e filosofia, pode-se perceber que o personagem faz referência, em quase toda a narrativa, à obra *Dores do Mundo*, com a qual ele desejava ter contato. No entanto, a inconveniência dos vendedores da livraria e a falta de dinheiro fizeram com que Eutanázio não adquirisse a obra do autor de nome complicado. Sendo assim, esse personagem passa todo o romance questionando-se. Qual seria o conteúdo daquele livro somente visto e não tocado? O que aquela obra tinha a ver com o seu sofrimento? O que ela teria a dizer sobre suas dores? Atendendo aos anseios e tencionamentos de Eutanázio, verificamos que o melhor caminho para responder a essas inquietações seria o de ir ao encontro de Schopenhauer, por meio de uma pesquisa que enveredasse no campo fenomenológico-hermenêutico, buscando relacionar literatura e filosofia.

Portanto, nossa pesquisa caracterizou-se dentro de uma perspectiva fenomenológica pelo método de abordagem hermenêutica de Martin Heidegger (1995), cuja visão antropológica revela a essência do homem e o significado de sua existência. De acordo com ele, a essência do homem está ancorada em sua relação com o ser e não determinada pela racionalidade. Atualmente, o homem é caracterizado como um Ser dotado de racionalidade, porém, não é isso que define a sua essência. Sendo assim, sentimentos, memórias, imagens compõem-se como uma experiência de consciência. É importante ressaltar que valor da Fenomenologia não é verificar o mundo que existe, mas sim o modo como o conhecimento do mundo acontece, tem lugar, se realiza para cada pessoa. Para que isso ocorra, a abordagem fenomenológica necessita da suspensão das atitudes, crenças, teorias, e do conhecimento das coisas do mundo externo, buscando sempre centralizar a pessoa exclusivamente na experiência em foco, porque esta é a realidade para ela.

No que se refere à compreensão, Gadamer (2005) resalta que aquele que quer compreender, fazer uma interpretação correta, adotar um comportamento reflexivo diante da tradição, tem de proteger-se da arbitrariedade de intuições repentinas e da estreiteza dos hábitos de pensar imperceptíveis e voltar seu olhar para as coisas como elas mesmas. Nesse entendimento, apreendemos que aquele que se dispõe a compreender o Outro na obra literária não deverá entregar-se a uma decisão prévia de seus próprios conceitos, mas sim deve se colocar disposto a deixar que o outro lhe diga algo.

A hermenêutica desenvolvida por Gadamer (1998), em *Verdade e Método* também ultrapassa o domínio do controle da metodologia científica. Gadamer (1998) demonstra que a linguagem pode ser entendida como um meio para a compreensão do indivíduo e do mundo. De acordo com autor, o significado de um texto nunca se esgota nas intenções do seu autor, porque, quando a obra passa de um contexto histórico para outro, novos significados podem ser acrescentados e extraídos desse texto, muitos dos quais provavelmente não foram imaginados pelo seu autor ou pelo seu público. É neste sentido que ele se coloca contrário à interpretação de um método único para se alcançar a verdade.

Para Gadamer (1998), a preocupação não está pautada no estabelecimento de um método, mas sim na compreensão do modo de existência do próprio indivíduo em suas mais variadas possibilidades, ou seja, seguindo a tradição da ontologia

fundamental heideggeriana, pode-se dizer que a hermenêutica filosófica engloba a relação do leitor intérprete com o texto envolvido no círculo da compreensão.

Foi, portanto, por meio dessa abordagem que a presente pesquisa caminhou. Considerando a introspecção de Eutanázio, a pesquisa buscou mostrar a inquietação existencial que Dalcídio estabelece do homem, pois percebemos que ele não apresenta somente um personagem, mas compõe, descreve e problematiza a vida do indivíduo da forma como ela se apresenta, cheia de conflitos existenciais. A obra nos apresenta, acima de tudo, um Eutanázio que se encontra envolvido em um caos interno e externo de sua existência. A pequena vila revela a miséria, a fome de seus moradores e o abandono social e educacional por parte daqueles que a governam. Por outro lado, também destaca os personagens no seu mais íntimo conflito, tendo que lidar com sua desordem interna, como é o caso do personagem em análise neste trabalho.

## 1.2 O DESAFIO DE IR AO ENCONTRO DE EUTANÁZIO

Eutanázio, nosso personagem-sujeito de pesquisa, se destaca dos demais personagens da narrativa por apresentar uma característica paradoxal. Esse movimento duplo do personagem é demarcado por uma inconstância revelada em cada fase de sua trajetória. Esta instabilidade desponta de um lado um sujeito pessimista diante da existência, e de outro, reflexões densas não observáveis pelos outros personagens que compõem a narrativa. Para Costa (2014), ele é ambíguo por representar a miséria e a falência do ser humano e, ao mesmo tempo, apontar, por meio de suas memórias, ser um dos mais importantes personagens leitores de grandes autores, que coloca em evidência questões da vida social e da vida humana.

O acesso à leitura fez com que Eutanázio manifestasse uma inclinação para a vida cultural. No entanto, sua vida social e sua vida familiar foram marcadas por situações desagradáveis, que fizeram com que ele assumisse uma postura negativa diante de sua existência, desistindo de afirmar a vida, mas sem deixar de questionar os problemas existentes nela. Observando este movimento de desapego à sua própria vida, mas com questionamentos importantes, é que a pesquisa enfocou seu campo de análise nesta dupla exposição que o personagem apresenta, evidenciando ora seu mundo interno conturbado de desejos e decepções, ora seu

mundo externo, revelando as consequências de tudo o que ele se tornou. Entendemos, diante dessas ponderações, que Dalcídio nos instiga a pensar uma educação que esteja articulada à vida humana, com suas indeterminações e determinações. Um humano compreendido enquanto um projeto indeterminado e complexo, que constrói seu destino na liberdade do próprio ato de caminhar, entretanto um caminhar que se faz em meio às determinações históricas, econômicas e sociais em que está inserido.

Assim, a proposta de ir ao encontro de Eutanázio gera inúmeros questionamentos de pesquisa e abre um novo caminho a percorrer nesse processo, com desafios e inquietações que percorrem a análise, dentre os quais podemos destacar, por exemplo, como caminhar com um Eutanázio por meio da dor, da angústia, do tédio, da vontade do nada sem se deixar contaminar pela sua experiência do pessimismo diante da vida? Como pensar a existência e a educação pelas dores do mundo, sem, contudo, mergulhar no pessimismo de Eutanázio ao pensar a existência e a educação? A partir de Eutanázio, como transfigurar o pessimismo da existência em vontade de afirmação da vida e da educação? Como encontrar nas dores do mundo de Eutanázio a leveza que permita pensar uma educação como vontade criativa de afirmação da vida?

Logo, destacando a voz de Eutanázio e daqueles que o interpelam na narrativa, foi possível fazer um diálogo principalmente com Schopenhauer, para que pudéssemos extrair dessa interseção uma resposta que nos permitisse articular as questões humanas a uma perspectiva de educação humana, que considerasse as dores do homem, certos de que Dalcídio Jurandir, em contato com Schopenhauer, oferece-nos uma matéria densa, capaz de suscitar um instigante diálogo entre os campos da Literatura, da Filosofia e da Educação.

Nesse sentido, refletir sobre Eutanázio é, ao mesmo tempo, problematizar nossas próprias questões internas interligadas com as questões sociais e educacionais presentes no contexto atual. Essa discussão é relevante, porque nela encontramos a dimensão da vida humana, relatada por meio de uma obra que narra a vivência diária de uma comunidade de indivíduos e discorre, principalmente, sobre o contexto existencial do sujeito do começo do século XX, permeado de indagações sobre a sua existência, angustiada e enfastiada da vida, o que é ressaltado na literatura de Dalcídio.

Ao explorar as reflexões que essa obra nos apresenta, buscamos mostrar que um dos aspectos que destacam a grandiosidade da literatura de Dalcídio Jurandir é o permanente diálogo que o escritor paraense estabelece com os diversos campos da literatura e da filosofia, especialmente com o pensamento filosófico de Schopenhauer, em sua obra *Dores do Mundo*. Outro fator pertinente nesta análise é o revelado pela extensão que essa obra se desenvolve. Muitos trabalhos apontam que a literatura de Dalcídio se enquadra numa categoria regionalista, no entanto, o que se pretende aqui é revelar que sua obra não se esgota em uma definição, pois é capaz de dialogar com grandes autores e debater temáticas que fogem desse enquadramento regionalista. Costa e Cardoso (2015, p. 2) afirmam que,

Ao contrário, suas linhas não são sentenças, mas pontos de vistas singulares que transpassam as fronteiras literárias, geográficas e temporais com uma intensidade no dizer e no silenciar e uma ousadia no pensar modos de vida e de uma educação como *invenção*, espreitando a *vida* como jogada de criação lá onde eventualmente ela é sofrimento e resignação.

Desta forma, a pesquisa pode contribuir como importante discussão no campo social e acadêmico. No âmbito social, podemos ressaltar a relevância de trazer para o espaço de debate a possibilidade de relatar mais uma vez situação de denúncia das desigualdades sociais que Dalcídio deixa evidente em sua obra. Essas desigualdades e misérias, que são relatadas na narrativa, são também reflexões problematizadas por Eutanázio. A sensibilidade do personagem diante das mazelas sociais faz com que este se entregue às doenças, como forma de protesto ou, até mesmo, como impossibilidade de lutar contra aquela realidade que ele não sabe enfrentar. Eutanázio é, acima de tudo, um personagem profundamente humano, e, diante das situações desumanas, ele revela em suas memórias um pensamento crítico sobre a condição humana da vila de Cachoeira, além de profundas inquietações sobre o homem e sua situação de desigualdade social e abandono da educação de sua época.

No campo acadêmico, acreditamos que esta pesquisa pode potencializar discussões em torno de uma educação que permita centralizar o elemento humano. Por meio desse personagem, buscamos evidenciar a complexidade da natureza humana e sua relação com o mundo. Para realizar tal leitura e análise, a companhia do pensamento de Schopenhauer foi de grande importância, pois, em diálogo com Dalcídio, conduziu o exercício desta interpretação. Para Schopenhauer, o humano

tem componentes suficientes para que a filosofia se ocupe a refletir. Sendo assim, acreditamos que o trabalho se caracterize em pensar uma educação na perspectiva da centralidade do humano, que busca discutir a dimensão existencial do ser humano, como forma de elevar para o campo educacional questões que partam de uma reflexão humana. Falar de uma educação, partindo do elemento humano e de suas implicações, nos permite também centralizar esse elemento, e, conseqüentemente, nos conhecer melhor.

Por fim, revisitar a obra de Dalcídio significa também atualizar e potencializar sua importância para com o tratamento de temáticas tão relevantes. O modo sensível e cuidadoso do escritor, que conseguiu traduzir em letras acontecimentos de sua época e que tão bem conduziu suas obras, deixa-nos, hoje, uma profunda admiração e respeito pela sua criatividade e seriedade.

## II. CONSIDERAÇÕES SOBRE A VONTADE E A DOR DA EXISTÊNCIA

### 2.1 APROXIMAÇÕES AO PENSAMENTO INQUIETANTE DE SCHOPENHAUER

Com a finalidade de compreender a figura do personagem Eutanázio na obra *Chove nos Campos de Cachoeira*, sentimos a necessidade de fazer, primeiro, uma transição pelo pensamento filosófico de Artur Schopenhauer, a fim de compreender as concepções filosóficas deste autor, bem como o contexto em que surge sua filosofia, que são elementos que podem nos auxiliar melhor nesta busca pelo entendimento do personagem que, até hoje, foi lido e caracterizado por muitos como um homem pessimista.

Contudo, acreditamos que, embora esse personagem possa assumir contornos que o caracterizam numa perspectiva pessimista, nesta análise buscamos potencializar as reflexões que ele nos oferece, com a finalidade de ressaltar suas intrigantes ponderações e dramas existenciais. Neste sentido, partimos da ideia de considerar os pensamentos de Eutanázio como pontos importantes para a reflexão sobre a vida, a saúde, o amor, o tédio, a morte, a educação, enfim, sobre o homem em sociedade e as inquietações que permeiam sua trajetória de vida.

Hage (2014) ressalta que a obra *Chove nos campos de Cachoeira*, desde o começo, já anuncia um Eutanázio num estado de moléstia, num processo de dissolução, de enfraquecimento. Essa visão também é representada por quem lhe descreve, como, por exemplo, no pensamento do irmão Alfredo, o outro protagonista da obra, que relata a degradação tão expansiva que parece se espalhar por tudo, impregnando o local onde moram.

Silva (2010), por sua vez, considera que a narrativa é feita a partir do mais angustiado dos personagens dalcidianos, Eutanázio, irmão mais velho do personagem central, o menino Alfredo. Eutanázio percorre todo o romance como expressão de autoaniquilamento, alguém que passa pela vida como um doente terminal, que não possui nem deseja qualquer esperança de cura. O autor, em terceira pessoa, descreve uma subjetividade marcada pela martirização interminável, cuja vida se reduz a uma incessante agonia, cujo alívio só pode ser alcançado pela morte.

Ampliando o campo de leitura e interpretação do personagem Eutanázio, Fares e Nunes (2004) empreendem uma leitura psicanalítica do personagem,

apontando seu sentimento de luto suicida e de autodestruição, que o acompanham desde o nascimento: “Ele sofre o luto da agonia primitiva: o ato de nascer, que, no viés da psicanálise, representa a expulsão do paraíso uterino, assim, viver é sofrer. Eutanázio é movido pela pulsão de morte” (FARES; NUNES, 2005, p. 54). Esta, por sua vez, é refletida em toda trajetória da narrativa.

Entretanto, embora algumas pesquisas apontem para a questão de o personagem de Dalcídio revelar esse sentimento de desistência de sua própria vida, de autodestruição e de decadentismo, numa espécie de falecimento em vida, procuramos revelar, nesta pesquisa, tais características como pontos centrais para nossas indagações.

É fato que Eutanázio revela-se como um personagem abatido, uma espécie de resignação diante da vida, mas, além destas ponderações, preferimos aqui ressaltar que, embora essas características possam ser entendidas por muitos como um elemento negativo, corrosivo, aqui preferimos potencializá-las, no sentido de trazer para o campo de discussão o componente da vida humana. Assim, acentuamos a análise do personagem na filosofia de Schopenhauer, que apresenta um pensamento paradoxal diante da existência humana.

Buscamos aqui potencializar as reflexões que esse filósofo nos oferece com a finalidade de ressaltar suas intrigantes ponderações. Neste sentido, partimos da ideia de considerar as reflexões de Eutanázio como pontos importantes para a reflexão da vida, da morte, da dor, da angústia, da educação do homem em sociedade e das inquietações existenciais que permeiam a trajetória do indivíduo.

Para acompanhar esta análise, contamos com a reflexão do pensamento filosófico de Schopenhauer. A escolha pela aproximação desta reflexão ocorreu pelo fato de o personagem Eutanázio evocar, diversas vezes na narrativa, uma obra deste autor: “Ele começou a pensar num livro que vira nas livrarias em Belém. Lembra-se bem. Dores do Mundo, o título. O autor era um nome difícil. Não queria saber do autor, queria saber do livro (JURANDIR, 1991, p. 22). Entendemos que, ao revelar esta obra, Dalcídio nos oferece vestígios para que possamos ir em busca da concepção filosófica schopenhaureana, que permita entrar em diálogo, perguntar e ser perguntado na possibilidade de compreensão desse personagem.

Sendo assim, ousemos abrir o livro que ficou na estante somente contemplado por Eutanázio, mas que, de alguma forma, fez dele sua própria



existência. Ousemos abrir o livro e, com isso, correr os riscos e os perigos de sua leitura e viver a experiência da aventura do encontro com o “instigante pensamento” de Schopenhauer. A experiência de leitura do livro *Dores do Mundo* se caracteriza, aqui, como o principal componente que nos auxiliou nesta interpretação, já que o personagem atravessa grande parte da narrativa se questionando sobre o que deveria ser o conteúdo deste livro.

A escolha dessa obra é relevante, porque comungamos com a ideia de Gadamer (2004), ao salientar que é necessário estar “aberto” à opinião do autor, pois o texto expressará sua opinião, e que, embora não coincida com a minha, deverá ser “escutada” se quisermos acrescentar algo à própria compreensão. Sendo assim, atentamos à escuta de Eutanázio e enfrentamos ler o livro que não foi lido por ele. Dessa forma, entendemos que, quando o personagem nos oferece subsídio de texto que precisa ser escutado, a finalidade de apreensão de entendimento do personagem será mais valiosa. Assim, aprofundaremos nossa pesquisa, principalmente nas concepções de Schopenhauer, na tentativa de abrir o livro somente visto e deixado na estante por Eutanázio. Enfrentar o desafio de abrir o livro do autor “de nome desconhecido e complicado” que ficou na estante, uma proximidade com a obra que nos permita viver uma experiência de leitura e compreensão filosófica dos dramas de Eutanázio e da nossa própria condição existencial no mundo.

Ao adentrar o universo filosófico em contato com as primeiras leituras a respeito de Artur Schopenhauer, verificamos que ele é considerado por muitos estudiosos como um pensador extremamente pessimista. Sua filosofia é considerada como instigante densa e acentuada na história da filosofia. Sua escrita filosófica possui uma linguagem clara e provocativa, e, de acordo com Camargo (2011), seu pensamento influenciou pensadores como Nietzsche, Wittgenstein, Horkheimer, Sartre, Cioran, escritores como Franz Kafka, Thomas Mann, além de Freud, criador da psicanálise, entre outros.

Cobra (2013) destaca que Artur Schopenhauer (1788-1860) foi filho de pai comerciante e de mãe romancista. Seus pais desejavam que este trilhasse o mesmo caminho que o pai, no entanto Schopenhauer se colocou totalmente contrário às vontades deles e enveredou por um caminho diferente. Tornou-se filósofo e com seus estudos realizou um profundo mergulho na história da filosofia e existência

humana e, com isso, deixou um legado muito importante para a filosofia e para a compreensão da própria vida, a natureza humana e as questões da existência. Schopenhauer viajou pela Europa e, nesta sua trajetória, fez apenas anotações sobre a existência. Seu olhar se direciona a descrever as condições miseráveis do ser humano.

Após a morte de seu pai, por suicídio, e algumas desavenças com sua mãe, Schopenhauer se ocupou em dedicar-se aos estudos, atividade que mais lhe agradava. Retornou à carreira universitária e passou a se aprofundar mais ainda nos estudos humanísticos, área do conhecimento que mais lhe proporcionava prazer e atenção filosófica.

Zampieri (2007) lembra que em sua principal obra *O mundo como vontade e como representação*, Schopenhauer nos oferece uma nova visão de pensar a filosofia que se coloca *a priori* totalmente oposta à filosofia kantiana. Para Schopenhauer, o mundo não é apenas uma representação, mas, principalmente, o que sentimos. Segundo ele, é preciso dar valor à vida quando falamos de filosofia, pois o homem tem elementos suficientes para se refletir filosoficamente. Neste entendimento, ele desenvolve a concepção de que todos somos motivados pela vontade e é ela que impulsiona a vida, que se coloca por trás de tudo. A vontade é a tendência que todos temos de querer uma vida de realizações, de um querer incessante.

A filosofia de Arthur Schopenhauer merece ser revisitada e colocada novamente para o campo de discussão, pois nela o autor nos apresenta o mundo de maneira distinta à qual sempre fomos habituados a conhecer. De acordo com Zampieri (2007), ao contestar Leibniz, Schopenhauer nos apresenta outra versão de pensar o mundo em que vivemos como “o pior dos mundos”, onde as dores e os sofrimentos são componentes frequentes e permanentes na vida do Ser. No entanto, essas dores e sofrimentos possuem outra concepção na visão do autor, são elas que potencializam nosso viver.

O pensamento filosófico deste autor surge, a princípio, como contestação à filosofia de Kant (1724-1804), e se contrapõe ao fundamento de que o conhecimento humano é fruto dele próprio, ou seja, de algo que reside no próprio sujeito, não naquilo que ele diz conhecer. Em sua obra *O mundo como vontade e como*

*representação*, Schopenhauer se coloca, enfim, como o grande contestador da filosofia de sua época.

Como herdeiro de um pensamento metafísico, Schopenhauer concebe duas dimensões para analisar o mundo, a da representação e a da vontade. Assim, o mundo pode ser entendido por esses dois vieses. Na representação, o mundo é apresentado à nossa consciência, seguindo o princípio da razão. A vontade é, portanto, o próprio mundo em sua essência, isento de consciência.

A vontade e a representação são dois polos, pelos quais Schopenhauer nos apresenta a totalidade do mundo. A vontade, segundo o autor, é o mundo em si, a coisa em si, a essência do mundo, para além do fenômeno, independente da consciência. Na vontade, o corpo é apresentado como objeto imediato.

O mundo como representação pode ser compreendido como dois núcleos que se interligam: o sujeito e o objeto. Nesses dois meios, um é dependente do outro. O sujeito é o responsável pela criação da representação e o objeto é a consequência desta representação. Para o autor, o fenômeno que conhecemos é a pura representação, sendo assim, tudo que sabemos não passa de uma representação do mundo.

Dentro desta concepção, Schopenhauer esclarece que, dado o espaço, tempo e causalidade não passam de formas de nossa representação. Todos esses elementos não asseguram, em si, uma essência do real. Na sua visão, o sujeito possui a capacidade cognitiva de reconhecer-se, identificar suas representações e também as suas vontades.

Para Schopenhauer, a vontade é compreendida como a realidade que sustenta o mundo das representações. Esta vontade se manifesta por todos os lados, como um núcleo principal que move o agir do ser humano. Dentro desta concepção, o autor ressalta que o homem não é tão livre assim, pois nada acontece se não provém de uma necessidade. Para ele, o corpo objetiva a vontade, enquanto impulso infinito, uno e irracional, e independe de qualquer individuação. Todo ato real da vontade do sujeito é o movimento de seu corpo, o corpo é apenas a vontade tornada aparente, é a própria vontade enquanto objeto da intuição. Assim, toda impressão exercida sobre o corpo afeta imediatamente a vontade, de onde deriva, então, o prazer e a dor.

A filosofia de Schopenhauer se diferencia em muitos aspectos do pensamento filosófico de seu tempo. Nela, a vida humana assume uma centralidade e é revelada, dando ênfase às dores e ao sofrimento como sentimentos superiores, enquanto que a felicidade não passa de sensação momentânea. A vida de forma geral é caracterizada como uma experiência cruel e, do ponto de vista dele, só a dor é a essência do mundo.

Tomando a dor como elemento positivo para a vida humana, Schopenhauer propõe que a única forma de se afastar dela é, portanto, tentando evitar as paixões e os desejos. Essas vontades, que são as fontes causadoras de todo sofrimento, podem ser apaziguadas pela arte, especialmente pela música, que, para o autor, é a mais elevada de todas as artes. Porém, ela tem a função somente de tranquilizar o sofrimento, sendo que este só seria possível pela extinção completa das vontades. Neste sentido, ressalta que a fatalidade da vida está na natureza da vontade, que estimula constantemente o indivíduo a realizá-las, direcionando-o, por conseguinte, para uma trajetória dolorosa.

A filosofia de Schopenhauer acaba divergindo de outras tradições filosóficas, pois ele analisa o mundo, o homem e suas imperfeições. Chega até a afirmar que “vivemos nos piores dos mundos possíveis”. Segundo ele, a vida do indivíduo é caracterizada por uma série de infelicidades, em que até a morte se apresenta como uma afirmação da vontade daqueles que se encontram impotentes diante da sua trajetória diária. Critica o fato dos otimistas ignorarem as fatalidades da vida. Desta forma, sugere que a escolha mais sensata ao ser humano seria obedecer à natureza, pois ela garante a conservação da existência e nos permite constantemente compreender as adversidades.

Outro fator que o autor salienta é o egoísmo como forças de auto conservação e o princípio de toda a guerra. A vontade egoísta de preservar a sua matéria e não sua espécie faz com que o homem pratique as maiores atrocidades. O egoísmo para ele se apresenta como um dos grandes males do Ser humano, pois todas as ações humanas surgem em regra do egoísmo. O egoísmo é, portanto, um fator ilimitado, pois o homem procura conservar sua existência se apropriando de qualquer meio para assim alcançá-la. Por outro lado, também busca se distanciar de todo tipo de situações que lhe causam dores, adotando, assim, uma vida que lhe possibilite bem-estar e todo o prazer que seja capaz de provar. Com isso, toda força

que se coloca contrária à realização prazerosa provoca no homem toda sua ira e todo seu ódio.

No que diz respeito ao conceito de representação, Schopenhauer considera que a representação é o mundo como ele aparece à consciência, como fenômeno, segundo o princípio de razão. Já a vontade, de acordo com ele, é o mundo em si, a coisa em si, a essência do mundo, para além do fenômeno, independente da consciência. De acordo com Zampieri (2007), Schopenhauer aceita Kant quando este faz a separação entre fenômeno e *noumenon*, porém vai além de Kant na medida em que não aceita que o mundo em si seja incognoscível. O mundo em si pode ser conhecido e responde pelo nome de vontade. O mundo em si é vontade e, para nós, para a consciência, o mundo é representação.

O mundo como representação, objeto do primeiro livro do *Mundo como vontade e como representação*, é o mundo conhecido desde o ponto de vista da razão. No limite da razão ou, se quiser, sob o *princípio de razão*, o que conhecemos do mundo é apenas o que se apresenta à consciência em forma de fenômeno por meio das categorias de tempo, espaço e causalidade e não o que a coisa é em si. “O mundo é minha representação”, diz Schopenhauer na abertura do seu livro máximo.

Zampieri (2007) enfatiza que Schopenhauer fora influenciado por Platão e Kant e sua filosofia vai apresentar como característica um contraponto ao idealismo. Desta forma, sua reflexão terá como base a irracionalidade da vontade, e não da razão, como propunha o idealismo, pois, para o princípio que governa o mundo, não é a razão, mas sim a vontade. Na sua concepção, a própria razão é um engano da vontade universal, uma vez que ela nos faz acreditar que possuímos valor pessoal, que somos igualmente livres, que buscamos a felicidade. No entanto, na verdade, ela é a vontade universal, servindo-se de tudo isto para conseguir seus fins relativos à conservação e ao avanço da espécie humana.

De acordo com o autor, tudo o que nos é aparente se apresenta diante de nós como algo bom e belo. Este espírito de perfeição, esta ideia de felicidade é ilusória, pois não passa de sensações efêmeras. A respeito do pessimismo na filosofia de Schopenhauer, ele se apresenta contra ao idealismo hegeliano, pois defende aspectos irracionais da vontade humana.

Em *O mundo como vontade e como representação*, verificamos, portanto, que Schopenhauer desenvolve a teoria de que o mundo pode ser visto sob duas extensões, a primeira é a vontade, a segunda a representação. O mundo como representação sendo o que aparece à nossa própria consciência sob as categorias de espaço, tempo e causalidade. Já o mundo sob a ótica da vontade é aquele que independe da consciência, é o mundo em si. Esse o mundo de um querer cego e irracional, que é expresso na própria natureza.

Nesta concepção, de acordo com Zampieri (2007), Schopenhauer não se enquadra nem no idealismo, nem no realismo, uma vez que, para a concepção realista, é do conhecimento que se deduz o objeto e, conseqüentemente, o seu sujeito. Já para o idealismo, esse processo ocorre de forma contrária, ou seja, num primeiro momento, há o contato do sujeito para, então, deduzir o objeto. Schopenhauer distancia-se destas filosofias e adota um terceiro elemento, que será a representação, e a esse novo método a representação irá intermediar a concepção entre sujeito e objeto. Ou seja, a relação de conhecimento entre ambos é o que ele considera como representação.

Dizer que o mundo é “minha representação”, como afirma Schopenhauer, implica dizer que o mundo não é idealista e tampouco realista, mas sim um mundo como é apresentado à experiência tanto do sujeito do conhecimento, quanto do sujeito, relacionando-se mutuamente, ou seja, o mundo que envolve o sujeito do conhecimento é conhecido a partir de uma representação que é feita por meio de uma representação que é feita dele, o que Schopenhauer denomina de “óculos intelectuais” interiores, que servem para se conhecer as coisas e enxergá-las tais como elas aparecem.

Partindo dessa compreensão, os sentidos irão construir uma representação, mas isso só será possível a partir de uma predisposição em que o objeto se apresenta no espaço, no tempo e numa determinada relação de causa. Esses três fatores somados formam o que ele denomina de “princípio da razão”.

Com base nesse princípio, é possível compreender dois aspectos do conhecimento humano, o entendimento e a sensibilidade. No que concerne ao entendimento, ele pode ser desenvolvido levando em consideração o espaço, o tempo e a causalidade, portanto, o mundo é a minha representação, a partir do que estes três aspectos apresentam sobre o objeto observado pelo sujeito.

A sensibilidade está relacionada com o conteúdo, ou seja, é a sensibilidade que desenvolve o conteúdo, para que com ele o pensamento traga a representação que resulta no conhecimento. De acordo com o autor, o entendimento sozinho não gera nenhum conhecimento, ou seja, a mera sensibilidade à afeição dos sentidos não é o bastante para que o sujeito adquira qualquer percepção do mundo. Desta forma, acrescenta ele, pela sensibilidade por si só não é possível criar uma representação de um mundo pronto e acabado.

Os sentidos são “estimulados pelo objeto exterior (luz, som, odor) dando a sensação: a modificação que os sentidos recebem de tal impressão não é ainda uma intuição, mas apenas a matéria que o entendimento transforma em intuição” (SCHOPENHAUER, 2003 p. 41). Nesta definição, é importante considerar o corpo e suas sensações também como parte integrante do conhecimento, pois a racionalidade se torna algo dependente dos estímulos corporais, ou seja, é por meio da percepção do corpo que podemos conceber o conhecimento. O corpo, que possui uma função fundamental no ato do conhecimento, de acordo com o autor, é a "representação que serve de ponto de partida para o sujeito do conhecimento" (SCHOPENHAUER, 2003, p. 22). É por meio deste fenômeno que é possível alcançar a intuição e, conseqüentemente, as lógicas da razão.

Embora o autor tenha partido de fontes kantianas, Schopenhauer discorda desse filósofo, pois, para Kant, o conhecimento verdadeiro só é possível através do conhecimento científico. Para Schopenhauer, o mundo como representação, além de fenomênico, é também ilusório, pois, num dado momento, as coisas se transformam, ora podem ser, ora podem deixar de ser. Na relação de tempo, efeito e causa, acontece a mesma coisa. O mundo como representação é, portanto, um mundo de ilusão. Nesse aspecto, Schopenhauer já converge sua filosofia para um mundo que pode ser compreendido por meio do mundo das ideias, da inteligência, independentemente da consciência.

A vontade produzirá um efeito, convertendo-se em sofrimento, felicidade, dores, desejos, angústia, enfim. É nessa manifestação que Schopenhauer considera-a como faminta, pois, uma vez satisfeita a vontade, logo em seguida surgem outras, tornando-se, portanto, um círculo vicioso e incessante.

Assim, a satisfação é momentânea, contrapondo-se ao sofrimento que será contínuo. Desta forma, a felicidade é passageira, ao passo que os obstáculos

encontrados pela vontade são contínuos. Podemos dizer que esse é o processo desencadeado pela vontade, é sua essência, daí porque Schopenhauer dizer que a vontade não tem consciência.

Dentro desta perspectiva, o filósofo esclarece que é impossível existir algo fora da vontade, o mundo objetivo é a representação. Sendo assim, o sofrimento “[...] se assenta no fato de a Vontade ter de devorar a si mesma, já que nada existe de exterior a ela, e ela é uma Vontade faminta. Daí a caça, a angústia, o sofrimento” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 219).

O autor ainda admite que “o sofrimento é essencial a toda a vida” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 368). Nesta acepção, ele revela o sofrimento como sendo condição da própria vontade, como sendo algo inerente à vida, uma constante experiência em que todo homem conhecerá constantemente.

Portanto, a dor, o sofrimento e a infelicidade são elementos necessários, pois é a partir deles que a vida se constitui. São eles que irão substituir o tédio da vida humana, e é nesta perspectiva que o autor salienta que esse sofrimento é positivo para a vida do Ser.

Não conheço nada mais absurdo que a maior parte dos sistemas metafísicos, que explicam o mal como uma coisa negativa; só ele, pelo contrário, é positivo, visto que se faz sentir... O bem, a felicidade, a satisfação são negativos, porque não fazem senão suprimir um desejo e terminar um desgosto (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7).

A filosofia de Schopenhauer não se destaca apenas por seus aspectos instigantes, mas, sobretudo, por se colocar como um pensador contestador. Contestador por apresentar uma filosofia que diverge de seus contemporâneos, e, até mesmo, da história da filosofia. Contestador, por contrariar o significado da dor humana, pois a dor, na sua concepção, é a mais positiva das sensações humanas, uma vez que nos faz sentir, permite-nos refletir e reforça em nós os sentimentos de vontade de querer continuar nesta vida.

Por meio de sua filosofia, Schopenhauer contesta o entendimento negativo atribuído ao sofrimento e questiona o modo de como a dor é concebida na sua relação com a existência, justificando que é por meio do sofrimento que nos tornamos mais humildes. Para fundamentar sua filosofia, ele afirma que “[...] assim como o nosso corpo reventaria se estivesse sujeito à pressão da atmosfera, do



mesmo modo se o peso da miséria, do desgosto, dos reveses e dos vãos esforços fosse banido da vida do homem” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). É dessa forma, porém, que o autor afirma a necessidade de o homem conviver com a dor, com o sofrimento e com a miséria de sua existência, para que, assim, possa equilibrar-se diante da trajetória de sua vida.

Ao contestar o argumento negativo sobre a dor, Schopenhauer admite que é por meio das dificuldades que os homens se mantêm vivos. Salienta que “[...] se todos os desejos, apenas formados, fossem imediatamente realizados, com que se preencheria a vida humana, em que se empregaria o tempo?” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). Nesse sentido, é essencial elevar a dor, pois, pelo tormento e pelo desgosto, é que o homem emprega seu tempo, alivia o tédio e busca, diante das dificuldades, afirmar a existência de maneira mais plena e humana.

O aborrecimento dá-nos a noção do tempo, a distração tira-a. O que prova que a nossa existência é tanto mais feliz quanto menos a sentimos: de onde se segue que mais vale ver-nos livres dela. Não se poderia absolutamente imaginar uma grande e viva alegria, se esta não sucedesse a uma grande miséria porque nada há que possa atingir um estado de alegria serena e durável; o mais que se consegue é distrair, satisfazer a vaidade. É por este motivo que todos os poetas são obrigados a colocar os seus heróis em situações cheias de ansiedades e de tormentos, a fim de os livrarem delas: drama e poesia épica só nos mostram homens que lutam, que sofrem mil torturas, e cada romance oferece-nos em espetáculo os espasmos e as convulsões do pobre coração humano (SCHOPENHAUER, 1970, p.12).

O autor afirma que o aborrecimento não pode ser caracterizado como um mal para que possamos dele desdenhar, pois ele é o caminho pelo qual nossas percepções se tornam mais abundantes. Contesta o entendimento negativo da dor provocada pelo aborrecimento, pois é por meio da dor, da inquietação e da insegurança que aumenta também nossa necessidade de olhar para o próximo. “À medida que os nossos prazeres aumentam, tornam-nos cada vez mais insensíveis; o hábito não é já um prazer. Por isso mesmo a nossa faculdade de sofrer é mais viva; todo o hábito suprimido causa um sentimento doloroso” (SCHOPENHAUER, 1970, p.12).

Schopenhauer ainda salienta que considera Voltaire feliz, pois foi tão favorecido pela natureza, e que pensa como ele, quando diz: “A felicidade não passa de um sonho, só a dor é real” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 12). É envolvido por

essa mesma concepção que Schopenhauer também desenvolve sua filosofia e acrescenta: "Há oitenta anos que o experimento. Não sei fazer outra coisa senão resignar-me, e dizer a mim mesmo que as moscas nasceram para serem comidas pelas aranhas, e os homens para serem devorados pelos pesares" (SCHOPENHAUER, 1970, p. 12).

## 2.2 NAS DORES DO MUNDO EUTANÁZIO ENCONTRA SCHOPENHAUER

Em *Dores do mundo*, Schopenhauer tece pequenos ensaios sobre alguns assuntos que envolvem a vida humana como: o Amor; a Morte; a Arte; a Moral; a Religião; a Política; o Homem e a Sociedade. Ao desenvolver essas temáticas, o autor procura evidenciar como as dores estão constantes em cada questão que faz parte da vida do homem. Entretanto, o homem faz questão de ignorá-las, ou, em alguns casos, desconhecê-las.

Ao tomar como ponto de reflexões estas temáticas, o autor adverte que é preciso que o homem procure se inclinar mais em relação a elas, no sentido de compreender sua própria existência e a sua relação com o mundo, pois a maioria dos homens vive sem pelo menos se questionar sobre suas particularidades humanas.

Schopenhauer desenvolve seu entendimento filosófico nesta obra, manifestando a importância da dor para a existência humana, pois, de acordo com ele, é somente por meio dela que o indivíduo deixa manifestar melhor seu lado humano, e é por meio dela que ele também passa a observar o que realmente merece ser considerado nesta trajetória diária que todos os indivíduos transitam.

Só a dor é positiva — Tormentos da existência — O nada preferível à vida — O fim da Filosofia não é consolar — O otimismo insustentável de Leibnitz — Pecado original — O mundo, um lugar de penitência. Se a nossa existência não tem por fim imediato a dor, pode dizer-se que não tem razão alguma de ser no mundo. Porque é absurdo admitir que a dor sem fim, que nasce da miséria inerente à vida e enche o mundo, seja apenas um puro acidente, e não o próprio fim. Cada desgraça particular parece, é certo, uma exceção, mas a desgraça geral é a regra (SCHOPENHAUER 1970, p. 7).

O autor começa ressaltando que o princípio da filosofia não deveria ser a oferta de um consolo para a existência, já que o bem-estar juntamente com a promessa de felicidade são sempre algo insustentável e solúvel. A finalidade da filosofia deveria estar pautada em demonstrar que a dor é um fator que possibilita o

despertar do sujeito para a vida, pois é por meio dela que o homem é capaz de perceber que está vivo: “Não atentamos na saúde geral do nosso corpo, mas notamos o ponto ligeiro onde o sapato nos moléstia; não apreciamos o conjunto próspero dos nossos negócios, e só pensamos numa ninharia insignificante que nos desgosta. O bem-estar e a felicidade são, portanto, negativos” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). Quando o autor desenvolve sua concepção, ele acaba contrariando o princípio da filosofia, pois, para ele, ela deveria partir de um princípio que pudesse potencializar a dor.

Ao desenvolver essa reflexão, ele procura ressaltar que as dores e os sofrimentos, as angústias que acometem a existência humana são muito mais superiores que a realização do prazer. Para Schopenhauer, o homem se encontra mais capacitado para vivenciar dores do que realizar suas vontades, pois as dores estão presentes no seu campo diário e o acompanham durante toda a vida. Desde o nascimento até a morte, elas estão presentes, enquanto que a realização do prazer só acontece paulatinamente.

Quando Schopenhauer desenvolve sua filosofia partindo do princípio de que “somente a dor é positiva”, ele não limita a compreensão da dor somente ao campo físico da vida do sujeito, ou seja, seria limitado, neste caso, compreender dor somente como aquelas sensações que estão direcionadas à doença física, a uma dor perceptível. Dor, para ele, é compreendida num sentido mais amplo. Assim, a dor aqui se caracteriza como a dor física, provocada pelas enfermidades, mas também, principalmente, pela dor que incide sobre a própria existência, dor do psiquismo, que acomete qualquer sujeito. Dessa forma, as dores são manifestadas nas mais simples às mais complexas atividades humanas.

Pensar a dor enquanto existência é estender o olhar sobre todas as dimensões da vida do homem e verificar as dores que acometem o indivíduo e a humanidade em seu percurso histórico e existencial. Nesse sentido, Schopenhauer demonstra como a dor está presente em diversas esferas da vida do sujeito, como, por exemplo, no amor, na morte, nas perdas da vida diária, nos encontros e desencontros, na passagem do tempo e dos acontecimentos, e nas etapas da vida.

Dalcídio Jurandir, em *Chove nos Campos de Cachoeira*, também desenvolve um pensamento inquietante da existência por meio da dor, presente na figura de Eutanázio. Este personagem, que vive atravessado de dores, quando se sente livre

delas, procura produzir em suas lembranças momentos dolorosos de sua vida com a finalidade de tornar sua trajetória angustiada. Assim, ele vive atormentado por dores físicas, causadas principalmente pela doença que diz possuir, mas a dor intensa que este personagem padece é caracterizada pelas angústias, pela incapacidade e pelas decepções que estão presentes na sua existência.

As dores mais visíveis de Eutanázio são consequência da doença que ele supõe padecer. O personagem já com quase quarenta anos retorna de Belém para residir em Cachoeira, na casa do pai. Nesta nova morada, ele estabelece um relacionamento com Felícia, prostituta da vila.

Felícia é caracterizada como uma pobre moça, que é abusada por viajantes e por alguns homens da vila. Na maioria das vezes, ela é enganada pelos clientes. Eutanázio, presenciando a situação, compadece-se de Felícia e também mantém relação com ela, mas esse contato com Felícia se dá porque ele nutre por ela um sentimento de piedade.

— Bolas! Ninguém andasse se preocupando com ele. Nem tinha sido de Belém que trouxera a doença. Voltou-lhe a náusea daquela noite de luar em que sentiu a sua desgraçada carne pedir, a sua carne fria, mas suada, o empurrar para a barraquinha de Felícia. Tinha saído da casa de seu Cristóvão. Ninguém sabia como saíra do riso de Irene. Ninguém no mundo sabia que um homem saíra da casa de seu Cristóvão cheio de complicações dentro do crânio. Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome. Estava descalça, gripada, assoando o nariz, no fundo do quatinho, onde tinha, na parede, uma estampa de Nova Iorque. Nesta relação, ele adquire a sífilis, doença que cada dia toma conta de seu corpo (JURANDIR, 1991, p. 7).

Eutanázio supõe que, na noite em que se deitou com Felícia, ele adquiriu uma doença. No entanto, em nenhum momento, a narrativa deixa claro se, de fato, ele possuía a doença. A doença dele era sempre uma espécie de mistério, de enigma para sua família e para si próprio, pois a doença física se confundia com o modo depressivo que Eutanázio apresentava diariamente. Nenhum personagem conseguia definir, de fato, qual o padecimento de Eutanázio, até ele próprio misturava suas dores físicas e emocionais. O que se verificava era que a cada dia ele apresentava novas dores, aparecia deprimido e se entregava mais ainda às enfermidades.

Além desta doença que Eutanázio diz possuir, ele também sofre de constantes dores de dente. Seus cacos de dentes que lhe impossibilitam de abrir um sorriso como o de Irene, também lhe incomodam. Sente um peso no estômago. “Não quis jantar. Aqueles cacos de dente lhe doem. Trouxe de Belém uma palavra que só pronunciava para si, achada num velho dicionário: hipocondríaco” (JURANDIR, 1991, p. 10).

Eutanázio era um homem que possuía uma saúde muito frágil, mesmo sabendo e sentindo as consequências que essas dores físicas lhe causavam, ele preferia sofrê-las em vez de procurar uma possibilidade para curá-las. Seu pai contratara Dona Gemi, uma senhora do vilarejo para que cuidasse dele, no entanto ele se recusava contra todos os tipos de cuidado que ela oferecia.

Quando Eutanázio sentia suas dores, repetia continuamente para si mesmo a palavra ‘hipocondríaco’. O sentido do termo hipocondríaco<sup>1</sup> está relacionado ao estado psíquico em que a pessoa tem a crença infundada de que padece de alguma doença grave. Costuma vir associada ao medo irracional da morte, à obsessão com sintomas ou defeitos físicos, preocupação e auto-observação constante com o corpo. Eutanázio apresenta, em grande parte, essas características. Ele próprio diagnostica a sua doença, fica o tempo todo receoso com a reação dos outros ao saber de sua doença. Possui manias de abotoar e desabotoar sua camisa. Por conta dessa doença, vive amedrontado com a possibilidade da chegada da morte.

É importante salientar que, nas noites em que Eutanázio sentia mais intensas suas dores, tanto de dente quanto daquelas causadas pela doença, eram igualmente noites mais longas e também nos momentos em que ele mais rememorava suas mais pesadas e angustiantes lembranças. Diante da chuva que caía no pequeno chalé, ele rememora as dores que lhe tocaram em vida.

A imagem da noite para Eutanázio era como a passagem de um grande pesadelo, pois era nela que ela fazia um levantamento de todas as suas problemáticas, era também nela que ele se entregava às suas dores mais profundas, que não se limitam mais a dores físicas, mas sim, agora, a dores psicológicas de sua existência.

À noite, muitas vezes, quando os seus nervos se arrepiam e sente-se só, sem amigos, sem pensamentos, sem saudade, os risos de Irene

---

<sup>1</sup> Conforme informação disponível em: <<http://www.minhavidade.com.br/saude/temas/hipocondria>>.

voltam tenebrosos. Os risos o cortam como chicotadas. E se Irene soubesse que ele agora está com “aquilo”, então a antipatia dela aumentava, o nojo maior. Ela exclamaria o seu habitual Axi! E cuspiria para o lado. Só vivia cusbindo [...]. As horas pingam vagarosamente sobre a sua solidão. Falta lhe ar, se agonia com aquela nuvem negra e quer gritar para o pequeno relógio de seu pai (JURANDIR, 1991, p. 10).

As dores físicas de Eutanázio também despertam pensamentos sobre o seu passado. No presente, ele se volta a realizar uma autoanálise sobre o que fez de sua vida até ali, lança pergunta sobre o tempo, sobre o que fez de sua mocidade, de seus sonhos e desejos, e vai buscar tencionar, em suas análises principalmente, as situações que lhe provocaram desapontamento, como se quisesse potencializar suas dores. Na busca pelo seu passado, agora surgem novas dores que até então ele não havia levantado. Percebe, assim, que é um homem solitário, um homem supérfluo para si e para os outros e, junto com suas novas dores, o riso cortante de Irene lhe acompanha.

Schopenhauer igualmente ressalta que as dores provocadas pela relação que o homem estabelece com o mundo e com outros sujeitos acabam por incitar em si uma dor também psíquica, que acomete o sujeito, como o tédio, a miséria social, as náuseas e as angústias. No entanto, ele esclarece que todo o homem necessita de uma dose de dor — “Em todo o tempo, cada um precisa ter certo número de cuidados, de dores ou de miséria, do mesmo modo que o navio carece de lastro para se manter em equilíbrio e andar direito” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). Eutanázio procura a barraca de Felícia como se também quisesse contrair aquela doença, pois percebe que é tão miserável quanto Felícia. Ao adquirir aquela doença, ele também se sente humanizado, pois considera que o olhar de Felícia o humanizava, mas, ao mesmo tempo, se vê mergulhado numa náusea de si e angustiado pelo novo percurso que toma sua vida.

A doença de Eutanázio é o ponto referencial que faz com que ele, a partir da experiência dolorosa, volte seu olhar para o passado e realize uma análise de tudo o que já fez até aquele momento, se lutou pela afirmação da vida e se ainda vale a pena lutar em favor dela. A doença revela também a consciência de Eutanázio para a vida. É, portanto, no momento em que se vê acometido pela doença que ele lança um novo olhar para sua existência, realizando questionamentos e observações pertinentes sobre sua própria vida e sobre a vida daqueles que também observa.

A experiência do conhecimento de si, por meio de uma grande enfermidade, se aproxima ao pensamento nietzschiano, que encontra a felicidade justamente no momento mais dolorido de sua existência. Esse encontro consigo se aproxima da experiência descrita pelo filósofo, ao afirmar que:

Aquele Eu mais ao fundo, quase enterrado, quase emudecido sob a constante imposição de ouvir outros Eus (— isto significa ler!), despertou lentamente, tímida e hesitantemente — mas enfim voltou a falar. Nunca fui tão feliz comigo mesmo como nas épocas mais doentias e dolorosas de minha vida: basta olhar *Aurora*, ou “O andarilho e sua sombra”, para compreender o que foi esse “retorno a mim”: uma suprema espécie de cura!... A outra apenas resultou dessa (NIETZSCHE, 1999, p. 76).

Em Nietzsche igualmente conhecemos a doença como elemento capaz de potencializar a afirmação da vida. Ao assumir a temática da dor e do sofrimento como ponto de suas reflexões, Nietzsche demonstra ser possível lançar outro olhar para esses constituintes humanos, a fim de possibilitar agora outros sentidos. Com base em Nietzsche, Araldi (1998) revela que o sofrimento e o temor “constrangem” os fortes a serem fortes e a manterem sua robustez. Nos homens doentes, contudo, o sofrimento aguça o desejo do fim, a grande piedade pelo homem e o grande desgosto. Unidos, o desgosto e a piedade trazem ao mundo as mais monstruosas entre todas as coisas: a última vontade do homem, sua vontade de nada, o niilismo.

Esses elementos também identificamos em nosso personagem, pois é na dor que Eutanázio encontra inspiração para afirmar a própria vida, para tencionar em sua realidade outras possibilidades que poderiam fazer parte de sua existência. Pela dor ele se torna mais próximo daqueles que convivem consigo. É por meio da dor que ele lança o olhar à realidade miserável em que vive e demonstra compaixão por aqueles que sofrem, principalmente por Felícia. A dor da doença se caracteriza também como o retorno a si mesmo, como um momento de encontro consigo e experiência de escuta interior.

O olhar externo de Eutanázio agora se revela também como uma percepção e um sentido mais aguçados. Todas as cenas que ele presenciará a partir do momento de consciência de sua doença terá, para ele, um novo sentido, outra reflexão. As falas e os discursos que serão proferidos diante dele também serão elementos que farão com que ele analise profundamente sua trajetória de vida e estabeleça uma zona de encontro e conflito consigo e com o mundo, ora

concordando ora discordando das coisas e discursos que lhe chegam, construindo um espaço de inquietação no seu mais solitário e íntimo pensar.

Sua relação com o tempo é modificada, os dias e as noites terão para ele agora um novo sentido que ele sentirá na própria pele. Os dias se passam mais lentos e dolorosos, seu passado, pelo contrário, passou tão depressa que ele não consegue captar nada, a noite também é um momento que ele se entregará a uma autoanálise. Até mesmo as noites de luar, que poderiam lhe proporcionar uma expectativa boa, são desfavoráveis, pois elas lhe trazem a lembrança da noite em que, provavelmente, adquiriu a doença de Felícia. Desta forma, seus sentidos após a doença ganham mais intensidade, ficando muito mais vulnerável e susceptível às dores do mundo, ao ponto de ele próprio se irritar com tamanha sensibilidade e exposição aos afetos do mundo.

Eutanázio não teve acesso ao livro de Schopenhauer, mas o narrador nos revela que foi possível que seu personagem pudesse aprender sobre a vida diante da dor. Os seus sentidos se tornam mais aguçados. Tudo que passará diante dele será analisado de forma mais detalhada, e sentido com mais intensidade.

Embora a doença tenha lhe causado uma percepção maior para refletir sobre a vida, ele rejeita qualquer tipo de cura que possa lhe restabelecer a saúde. A não aceitação de Eutanázio diante de uma possibilidade de reverter sua doença ocorre em detrimento de ter a consciência de que sua enfermidade não provém apenas de aspectos físicos, mas sim da alma, do mundo que ele tanto rejeita. Dalcídio Jurandir expressa essa resistência de Eutanázio do seguinte modo:

Dona Gemi arranhava o pescoço, bulia com o seu rosário, mexia os pés dentro dos chinelos, esperando. Que ele falasse, pelo amor de Deus. Como se podia deixar um homem daquele entregue ao seu gênio, como? Estava resolvida a ficar ali até que ele se decidisse. Havia de falar, de responder, aceitar um oferecimento dado com tanto coração. Não ia apodrecer em vida. Não era vergonha um homem com “aquela enfermidade”. Natural. E ela uma velha, como se fosse mãe, a pôr o doente à vontade (JURANDIR, 1991, p. 6).

Enquanto todos procuravam compreender Eutanázio e buscar diagnosticar uma doença física, ele nos revela que sua pior enfermidade vem da alma, e que tal problema não poderá ser resolvido por meio de um diagnóstico aparente, visível. O diálogo que Dalcídio estabelece com Schopenhauer a respeito da doença física nos provoca questionamentos para também pensarmos a questão da saúde e da doença



como pontos importantes a serem observados na sociedade atual. Essas ponderações nos permitem buscar outras possibilidades de compreensão da doença atualmente. Será que também, hoje, essa questão permanece carregada deste mesmo sentido? O que caracteriza um ser com saúde hoje? Quem, de fato, é considerado como uma pessoa doente? Será que para a doença ainda é atribuído o diagnóstico mais perceptível? Qual o lugar daqueles que possuem alguma anormalidade fora dos padrões que a medicina impõe na sociedade?

Atualmente, a grande compreensão que a maioria dos sujeitos possui a respeito da doença centra-se numa dimensão fisiológica. De acordo com o Canguilhem (2000), a compreensão no campo da ciência médica centra-se numa dimensão anatomofisiológica, que não leva em consideração as subjetividades dos indivíduos. Dentro desta dimensão, as análises direcionam-se ao corpo para compreender as funcionalidades dos órgãos, a normalidade das ações, a frequência e estatística que mantêm a vida em bom funcionamento. Sendo assim, essa observação científica a respeito da doença prioriza o aspecto quantitativo, dando ênfase somente à doença e deixando de investigar o indivíduo na dimensão psíquica, existencial e nas suas relações sociais.

Dessa forma, o sujeito que possui uma doença pode, hoje, ser entendido como um sujeito não produtivo e desvalorizado para o seu grupo social. Na sociedade atual, o discurso que impera é o da saúde integral, ligada à eficiência e à produção no trabalho. Com base nessa perspectiva, emerge o discurso da projeção de uma vida longa.

Estar doente, vulgarmente, pode significar ser nocivo ou indesejável, ou socialmente desvalorizado [...] O que é desejável é a vida, uma vida longa, a experimentação de sensações agradáveis, a capacidade de relacionar-se, a possibilidade de trocar vivências e afetos, a capacidade de reprodução, a capacidade de trabalho físico e mental, a força física e energética, a ausência de dor, um estado no qual o corpo sente o mínimo de desconforto e percebe a agradável sensação de “ser no mundo” (CANGUILHEM, 2000, p. 149).

Para Canguilhem (2000), a pessoa que apresenta qualquer doença que fuja da categoria normalmente entendida por quem apresenta uma saúde vital sofre uma exclusão do seu meio social. A doença carrega consigo a exclusão social que acarreta, também, uma desvalorização do indivíduo.

Outro elemento negativo também que um ser doente sofre está no fato de a ciência médica não levar em consideração o seu lado subjetivo, mas centrar-se em procurar diagnosticar a doença no seu aspecto fisiológico. Canguilhem (2000) reforça que a maior preocupação da medicina está direcionada a encontrar um mecanismo que faça o organismo do doente voltar a executar as funções que exercia anteriormente. A ênfase nesta perspectiva está na normatização de todos os órgãos, esquecendo o fato de que uma doença pode ter suas raízes em dores que podem ter surgido de um fator psicológico, subjetivo.

Esse objeto — o corpo — ao qual se dirige o ato terapêutico pode ser pensado em decorrência de sua formalização ao nível da ciência biológica: Primeiramente como uma estrutura anatomofisiológica suscetível, em sua generalidade, de uma manipulação orientada para princípios regulares e repetitivos de interferência técnica. É a esse corpo anatomofisiológico, conjunto de constantes e estruturais e funcionais, que a medicina se propõe fundamentalmente dirigir. Mas ao tomá-lo como objeto de sua prática ela não se dirige precipuamente para o desvendamento das regularidades elaboradas ao nível da ciência biológica, e sim para a obtenção de efeitos específicos, orientados por uma concepção do que é normal ou patológico para o corpo (DANNANGELO apud SILVA, 2001, p. 20).

A grande crítica que se estabelece em torno desta visão sobre a doença é que ela não considera diagnosticar o indivíduo na sua totalidade. Um fator fisiológico da doença é apenas um aspecto dela que se manifesta, é o homem como um todo que se movimenta, o homem como um ser que pensa, sente e age, “[...] existindo em um mundo com o qual interage dialeticamente” (GONÇALVES, 1994, p. 31).

Sendo assim, não podemos observar o ser humano unicamente sob sua natureza biológica, pois, de acordo com Gonçalves (1994), suas ações e manifestações vão muito além de uma ótica biológica. Suas ações que, muitas vezes, podem ser vinculadas à sua saúde ou a um movimento que lhe leva à doença são, acima de tudo, culturais, históricas e pessoais.

A compreensão que leva em consideração que o corpo também deve ser entendido no aspecto cultural envolve uma concepção que vai muito além do seu ser biológico. O entendimento cultural envolve também valores e princípios, nos quais esse corpo está inserido. Estes aspectos que fazem parte de cada sociedade são formas e regras que regem também o funcionamento do corpo. Nesse sentido, o corpo entrelaçado com sua vontade deverá se expressar e se interligar aos princípios e ao contexto da realidade na qual ele está inserido. Eutanázio sentia-se

fora do contexto social, hesitava em obedecer às normas que lhe impunham, mas, por outro lado, vivia numa constante batalha, tentando, de um lado, obedecer a uma ordem social e, do outro, a seu caos interno.

Desse modo, cada sociedade estabelecerá definições sobre o corpo e as compreensões sobre saúde e doença. O grande problema neste caso é que a ideia do ser doente e do saudável é estabelecida, na maioria das vezes, apenas por meio de uma visão fisiológica e orgânica, desconsiderando sua dimensão sociocultural e existencial da vida.

Bittencourt (2003) ressalta a percepção das dificuldades de se avaliar e interpretar o ser doente na atualidade. Isto decorre de vários fatores, como a idade e as crises naturais da idade adulta ou a dos jovens, mas também de fatores culturais, sexuais, afetivos e socioeconômicos. Além disso, há o movimento no tempo, pois não há um doente efetivo, mas um processo em andamento e um “tempo doente vivido pelo ser”, com possibilidades de resultados positivos na busca de ser saudável.

De acordo com a autora, o ser doente não é um ser anormal, é um ser que vivencia uma doença e que tem várias possibilidades de restabelecimento do ser saudável, porém, deverá encontrar para isso, o melhor caminho para compreensão de seu estado temporário para atingir novas dimensões de vida.

É nessa perspectiva que Dalcídio Jurandir, por meio de Eutanázio, nos instiga a refletir a respeito da doença. Eutanázio faz questão de manifestar sua revolta contra aqueles que direcionam o interesse pela sua doença física. Recusa-se a qualquer ação externa que lhe ofereça possibilidade de uma saúde física, pois ele tem conhecimento que uma saúde vital não depende muito mais do seu estado físico aparente, para ele implica a saúde psíquica, emocional e social. Ou seja, a saúde enquanto um corpo pensado não somente no estado biológico, mas também no estado social e, sobretudo, psicológico.

### 2.3 AS DOENÇAS DE EUTANÁZIO: A EXPERIÊNCIA DO APRENDER PELA DOR E SOFRIMENTO

Ao justificar o fato de que a vida do homem é considerada um conjunto de aborrecimentos crônicos, Schopenhauer apoia sua concepção numa análise da vida diária, da vida sendo observada nas suas minúcias. Tomando como referência o

entendimento de que a vida é um “espetáculo trágico”, é que podemos justificar os pequenos aborrecimentos e “enjambrados” de Eutanázio, pois, de acordo com Schopenhauer, só percebemos que a dor humana é um elemento constante quando observamos a vida nas suas fases mais particulares.

Dentro deste entendimento, portanto, Dalcídio nos coloca em contato com a doença de Eutanázio. Porém, agora, suas doenças serão determinadas principalmente pelos aborrecimentos que ele acumulou durante sua trajetória, revelada por meio de sua memória. O personagem destaca pequenas dores do passado que contribuíram para as suas dores atuais, justificando, desta forma, o perfil e os traços de sua personalidade.

A vida de cada homem, vista de longe e de alto, no seu conjunto e nas fases mais salientes, apresenta-nos sempre um espetáculo trágico; mas se a analisarmos nas suas minúcias, tem o caráter de uma comédia o decurso e o tormento do dia, a incessante inquietação do momento, os desejos e os receios da semana, as desgraças de cada hora, sob a ação do acaso que procura sempre mistificar-nos, são outras tantas cenas de comédia. Mas as aspirações iludidas, os esforços baldados, as esperanças que o destino esmaga implacavelmente, os erros funestos da vida inteira, com os sofrimentos que se acumulam e a morte no último ato, eis a eterna tragédia. Parece que o destino quis juntar a irrisão ao desespero da nossa existência, quando encheu a nossa vida com todos os infortúnios da tragédia, sem que possamos sequer sustentar a dignidade das personagens trágicas. Longe disso, na ampla particularidade da vida, representamos inevitavelmente o mesquinho papel de cômicos. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 13)

A irritação de Eutanázio com os cuidados dos outros sobre si se caracteriza como uma recusa e uma resistência aos outros e ao mundo, provocando, com isso, uma certa irritação, principalmente pela não compreensão dos demais a respeito de sua doença. Para ele, sua doença não era apenas proveniente de um contato físico que ele adquiriu na relação que manteve com Felícia, mas as suas doenças vinham principalmente de sua alma, de sua revolta com a condição social na qual estava inserido, da insensibilidade do homem de sua época e também com o caos que se instalara dentro de si. A doença física conjugava-se com as doenças da alma de Eutanázio produzindo um estado de permanente angústia e perturbação em sua existência.

A partir da percepção da doença, Eutanázio se volta para si como um retorno ao conhecimento de si, um mergulho em um mundo subjetivo de profundo

estado de autoavaliação, expondo, desta forma, uma espécie de afirmação da vida provocada pelas dores físicas e da alma que estava acometido. É por meio da doença que entraremos em contato com as dores que provocam a doença da alma deste personagem, revelada a partir de suas memórias mais longínquas até o estado atual de vida em que se encontra.

Nesse aspecto a doença de Eutanázio se interliga com a filosofia nietzschiana, pois este pensador encontra na doença pela qual passou longos tempos de sua vida o eixo de sua composição e autoafirmação diante do contexto no qual estava inserido. Em Nietzsche, a relação estabelecida com a dor faz com que ela lhe seja um impulso precioso e vital de transfiguração e, ao mesmo tempo, afirmação de si, da vida como arte criadora.

Ao efetuar a leitura da experiência da doença em Eutanázio, também experimentamos a dor do sofrimento na filosofia de Nietzsche e, principalmente, de Schopenhauer. Essa experiência envolve a compreensão da própria existência e de sua afirmação de vida, por meio do sofrimento e da dor. Alimentar-se dessas concepções implica descobrir as potencialidades da própria humanidade e identificar o sofrimento não como um elemento que só transporta mal e tristeza, mas sim como um sentimento considerado como um símbolo, para que também nós possamos sentir e compreender como uma experiência de desenvolvimento de nossas próprias possibilidades de transformar a dor em criação e as potencialidades de superação e transfiguração do sofrimento em arte e educação, como afirmação da vida.

A doença de Eutanázio possuía uma relação direta com sua imaginação. À medida em que se agravava ainda mais sua doença, mais conflituoso tendia a ficar seus pensamentos e a recusa aos cuidados de D. Gemi sobre seu corpo.

Não ia apodrecer em vida. Não era vergonha um homem com “aquela enfermidade”. Natural. E ela uma velha, como se fosse mãe, a pôr o doente à vontade. E Eutanázio pensava que doença do mundo ele tinha era na alma. Vinha sofrendo desde menino. Desde menino? Quem sabe se sua mãe não botou ele no mundo como se bota um excremento? Sim, um excremento. Teve uma certa pena de pensar assim sobre sua mãe (JURANDIR, 1991, p. 6).

A sua doença se manifesta como uma forma de manter vivas as tensões de suas recordações, ir bem lá ao seu íntimo com o intuito de explorar outras dores que, pelo tempo transcorrido em sua trajetória, ficaram esquecidas. A fragilidade física lhe permite escavar suas memórias e buscar outras doenças que também lhe

afetam. Eutanázio realiza uma verdadeira escavação de seu universo subjetivo em busca das dores e sofrimentos adormecidos em sua juventude.

A noite o enche de obsessões. Felícia desaparece. Mas Irene ri como se o triturasse. Sente que deve se lembrar não sabe bem do quê. Fica num silêncio cheio de náuseas. O silêncio de exumação de Eutanázio. Quantas covas a abrir no seu passado. Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência (JURANDIR, 1991, p. 10).

Calçado (2009) destaca que, em Nietzsche (1999), igualmente encontramos o sentido paradoxal que a doença provoca. É justamente ao se deparar com uma debilidade física provocada pela dor e sofrimento, provenientes da doença, que acontece este libertar-se lentamente do contexto intelectual no qual estava inserido. “A doença libertou-me lentamente: poupou-me qualquer ruptura, qualquer passo violento e chocante. Não perdi então nenhuma benevolência, ganhei muitas mais. A doença deu-me igualmente o direito a uma completa inversão de meus hábitos” (NIETZSCHE, 1999, p. 75).

Desse modo, a enfermidade física possibilitou a Nietzsche o afastamento do mundo social em que ele estava inserido. Esse afastamento, por mais doloroso que pareça, permitiu-lhe, na solidão, as condições necessárias para executar com autonomia seu filosofar, e, por outro lado, a doença também lhe permitiu mais tempo para se dedicar a seu pensamento.

Calçado (2009) ressalta ainda que, em meio às dores oriundas da enfermidade, Nietzsche se descobre em sua si-mesmidade e vai além das definições redutoras propostas pelo saber da época. Ao invés de ver na dor uma forma de diminuição de si e de degeneração, faz dela um instrumento, um meio para que alcance mais potência, mais vida, na medida em que o faz sair de uma normalização decadente.

Em Schopenhauer (1970), já se faz presente o entendimento da dor como um elemento que permite pensar a existência, visto que, em sua filosofia, a presença da dor é compreendida como componente central dos tensionamentos e impulsos que mobilizam um pensar do humano e da vida, ou seja, o indivíduo no sentir da dor passa a sentir a própria vida.

Sentimos a dor, mas não a ausência da dor; sentimos a inquietação, mas não a ausência da inquietação; o temor, mas não a segurança. Sentimos o desejo e o anelo, como sentimos a fome e a sede; mas

apenas satisfeitos, tudo acaba, assim como o bocado que, uma vez engolido, deixa de existir para a nossa sensação. Enquanto possuímos os três maiores bens da vida, saúde, mocidade e liberdade, não temos consciência deles, e só os apreciamos depois de os havermos perdido, porque esses também são bens negativos. Só notamos os dias felizes da nossa vida passada depois de darem lugar aos dias de tristeza (SHOPENHAUER, 1970, p. 12).

Na visão de Schopenhauer, a dor se manifesta como o primeiro ponto a instigar outras inquietações supostamente adormecidas no humano. É a partir do sentimento de dor que também o homem busca questionar ou problematizar as sensações de bem-estar que não foram sentidas pelo corpo. Não é uma simples relação de oposição entre a Dor e sensação de bem-estar, mas a compreensão filosófica de que a Dor e o Sofrimento produzem uma situação inquietante que abre a possibilidade do pensar a existência e a condição do humano de um modo singular.

Há indícios da filosofia de Schopenhauer nas memórias de Eutanázio em Dalcídio Jurandir. Eutanázio sente não somente as dores físicas, mas é no momento que elas se manifestam que este vai em suas recordações colher também suas dores psíquicas e emocionais. Falar destas dores sentidas pelo personagem é situar no presente todas as situações do passado que lhe causam aborrecimento. Eutanázio traz essas experiências para o presente, não como simples recordações ou como forma de autoaniquilamento, mas principalmente como maneira de pensar em cada situação que vivenciou em sua trajetória e que deixaram nele uma profunda marca de dor. Essas dores do passado agora são potencializadas no tempo presente, como questionamentos que se voltam sobre sua existência, mas também inquietações que perturbam e convidam o próprio leitor a pensar nas dores que atravessam a existência, o humano e as mazelas sociais.

Uma infância doentia, infeliz. Certos desejos, certos sonhos, as inquietações obscuras da adolescência. Os primeiros desenganos ruins demais para a sua sensibilidade, ou melhor, para a sua irritabilidade. Mas enterrara tudo sem saber se estava morto ou não. Daí o seu silêncio de exumação. Obsessão de rever as ossadas, os vestígios de certos sonhos, certos desejos que mal se completaram, como fetos, na sua mocidade solitária e inútil. Talvez no meio das ossadas algum esqueleto esteja contorcido, denunciando um despertar de cataléptico no fundo da cova fechada. Via contorções desesperadoras dentro de seu passado. Para que enterrara assim? Tudo foi entulhado pela náusea de si mesmo. Os sonhos vieram abaixo como paredões desabados. (JURANDIR, 1991, p. 10).

Uma das primeiras dores que Eutanázio revela é não ter tido coragem para viver a vida que quisera e nem a vida que outros almejavam dele. Sua falta de ousadia fez com que ele não tivesse habilidades para enfrentar os obstáculos que se erguiam diante de si, ou então coragem para contrariar as vontades dos outros e ir em busca da realização de seus desejos. Por outro lado, tendo que realizar a vontade de seu pai, fazia sempre as coisas com desgosto, isso, no final das contas, deixava-o muito infeliz e, ao mesmo tempo, desapontava o pai, trazendo-lhe um duplo aborrecimento de não contentar-se, nem realizar os desejos do pai como deveria.

Quando criança, Eutanázio possuía vários desejos. O primeiro era o de ser enfermeiro; depois queria ser general, tinha uma fascinação pela guerra; possuía também uma paixão pelos poetas, arriscava tecer alguns versos, mas não tinha habilidades para escrever.

Cresce em Belém com a ideia de ser general, um dia. Enverga uma sombria vocação para chacina. A guerra é a sua fascinação. Gosta das pinturas de batalhas, morticínios e devastações. Saquear cidades, fuzilar, contar, com delícia, o número dos mortos, ver os campos queimados e a metralha roncando longe. Nos seus amuos e nas suas birras oculta planos de destruição, de combates, de castigos sem fim.

Morta a primeira aspiração, sonha ser um enfermeiro. Vê uma tarde, num hospital, um enfermeiro de avental, muito limpo, curando a ferida dum doente. Começa a praticar o ofício nas galinhas goguentas, cães batidos, perus esmorecidos, todos os bichos que lhe parecem necessitados de socorro. Major resmungava:

— Mania. Daí a pouco vão ver.

Uma tarde, Eutanázio cura a asa quebrada dum frango. O paciente beliscou-lhe a mão. As irmãs arrancaram o enfermeiro de cima do bicho que ficou com a cabeça em pasta. Eutanázio dava pontapés nas irmãs. Queria meter vivo na máquina de moer carne aquele frango ingrato. (JURANDIR, 1991, p. 14).

Eutanázio chegou a trabalhar como encadernador por dois anos em Belém, numa livraria, mas logo se desencantou com a profissão, porque o patrão não lhe aumentara o ordenado. A narrativa ressalta o contato direto do personagem com os livros. Deste contato, ele cita diversos livros e também o apreço dele pelas poesias. Em Cachoeira, nas festas de Santos, ele era quem compunha pequenos versinhos para serem lidos. Na sua infância também ousou compor alguns versos, mas logo que seu pai ficou sabendo, repreendeu-o.



As repreensões de seu pai sempre faziam com que Eutanázio desistisse de seus sonhos “— Uma porcaria. Que ele cuide doutra vida. Uma porcaria. Está vagabundando.” (JURANDIR, 1991, p. 15). No entanto, embora a fala do pai fosse algo que afetasse as escolhas do filho, por outro lado o pai também possibilitava oportunidades para que ele adquirisse uma autonomia em relação a seu futuro. Mandou-o para Belém para que aprendesse algo, criara em cachoeira ensejos para que ele reagisse.

Major Alberto lembra ainda aquela manhã em que Eutanázio apareceu com Dionísio carregando a mala. Tinha se despedido da livraria em Belém porque o patrão não lhe aumentara o ordenado. Era o melhor encadernador da casa. Viera a Cachoeira para descansar. Ficou. Major danou-se. Então brigar com patrão? Mas com Eutanázio tudo era impossível? Como Major tinha um conto de réis guardadinho, foi atrás do solo do Mariano e montou com este uma taverninha. Eutanázio entrou como caixeiro. Dois meses depois os fiados assombravam. O sócio sem explicar-se, e Eutanázio sorria indiferente. Major perdeu dois contos de réis na maciota (JURANDIR, 1991, p. 42).

Desde as suas pequenas decepções até as mais graves cicatrizes inscritas em sua alma, notamos que Eutanázio com o passar dos anos não conseguia apresentar um amadurecimento suficiente para enfrentar cada momento e fase de sua vida. Nosso personagem demonstra, de um lado, profundo questionamento sobre si mesmo e sobre o mundo, acompanhado de certa imaturidade para lidar com as coisas do mundo e os acontecimentos que lhe afetavam em suas relações familiares e sociais.

A dor física se mistura agora com a dor da alma. A mescla dessas dores resume em Eutanázio a dor de um conjunto de fatores que veio se acumulando no decorrer de sua trajetória, e que, atualmente, lhe parecem mais pesados. Doem-lhe as juntas, os dentes, o estômago, mas lhe dói principalmente a falta de ânimo, a carência financeira, a impossibilidade de mudar seu passado e de assumir seu presente. A impossibilidade da correspondência de seu amor por Irene é também um afeto que aumenta suas dores. A impossibilidade de responder os insultos de seu pai, pois sabe, no fundo, que ele próprio foi responsável pela sua condição atual. Felícia também revela nele o símbolo de uma dupla doença: foi ela quem lhe transmitiu a moléstia e é ela quem reflete nele a imagem da impossibilidade da transmutação das dores. Não consegue deter para si as dores que sente por Felícia, e isso lhe causa a sensação de incapacidade. Eutanázio sentia na pele as dores de

Felícia, mas, como curá-las? Era impossível retirar suas dores, era impossível dar a ela uma dignidade, pois a carência financeira reverbera em Eutanázio a sua própria incapacidade e miséria social.

No meio dos sonhos mortos, dos desejos extintos, das esperanças abortadas, haverá algum tímido desejo palpitando, algum sonho, alguma esperança com sinal de vida. O certo é que os *desejos* apodreceram e por medo da contaminação era melhor deixar tudo enterrado para acabar mais depressa. Porque, enfim, os que ainda mostrassem sinais de vida, tarde ou cedo morreriam inevitavelmente. Sim, sim, foi melhor contemplar os esqueletos contorcidos no desespero da impossível sobrevivência (JURANDIR, 1991, p. 10).

A esse respeito, Schopenhauer (1991) nos alerta que a vida não se apresenta de modo algum como um mimo que nos é dado gozar, mas, antes, como um dever, uma tarefa que tem de se cumprir à força de trabalho. Daí resulta “tanto nas grandes como nas pequenas coisas, uma miséria geral, um trabalho sem descanso, uma concorrência sem tréguas, um combate sem fim, uma atividade imposta com uma tensão extrema de todas as forças do corpo e do espírito” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 11). Sendo assim, devemos encarar a vida como uma batalha que deve ser travada constantemente, nas grandes ou mesmo nas mais simples realidades e atividades.

Os Inúmeros obstáculos que se instalaram diante de Eutanázio reduziram sua força e anularam suas vontades. O pai, a escola, seu contexto social, o afeto por Irene, lhe provocaram cicatrizes na alma e, com isso, calaram sua voz, esse conjunto de encontros e sensações fizeram, de alguma forma, adormecer seus desejos, sua vontade de enfrentamento e criação no embate com o mundo. Em meio a essas vontades de negação alheias, Eutanázio não soube afirmar sua própria vontade de vida.

Podemos inferir que, em meio à sua vontade e à negação dela, Eutanázio transitou pela vida não sabendo como ordenar o caos interior que habitava sua alma. Essa impossibilidade o levou para o caminho da negação de si, mesmo refletindo ou tomando consciência dessa dimensão de sua existência, Eutanázio não sabia como lidar e resolver essa situação existencial, perguntava frequentemente como ordenar o caos de seu mundo interior.

Schopenhauer (1970, p. 7) adverte que “[...] trabalho, tormento, desgosto e miséria, tal é sem dúvida durante a vida inteira o quinhão de quase todos os

homens”. Entretanto, esses obstáculos se impõem para dar sentido à vida, para preenche-la, para que possamos nos desafiar a cada dia e ultrapassá-los porque se todas as nossas vontades fossem imediatamente atendidas, talvez morreríamos de desgosto, e não saberíamos em que empregar nosso tempo.

Mas se todos os desejos, apenas formados, fossem imediatamente realizados, com que se preencheria a vida humana, em que se empregaria o tempo? Coloque-se esta raça num país de fadas, onde tudo cresceria espontaneamente, onde as calhandras voariam já assadas ao alcance de todas as bocas, onde todos encontrariam sem dificuldade a sua amada e a obteriam o mais facilmente possível — ver-se-ia então os homens morrerem de tédio, ou enforcarem-se, outros disputarem, matarem-se, e causarem-se mutuamente mais sofrimentos do que a natureza agora lhes impõe. — Assim para semelhante raça nenhum outro teatro, nenhuma outra existência conviria (SHOPENHAUER, 1970, p. 8).

Desta forma, todas as contradições de vontades que se erguem diante do personagem de Dalcídio são consideradas, na verdade, essenciais para que sua vida possua sentido, para que seu tempo seja ocupado, para que o tédio não se tornasse uma constância em sua vida. Percebe-se também que o desejo de vontade inerente à realidade humana, em Eutanázio, perde sua força de ação e, com isso, em sua trajetória, não procurou potencializar o caos existente em seu mundo interior com vistas a afirmar e elevar a vida como existência criativa.

As dores de Eutanázio também são as dores de nossa existência, a consciência e a responsabilidade que todos temos diante da perpetuação de nossa espécie. Encontrar uma forma de afirmar a vontade, ultrapassando, conseqüentemente, os obstáculos que a vida nos impõe, é o melhor caminho para a afirmação humana, como ressalta Schopenhauer (1970, p. 8), “[...] a vida é uma tarefa que devemos desempenhar laboriosamente; e neste sentido, a palavra *defunctus* é uma bela expressão”.

Neste sentido, entendemos que a filosofia de Schopenhauer, vivenciada na experiência de Eutanázio, proporciona-nos, com todos os seus embates e percalços, uma leitura de afirmação da vida. Embora a vida de Eutanázio seja caracterizada por uma série de misérias, dores, abandonos e aborrecimentos, conjugados à não realização de seus desejos e de suas vontades, Dalcídio, como um grande escritor que pensa a condição humana, foi até as últimas conseqüências, beirando com Eutanázio o “leito da morte”, para mostrar que, apesar de Eutanázio negar a vida no

vilarejo, ele nos deixou uma lição de que a vida com todas as suas mazelas deve ser permanente alvo de questionamento, análise e elevação; frente às dores do mundo, devemos afirmar a vontade como vida e criação.

Foi diante de sua doença que Eutanázio mergulhou na mais profunda análise de sua vida para nos justificar suas ações atuais. A última cena da narrativa revela bem esta leitura, agora outro Eutanázio, capaz de assumir, diante de Irene, sua não aceitação de vida nem de morte.

Como a terra dos campos de Cachoeira recebia as grandes chuvas. Por isso ela já humilhava-o de maneira diferente. Tinha sido falada em Cachoeira e não mostrava senão a aceitação do filho como um triunfo. Tinha um filho, tinha um filho, seu ventre estava alto e belo. E ele no fundo da rede ia morrer sem aceitar a morte, sem ter aceitado a vida (JURANDIR, 1991, p. 159).

Eutanázio atravessa a narrativa demonstrando nutrir um grande sentimento por Irene; além deste anseio, acreditamos também que ele, acima de tudo, alimenta por ela uma profunda admiração. Irene era a representação de tudo que Eutanázio não conseguiu afirmar em vida. Irene, embora tendo que contrariar todos em sua volta, não hesitou em afirmar sua vontade de vida até o último minuto de Eutanázio. Ela era a própria afirmação da vontade, enquanto Eutanázio representava a contradição. Daí sua admiração por Irene, pois ela teve a coragem de afirmar a vida, e carregava em seu ventre o exemplo desta afirmação.

O filho que Irene carregava era a perpetuação das espécies, a concretização da efetivação do desejo, o modelo de afirmação da vida; o filho era a própria vontade de vida, a configuração de que pertencemos à natureza humana. Irene era, naquele momento, tudo o que Eutanázio não conseguiu em vida. Ficara agora ainda mais envergonhado diante de Irene, pois sabia que ia partir sem ter afirmado a vida, muito menos aceitado a morte.

Um dos pontos centrais para compreender a influência de Schopenhauer na literatura de Dalcídio se revela na última cena da narrativa, pois é na trama construída entre esses dois personagens que se destaca aspectos da filosofia de Schopenhauer. De um lado, Eutanázio, personagem que procurou de toda a forma anular suas vontades e, conseqüentemente, negar a vida; e, de outro, Irene, que carrega consigo todas as conseqüências que a vida lhe impôs, sem deixar de assumir suas ações e desdobramentos.

Diante das dores, sofrimentos e mazelas de Eutanázio, Dalcídio nos propõe, assim como Schopenhauer, pensar a vida a partir do humano e tornar possível pensar a educação na centralidade do humano, com suas dores, sofrimentos, vontades e desejos de formação. A dor que por muitos foi considerada como um elemento negativo na filosofia e literatura, nesses autores ganha novos contornos e outra dimensão filosófica e educacional. Nessa perspectiva, a dor possui um núcleo positivo, porque ela nos permite uma possibilidade de despertar para a consciência de que estamos vivos. É por meio da dor que o indivíduo é capaz de buscar maneiras de ultrapassar barreiras e superar obstáculos impostos à própria vida.

A dor, como uma condição de superação dos obstáculos, é luta que deve ser travada diariamente em nossa existência. Entender a dor enquanto contrário à nossa própria vontade, ou seja, à vontade de viver, à vontade de transmutar o sofrimento em alegria. A dor vista como condição de autoquestionamento e transmutação carrega consigo uma dimensão filosófica e educacional, capaz de educar para uma ética da finitude. Nessa concepção, a dor não assume um caráter negativo, mas pode ser pensada como um obstáculo de elemento positivo, que acaba potencializando o nosso próprio viver; pois, diante de uma dor, diante de uma dificuldade da vida, somos afetados de modos diferentes. Há indivíduos que se entregam a ela e não potencializam sua vontade de vida, e outros que, em meio à dor, buscam lutar contra ela, como forma de extrair ensinamentos, tomar consciência de sua finitude e superá-la afirmando a vida.

A dor como um elemento positivo implica também não se entregar a ela, pois a entrega sinaliza a desvalorização da própria existência. Não basta apenas sentir a inquietação, a angústia, o tormento que a dor provoca na vida, é necessário buscar sempre a possibilidade de ultrapassá-la. A dor nos convida a realizar uma verdadeira transmutação do sofrimento em alegria. Que educação é capaz desse ensinamento?

A superação dos obstáculos é o núcleo positivo de todo o sofrimento, é por meio dele que afirmamos nossa vontade de viver e, portanto, potencializamos a vida, é através da sua progressão que ultrapassamos as barreiras e efetivamos a escolha de querer existir, de escolher a vida em detrimento da entrega à dor.

É, no entanto, dessa forma que o sofrimento existencial se caracteriza como ponto positivo na filosofia de Schopenhauer. Dor, na concepção do autor, não pode ser pensada apenas como um sentimento que desperta no indivíduo a sensação de

que está vivo, mas sim, principalmente, como um dever de que este precisa superar cada dificuldade e se colocar diante de sua trajetória de vida, caracterizando-o como arquiteto, criador, inventor, em favor de sua própria existência e também de sua espécie.

É, portanto, desta forma que Eutanázio se encontra com o pensamento de Schopenhauer. Para muitos, a filosofia deste autor é considerada pessimista, do ponto de vista teórico, e otimista, do ponto de vista prático. Assim, verificamos Eutanázio vivenciar suas dores, suas enfermidades e transitar pela morte, para que Dalcídio Jurandir nos demonstrasse a importância da afirmação da vida.

#### 2.4 UM SOPRO DE VIDA EM EUTANÁZIO

Mas nem tudo parece que está morto. No meio dos sonhos mortos, dos desejos extintos, das esperanças abortadas, haverá algum tímido desejo palpitando, algum sonho, alguma esperança com sinal de vida. (JURANDIR, 1991, p. 10)

Muitas pesquisas apontam para o fato do personagem de Dalcídio apresentar características decadentistas diante da vida. A proposta da presente pesquisa visa, entre outras questões, evidenciar que, mesmo frente à sua doença e a caminho da morte, esse personagem é capaz de nos oferecer concepções sobre a vida diferenciada das que acostumadamente encontramos. É por meio de seu exemplo de vida que ele nos instiga a adotar uma reflexão positiva diante da vida, de afirmação em cada obstáculo que se eleva diante de cada sujeito, a fim de que não tomemos como exemplo de vida aquela pela qual ele transitou, mas que sua experiência seja um exemplo para sabermos distinguir quais as consequências que cada escolha de vida pode nos oferecer. Nesse sentido, buscaremos encontrar em Eutanázio um sinal de vida que nos proporcione uma perspectiva de força vital, que, mesmo em meio à dor humana, é capaz de indicar caminhos possíveis para transmutar o sofrimento da vida.

A doença é um ponto referencial na vida de Eutanázio para que ele apenas nesse momento revisasse tudo o que fez em vida. Esse mergulho em si e a volta ao seu passado requerem do nosso personagem uma coragem para transitar em si e para assumir a culpa de não ter sido, em vida, tudo aquilo que desejava. A coragem, que nunca foi uma característica desse personagem, apresenta-se agora como um sopro de vida, uma espécie de força última que vai fazer com que ele revele que o

único culpado de toda sua dor é ele próprio. Ao assumir essa dor e o seu destino, o personagem de Dalcídio nos oferece também uma potência de vida que precisa ser encarada.

É no momento de dor de sua doença física e do mundo que Eutanázio descobre agora outro homem dentro de si. Esse novo Eutanázio irá sentir náuseas de si próprio e do mundo, mas, em meio a suas ânsias, surge uma coragem para visitar a si e enfrentar seu posicionamento diante da vida. Esse enfrentamento de seus fracassos, colocados diante de Irene, que foi uma personagem que optou pela afirmação da vida, nos oferece uma experiência da arte para pensar a existência como um sopro de vida, por meio da trajetória desses personagens.

Schopenhauer afirma que um dos piores males que aflige o ser humano é o egoísmo. Uma postura egoísta, diz ele, inscreve no ser humano uma atitude de suspeitar permanente de seu próprio semelhante, esta desconfiança, muitas vezes, nos impede até mesmo de pedir-lhe um conselho.

Cada um considera-se o centro do mundo, açambarca tudo; até as próprias agitações dos impérios, se consideram primeiro sob o ponto de vista do interesse de cada um, por muito ínfimo e distante que possa estar. Haverá contraste mais surpreendente? De um lado, esse interesse superior, exclusivo, que cada um tem por si mesmo, e do outro, esse olhar indiferente que lança a todos os homens. Chega a ser uma coisa cômica, essa convicção de tanta gente procedendo como se só eles tivessem uma existência real, e os seus semelhantes fossem meras sombras, puros fantasmas. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 42).

Dessa forma, podemos entender as atitudes de Eutanázio antes de adquirir a doença que supõe carregar. Em muitas passagens, ele demonstra uma revolta contra aqueles que convivem consigo. Revoltava-se com a mãe, pela sua indiferença quando apanhava surra de seu pai: “[...] enquanto a mãe silenciosa enrolava lenta e séria, os seus longos cabelos negros. Eutanázio se fechava no quarto, em resmungos e abalava a casa com as pisadas de bezerro brabo, aos tombos, machucando-se propositadamente” (JURANDIR, 1991, p. 13). Não aceitava a posição de seu pai, mas, mesmo assim, preferia optar pelo orgulho de não responder aos insultos do pai: “Ele engoliu tudo sem responder. Tinha em certos momentos até vontade de receber mil insultos que o magoassem muito, humilhassem-no, sentia delícia na tortura” (JURANDIR, 1991, p. 7). Com as irmãs, ele também sempre demonstrou ser um irmão indiferente, “Brigava horas e horas

com as irmãs, manhas sem fim, birras, quando não ficava no chão ou na mesa de jantar, armando castelos de canas” (JURANDIR, 1991, p. 14). Até o professor parecia ser alvo de seu gênio: “Eutanázio teve o cuidado de cortar-lhe os bigodes pontudos, de furar-lhe os olhos, depois de tirar-lhe a cabeça e enterrar num formigueiro atrás da casa” (JURANDIR, 1991, p. 15). Desde pequeno, esse personagem criara uma identidade de orgulho, de indiferença alheia, e cresceu, portanto, mantendo esta mesma postura diante de qualquer situação que a vida lhe impunha.

Eutanázio demonstra um sentimento de revolta contra aqueles que convivem com ele, no entanto, em vez de procurar compreendê-los, ele permanece em si, corroendo as raivas numa atitude egoísta que não aceita a opinião alheia, nem procura afirmar suas próprias vontades. Porém, seu modo de vida muda quando ele adquire a doença. Diante da fragilidade da doença, ele também cria coragem para assumir sua posição.

Quando a ponta do véu de Maia (a ilusão da vida individual) se ergue ante os olhos de um homem, de tal modo que não faz já diferença egoísta entre a sua pessoa e os restantes homens, e toma tanto interesse pelos sofrimentos estranhos como pelos seus próprios, tornando-se assim caritativo até à dedicação, pronto a sacrificar-se pela salvação dos seus semelhantes — esse homem, chegado ao ponto de se reconhecer a si mesmo em todos os seres, considera como seus os sofrimentos infinitos de tudo quanto vive, e apodera-se desta maneira da dor do mundo. Nenhuma miséria lhe é indiferente. Todos os tormentos que vê e tão raramente lhe é dado suavizar, todas as angústias de que ouve falar, mesmo aquelas que lhe é possível conceber, perturbam-lhe o espírito como se fosse ele a vítima. Insensível às alternativas de bens e de males que se sucedem no seu destino, livre de todo o egoísmo, penetra os véus da ilusão individual; tudo quanto vive, tudo quanto sofre, está igualmente junto do seu coração. Imagina o conjunto das coisas, a sua essência, a sua eterna passagem, os esforços vãos, as lutas íntimas e os sofrimentos sem fim; para qualquer lado que se volte, vê o homem que sofre, o animal que sofre, e um mundo que se desvanece eternamente. E une-se tão estreitamente às dores do mundo como o egoísta à sua pessoa. Como poderia ele, com tão grande conhecimento do mundo, afirmar com desejos incessantes a sua vontade de viver, prender-se cada vez mais estreitamente à vida? (SCHOPENHAUER, 1970, p. 45).

No momento em que Eutanázio adquire a doença e transita sobre seu passado, descobre que também adotou uma postura egoísta diante da vida. Não soube aceitar Irene e seu sorriso, não procurou lidar de outra forma com os cuidados do pai, não aceitava ser curado pela D. Gemi. Quando relembra o seu passado



também descobre que se fechou diante de qualquer possibilidade de escuta a si e aos outros. As falas dos outros e o percurso natural da vida poderiam ter-lhe possibilitado outro destino, no entanto ele se fechou para a renovação que cada etapa da trajetória humana exige.

Depois de despertar a consciência para a atitude que adotou perante a vida, torna-se ainda mais sensível. A extrema sensibilidade lhe causa um sentimento de náusea, de ter que conviver com um Eutanázio que foi tão indiferente às suas próprias vontades e aos outros. A náusea de si faz com que ele revise e sinta a necessidade de colocar para fora tudo o que carregou durante a vida e que lhe causou tanto sofrimento. “Sentiu náuseas de tudo. Uma vontade de esbofetear a velha, enxotá-la com aquela vassoura que Maninha nas suas brincadeiras deixara embaixo da estante” (JURANDIR, 1991, p. 16). A sensação de Náusea vinha de dentro de si, de não conseguir mais suportar carregando aquele Eutanázio que carregara há quase quarenta anos, um mesmo Eutanázio, “Dona Gemi ficou olhando o silêncio de Eutanázio que engolia palavrões, raivas, nojos, as grandes náuseas de si mesmo” (JURANDIR, 1991, p. 6).

Assim, a náusea começa a fazer parte de sua vida diária. Sente náusea daquela noite em que como uma tentativa de torturar-se ainda mais vai até a casa de Felícia e, ao se deitar com ela, adquire a doença. Sente uma grande náusea, uma imensa angústia de não ter realizado um plano para sua vida, por esse motivo vive sempre humilhado na casa do pai como um parasita. “Não tem mesmo um quarto para dormir à vontade. Na saleta seu pai recebe visitas, Maninha vem gritando: Acorda Tanázio. Acorda!” (JURANDIR, 1991, p. 19). Essa condição, associada à falta de dinheiro, é algo que reverbera na sua cabeça como uma tortura. Cada vez que se volta para a análise de si, “Eutanázio sente a sua náusea aumentar, o seu orgulho desabar, o seu desespero crescer” (JURANDIR, 1991, p. 66).

No entanto, sua náusea é o resultado de uma mistura de sensações, de desgostos sobre a posição que adotou diante da vida e também da realidade dos homens de sua época, principalmente daqueles que investiam numa posição egoísta. Schopenhauer ressalta que a angústia e o arrependimento causados pelos nossos atos não são, muitas vezes, outra coisa senão o receio das consequências. A violação de certas regras exteriores, arbitrárias e mesmo ridículas desperta

escrúpulos perfeitamente análogos aos remorsos de consciência. Os remorsos e as náuseas do personagem de Dalcídio provinham da autocompreensão de não se ter dado a possibilidade de uma abertura para a vida.

Em Sartre (2000), também encontramos a presença da náusea, como um prelúdio indicativo do reconhecimento de sua própria existência, sem poder negá-la, assim como evidencia Eutanázio. Em *A Náusea*, Sartre nos apresenta a filosofia existencialista, como forma de compreender o homem e suas relações em uma dada realidade histórica. Pensar o homem nesta perspectiva é pensar que “há diferentes ‘projeto’ humanos e que superar projetos particulares implica em superar uma visão também particular de homem, de projeto e de sociedade” (SILVA, 2012, p. 158). Nesse sentido, Sartre vem, por meio de Roquentin, nos apontar uma reflexão de um modo de vida não livre. Roquentin, assim como Eutanázio, se caracteriza como um personagem assombrado por um medo, inseguro com as mudanças que ocorriam ao seu redor, transtornado com as alterações que tomaram o rumo de sua vida: “[...] ocorreu uma mudança durante essas últimas semanas. Mas onde? É uma mudança abstrata que não se fixa em nada. Fui eu que mudei? Foi esse quarto, essa cidade, essa natureza? (SARTRE, 2000, p.18). À medida em que vai tomando conta de sua consciência, o personagem de Sartre se torna ainda mais entediado e enfadado de seu ser. Neste momento, a náusea começa a fazer parte de sua trajetória a primeira vez que sentiu a náusea estava na praia e sentiu um enjoo ao segurar uma pedra, “[...] como era desagradável! E isso vinha da pedra para as minhas mãos. Sim é isso, é exatamente isso: uma espécie de náusea nas mãos” (SARTRE, 2000, p. 27).

A partir desse acontecimento, Roquentin começa a sentir frequentemente a sensação nauseada. Em meio a esse sentimento, ele começa a refletir e passa a se dar conta de sua existência. Nota, portanto, que não é livre, “[...] já não sou livre, não posso fazer o que quero os objetos não deveriam tocar, já que não vivem. Utilizamo-los, vivemos no meio deles: são úteis e nada mais” (SARTRE, 2000, p. 26). Neste misto de angústia e desespero, ele acaba perdendo o interesse pelo trabalho biográfico que estava executando sobre o senhor Rellebon. Ao perder o encantamento pela descrição da vida de Rellebon, ele, inconseqüentemente, começa a descrever-se e descobre que está imerso a uma solidão: “[...] não tenho amigos, será que é por isso que minha carne é tão nua?” (SARTRE, 2000, p. 34).

O ponto crucial do romance é quando é o momento da “epifania”, momento em que o autor reconhece sua própria existência e não pode mais negá-la. Ao mesmo tempo não vê mais sentido em continuar escrevendo sobre algo que não existe. O personagem encontra-se perdido, e sem razão para continuar a viver, busca uma forma para se libertar. Ele está no café com o Autodidata e mata uma mosca que vai representar a libertação de uma vida sem sentido, sem compromisso. Uma vida sem liberdade não é vida. A mosca representa isso, um inseto que vive programado biologicamente para uma existência predeterminada e nada vai mudar seu destino. (SILVA, 2012, p. 161).

O personagem de Sartre perde, portanto, todo o encantamento pela vida, ao perceber sua não liberdade e que seu trabalho se baseava em descrever um homem que já não mais existia. Ao mesmo tempo, a náusea lhe possibilitou enxergar a maneira isolada e descomprometida como carregou sua vida. A partir dessa reflexão, busca então analisar uma forma de fazer sentido a sua existência.

Enquanto espera o trem para Paris começa a pensar na música, na cantora, no compositor e nota na música a existência daquelas pessoas que a arte os fizeram existir. Esse pensamento lhe dá uma certa alegria e começa a pensar no que poderia fazer para existir de fato, vê a possibilidade de escrever um romance ou um livro. Pensa que naturalmente no início seria um trabalho tedioso, cansativo, não lhe impediria de existir e de sentir que existe. A decisão de Roquentin é não escrever uma obra sobre alguém sem uma existência já que seu personagem estaria morto. Seu compromisso é com a vida, a música traduz esse engajamento com a vida. A vida de alguém que um dia se sentirá falta. (SILVA, 2012, p.162)

A obra de Sartre nos provoca uma reflexão sobre a condição de existência do homem na sociedade atual. Roquentin precisou passar pela experiência e pela sensação da náusea de si e do outro para se dar conta de sua condição neste mundo. Revela-nos, também, o compromisso que temos com as escolhas que fazemos, pois segundo o autor, “[...] não há um único ato que criamos que não estejam criados simultaneamente, uma imagem do homem tal como julgamos que ele deva ser” (SARTRE, 1970, p. 4). Dessa forma, ainda de acordo com Sartre, escolher ser isto ou aquilo é afirmar, concomitantemente, o valor do que estamos escolhendo, se queremos existir ao mesmo tempo que moldamos nossa imagem, essa imagem deverá ser válida para todos e para nossa época.

A existência precede a essência, o homem é responsável pelo que é. Desse modo o primeiro passo do existencialismo é o de pôr todo homem na posse do que ele é, de submetê-lo à responsabilidade total de sua existência. Assim quando dizemos que o homem é responsável por si mesmo, não queremos dizer que o homem é

responsável apenas pela sua estrita individualidade, mas que ele é responsável por todos os outros homens (SARTRE, 1970, p. 3).

Para Sartre, o homem é exclusivamente quem constrói sua existência, ele não poderá culpar outrem pelo seu fracasso. A Náusea, em Sartre, é perceber que não podemos viver a vida de outrem, somos nós os únicos responsáveis por nossa existência e também daqueles que vivenciam nossa época. Roquentin só conseguiu superar o sentimento da náusea quando conseguiu enxergar estas questões e, por meio delas, mudar o direcionamento de seu trabalho, pois, enquanto procurava, vivenciava a vida de quem estava narrando, não encontrava sentido para sua existência. Foi, portanto, deixando de vivenciar as escolhas alheias que o personagem encontrou uma saída para suas angústias, suas náuseas depois de passar por um momento de sofrimento. Podemos perceber uma semelhança entre esses personagens, pois Eutanázio só consegue manifestar seu sentimento de náusea quando se dá conta de sua consciência e percebe sua inutilidade diante da vida.

Tem, portanto a nossa vontade que ser quebrada por um imenso sofrimento, antes que chegue à renúncia de si própria. Quando ela percorreu os graus da angústia, quando após uma suprema resistência toca o abismo do desespero, o homem volta subitamente a si, conhece-se, conhece o mundo, transforma-se-lhe a alma, eleva-se acima de si mesmo e de todo o sofrimento; então purificado, santificado de algum modo num repouso, numa felicidade inabalável, numa elevação inacessível, renuncia a todos os objetos dos seus apaixonados desejos, e recebe a morte com alegria. Como um pálido clarão, a negação da vontade de viver, isto é, a libertação, jorra subitamente da chama purificadora da dor. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 46)

Em Nietzsche, também encontramos a ideia do desenvolvimento do belo relacionado à dimensão e à compreensão da dor, que inscreve no sujeito a superação das angústias. Em *O nascimento da tragédia*, ele revela uma “[...] via a ser percorrida para que haja a passagem do niilismo passivo para o niilismo ativo como sendo a experiência do sublime” (FORTES, 2015, p. 279). A experiência do sublime pode transformar todo sofrimento, a dor, a náusea da existência em uma arte, pois, de acordo com o autor, se a tragédia encena a dor, não é com a finalidade de cultuá-la, mas sim para afirmar a vida em sua diversidade.

No entanto é importante frisar que longe de fazer uma apologia à dor, de fixar-se na dor, o trágico transmuta a dor em alegria. A relação com o trágico não se apresenta exclusivamente como a dor, mas

também como júbilo êxtase, exaltação. [...] Em assim Falou Zaratustra é uma afirmação jubilatória da existência, o que pode ser constatado no encontro do pastor com a serpente, contorcendo-se de náusea, ódio, asco e horror. Após morder a cabeça da serpente, ele a cospe para bem longe, e Zaratustra conclui: “não mais pastor, não mais homem-um ser transformado, translumbrado, que ria! Nunca até aqui na terra, riu alguém como ele ria”. (FORTES, 2015, p. 284).

Nessa concepção, compreendemos que o sofrimento não garante ser um aspecto ruim da vida, mas que ele é presente e necessita ser envolvido com outras dimensões da existência, “na dor podemos encontrar um caminho para a criação” (FORTES, 2015 p. 285), foi assim que ocorreu em Zaratustra, quando abandona o anão: “[...] alto lá anão! Ou eu ou tu, mas eu sou o mais forte dos dois, tu não conheces o meu pensamento abissal!”. Não podendo suportá-lo após essa cena, Zaratustra relata que sentiu um alívio nas costas e no espírito, e que, depois deste acontecimento, seguiu sua viagem mais aliviado. A náusea também em Dalcídio precisa ser sentida, vivenciada para que Eutanázio sinta a necessidade de encontrar um caminho que possa lhe conduzir a continuar caminhando.

Na obra de Dalcídio encontramos, do mesmo modo, esses elementos como forças de uma jovialidade que permite a Eutanázio reanimar seus pensamentos no último momento de vida. O sentimento de náusea, de aborrecimento, que brotava não somente do seu mundo interno, “[...] davam a Eutanázio uma sensação de náusea, de ódio, de degradação” (JURANDIR, 1991, p. 68), como também do externo: “Os risos o cortam como chicotadas. E se Irene soubesse que ele agora está com ‘aquilo’, então a antipatia dela aumentava, o nojo maior. [...]. E cuspiria para o lado. Só vivia cuspendo” (JURANDIR, 1991, p. 9). Em decorrência das náuseas que vinham tanto de seu íntimo, como de fora, Eutanázio sente uma necessidade, a precisão de fazer uma reavaliação não somente de si, mas do meio onde estava inserido.

Dessa forma, podemos compreender que a sensação nauseada funcionou como força propulsora para que ele impulsionasse o seu pensar. A náusea provoca dentro de si um entusiasmo, uma necessidade de reavaliação aflorada somente agora no seu último momento de vida, e a precisão de colocar para fora tudo o que havia lhe afligido até ali. A náusea também pode ser compreendida como uma saída dessa tortura que Eutanázio carregou durante sua trajetória. Foi, então, diante da vontade de livrar-se daquela sensação, que ele procura cada vez ir mais fundo e

tentar buscar sua própria compreensão. Ao mergulhar em si, reconhece a atitude egoísta que adotou perante em vida, perante si e os outros.

Podemos supor que uma forma de Eutanázio nos propor um sopro de vida, em meio a todo seu aborrecimento e ao autoaniquilamento que apresenta em toda a narrativa, esteja amparada na sua arte de pensar, pois ela nos revela, por meio de uma viagem no seu mundo subjetivo, os fatores responsáveis por todo seu sofrimento. Bittar (2003) revela que, em Nietzsche, também encontramos uma filosofia que desenvolve um profundo trabalho de escavação dos valores, no sentido de superá-los como negação da vida. Nesse processo, o niilismo se apresenta como a raiz de toda a cultura ocidental, que desenvolve uma forma de pensar em que o autoaniquilamento é visto como virtude, em que a dor é exaltada como um bem, em que o tédio da vida é parte do viver mundano. Foi por meio do sentimento de náusea que ele conseguiu renunciar às vontades que lhe causavam ainda mais dores, é dessa experiência nauseada que ele se coloca como o único responsável por todo seu sofrimento.

Toda a sua vida impregnava-se de pequeninos orgulhos, uns incontidos, como em forma de ímpetos, zangas, suscetibilidades; outros silenciosos e imodificáveis, pequenos orgulhos que não se associavam, não se caldeavam num orgulho só que fosse mais tarde capaz de resistir ao riso de Irene. Orgulhos perdidos no seu tédio, no seu desdém, na sua indiferença, até, aquelas marchas para a casa de seu Cristóvão aquelas náuseas procurando trinta mil-réis; onde achar, onde achar? Conhecia a história do rapaz que vendera a alma ao diabo. O demônio, infelizmente, não existia em Cachoeira. Ou seria Irene? Demônio, como coisa terrível, como acontecimento inevitável, como fonte eterna do mal, era Irene, sim. E agora, como vender a alma para arrumar os trinta mil se o Diabo era Irene? Apesar de sua vida desorientada e amarga, tinha sempre rompido com todas as situações. Até com o patrão rompera... E só Irene permanecia no seu mundo de orgulho como um tumor que nunca vinha a furo. (JURANDIR, 1991, p. 74)

Após esse sobressalto sobre a vida, Dalcídio nos coloca em contato com a arte de pensar em Eutanázio, que transita de uma experiência dolorosa, mas que, no final da vida, nos oferece uma experiência de reencontro como uma forma de reinventar a existência. Quanto mais perto da morte, mas consciente de seus atos Eutanázio se revela. Agora ele é capaz de enxergar outro andar em Irene, “como veio tão bela! Perdera aquela brutalidade” (JURANDIR, 1991, p. 159). Ele agora é capaz de reconhecer outra Irene, e esta outra, não é mais aquela que lhe levara para a casa de Felícia, para as grandes marchas noturnas, para a sua própria

degradação, para o fundo da rede. No exercício do pensar ele é capaz de reconhecer-se, e expor que, talvez, sua experiência de vida não deva servir como exemplo, pois ele não foi capaz de se reinventar, assim como não foi capaz de seguir seu destino.

O sopro de vida oferecido por Eutanázio nos é revelado também por meio da coragem que ele encontrou somente no seu último momento de vida. A coragem de assumir que não foi capaz de se renovar em vida. Não foi capaz de traçar um plano para sua vida, não foi capaz de escutar o outro, nem os compreender na forma como se manifestavam. Não soube ouvir e encarar seus sonhos, nem procurou ser aquilo que seus pais planejavam. Tudo isso é colocado e reconhecido por Eutanázio na sua caminhada para a morte. Todas essas questões também são deixadas em meio às suas angústias e à necessidade de expulsão daquilo que lhe afligia.

Assim, com adverte Sartre, o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo. Por isso, embora, muitas vezes, Eutanázio pensasse que suas escolhas deveriam entendidas como opções individuais, elas, no final, acabam afetando todos a seu redor.

Toda Cachoeira sabia. Ele queria viver fechado no seu segredo, mas o povo vinha sabendo de quase tudo. O ridículo devassava-lhe o caráter. E a vaia do povo era mais terrível porque não se mostrava, andava nos cochichos da rua, nas casas, debaixo das mangueiras, na sombra do Bosque do Professor, andava surda, abafada, mas crescendo, implacável e miúda sobre ele. E isso acabava de liquidar o seu resto de orgulho, da sua irritabilidade. Toda a sua vida impregnava-se de pequeninos orgulhos, uns incontidos, como em forma de ímpetos. (JURANDIR, 1991, p. 74)

No decorrer da narrativa, Dalcídio também nos revela que, mesmo Eutanázio não afirmando suas escolhas, sua condição existencial no final acabou interferindo nas escolhas e afetando outros que conviveram consigo. Assim como em Sartre, o homem em Dalcídio também é responsável pela sua existência, tal como as dos outros. Nessa relação, o “[...] outro é indispensável à minha existência, tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta de minha intimidade desvenda-me simultaneamente a existência do outro” (SARTRE, 1970, p. 10).

Em meio a essas reflexões, percebemos que conjugar os pensamentos de Dalcídio, Schopenhauer, Nietzsche e Sartre nos permite extrair um elemento de sabedoria da náusea e do sofrimento. Segundo Fortes (2015), o trágico propõe o fim

do consolo metafísico através da sabedoria do sofrimento, encarnada pelo espírito dionisíaco. Tanto o personagem de Dalcídio quanto o de Sartre revelam uma desarmonia em relação à sua trajetória. Portanto, podemos inferir que essas instabilidades, demonstradas por eles, se realizam acompanhadas da sensação de náusea e a experiência do sofrimento, na perspectiva do trágico e não do consolo.



### III. CONSIDERAÇÕES SOBRE A MORTE

#### 3.1 CACHOEIRA E OS SIGNOS DA MORTE

Falar a respeito da morte é, na maioria das vezes, tocar em uma temática complexa e delicada. Isso faz com que a morte até hoje seja caracterizada por muitos como um mistério incompreensível ou, até mesmo, como um tabu. A falta de compreensão ou a ausência de diálogo sobre este assunto não nos isenta de vivenciar esta experiência, pois, seja como for, aceitando ou não seu acontecimento, a morte é um fato, uma realidade inflexível, natural e certa da vida humana.

De acordo com Vomero (2002), existe uma convenção social que nos impede de falar sobre esse assunto; sendo assim, não possuímos preparo algum para enfrentar a partida dos seres queridos nem muito menos lidar com a nossa própria morte. É como se quiséssemos evitar tal acontecimento, procurando evitar tocar nessa temática. Porém, esse comportamento é ainda mais prejudicial, pois faz com que sejamos atingidos de forma terrível e inesperada pela morte. Logo, a compreensão da morte acaba se resumindo à ordem do improvável, fruto do azar, quase um castigo. Para Vomero (2002), esse é o resultado de uma cultura que celebra o ponto de partida e se esquece do ponto de chegada, que vive como se nunca fosse morrer e, por consequência, morre como se não tivesse vivido o suficiente.

Devemos compreender, portanto, que a morte faz parte da vida, sendo uma etapa a qual precisamos aprender a conviver. Disso decorre a relevância de inserir tal temática nos nossos diálogos diários. Dialogar mais sobre a morte para que, dessa forma, possamos compreendê-la para além dos seus aspectos biológicos. Dialogar acerca da morte permite um pensar de nossa existência e, por conseguinte, nos possibilita construir uma reflexão sobre a própria vida. Buscar a compreensão da morte nos seus diferentes aspectos para que, assim, possamos compreender de um novo modo a vida e problematizar os sentidos de nossa existência.

O tema da morte também é um ponto de encontro entre as obras de Dalcídio e Schopenhauer. Esses grandes pensadores dedicaram passagens em suas obras para falar deste assunto que faz parte da vida de todo homem. Tanto Dalcídio quanto Schopenhauer nos oferecem reflexões muito pertinentes para o

entendimento da morte como um acontecimento presente na vida e na condução de nossa existência.

Schopenhauer, em sua obra *O mundo como vontade e como representação*, discute o problema da morte, conjuntamente com outros temas, a partir de dois pontos de vista: o primeiro, referente ao aspecto da *Representação* (o ponto de vista objetivo ou empírico), o que também é mais usual no entendimento da sociedade; o segundo, relacionado à *Vontade* (subjetivo ou idealista), que será apresentado dentro de sua concepção.

Para adentrar nesta temática, o filósofo ressalta a importância que a morte possui para a compreensão da vida humana e para a aceitação de sua ocorrência. Em uma frase bem difundida esclarece que a “morte é o gênio inspirador, a musa da Filosofia. Sem ela ter-se-ia dificilmente filosofado” (SCHOPENHAUER, 1970, p.35). Diante desta colocação, o autor aproxima seu discurso de reflexão ao de Sócrates, que afirmava, no *Fédon*, que filosofar é *se preparar para a morte*. Tomando como ponto de partida esta afirmação, Schopenhauer considera que a temática da morte deve ser encarada com mais frequência, pois, além de termos um melhor conhecimento sobre ela, estaremos também mais preparados para enfrentá-la.

Quando Schopenhauer nos coloca esta afirmação de que a morte é algo inspirador para a filosofia, ele supõe que ela também seja um elemento necessário não só na vida dos filósofos, mas também para a compreensão do próprio conhecimento da existência humana. A morte é um fator importante para as reflexões da filosofia, porque ela também possibilita oportunidade para entender a própria existência humana, e ressalta:

Não conhecemos maior jogo de dados que o jogo do nascimento e da morte; preocupados, interessados, ansiosos ao último ponto, assistimos a cada partida, porque a nossos olhos tudo se resume nisso. A natureza, pelo contrário, que não mente nunca, a natureza, sempre franca e aberta, exprime-se a este respeito de um modo muito diverso: diz ela que a vida ou a morte do indivíduo nada lhe importa. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 35).

Para o autor, a morte, assim como a sua recorrência e efetivação, já deveria ser uma temática compreendida por nós como um evento que faz parte da natureza, e não da individualidade. No entanto, ainda a assistimos, de modo perplexo e ansioso, como se ela ainda não fizesse parte de nossa realidade, mas, admite ele,

“É preciso enfim que a morte triunfe, pois lhe pertencemos pelo próprio fato do nosso nascimento” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 35).

Dalcídio, igualmente em *Chove nos Campos de Cachoeira*, revela passagem em que a morte se apresenta como ponto central para a matéria literária. Essa temática percorre quase toda a narrativa, tendo como desfecho da obra a descrição minuciosa da morte de Eutanázio, que convive e vivencia os encontros e desencontros com a morte desde os primeiros capítulos da obra. De acordo com Pantoja (2006), a morte é um elemento onipresente na obra. Entre os personagens se pode encontrar figuras emblemáticas em que a morte surge tanto no fato da realidade física, como também metafórica.

A morte em Dalcídio aparece de diferentes formas, em várias metáforas, pensamentos, imagens e menções. Ela começa a ser sentida no pequeno chalé de Major Alberto e, no final da narrativa, se espalha por toda a Cachoeira, em decorrência de uma epidemia que acomete a vila. Este fato faz com que todos os personagens da narrativa vivenciem a morte de alguma forma.

A obra de Dalcídio, por sua vez, carrega vários símbolos que remetem à morte, como o sino e o trabalho do velho Abade, coveiro e fabricante de caixões da vila, o velho Leão, sineiro-surdo, que ficava sempre ao pé do sino para anunciar as mortes, e o velho Ezequias, hipocondríaco e suicida. O som do sino avisava que alguém havia falecido em Cachoeira “— Ainda mais isso. Eu acabava com sino anunciando morte. Isso é de aldeia. Agora é o dia todo! Quem morreu? (JURANDIR, 1991, p. 113). A notícia da morte na vila de Cachoeira era anunciada pelo sino, que cada vez mais vai se tornando frequente. “— Parem com este sino! Parem. É isso que chama ainda mais a morte!” (JURANDIR, 1991, p. 52). Outra forma de comunicar a morte estava nas batidas de martelo na casa do velho Abade, que fabricava os caixões para os mortos da vila. “Dona Tomázia e a morte. [...] A noite lhe faz ter maior medo de morrer. [...] o terror de sair do chalé dentro do caixão do velho Abade. [...] Tem impressão de que a morte é mais terrível e mais definitiva dentro daqueles caixões do velho Abade” (JURANDIR, 1991, p. 152). A morte dentro do caixão que este fabricava parecia torná-la mais misteriosa, “[...] a morte era sempre aquele caixão preto, mal feito, do velho Abade, eram aqueles gritos de Lucíola, aquela palavra dita com certo e misterioso tom por seu pai, a arteriosclerose! (JURANDIR, 1991, p. 53). Todos esses elementos compõem os

signos que indicam de alguma forma direta ou indiretamente a relação que o vilarejo estabelece com a experiência de morte individual e coletiva no vilarejo de Cachoeira.

Pantoja (2006) ressalta que tanto os sinos quanto o barulho das ferramentas de Abade anunciavam, em Cachoeira, a presença da morte. Esta presença de certa forma era experienciada por todos os moradores da vila, pois estes sons chegam ao alcance de todos. Desde Alfredo, que representava a infância daquela realidade, como os mais experientes, como é o caso de Eutanázio que também já sentia na própria pele a aproximação da morte. Esta experiência, vivenciada pelo anúncio da morte, vai provocar nos personagens diferentes reflexões e despertar diversos sentimentos diante de um fato que ainda provoca neles certa resistência.

Alfredo não queria dormir enquanto Maninha não chorasse como criança já salva da crise. Por que Maninha não chora? A luz no quarto, os remédios na cadeira, a bacia, o irrigador, as caturras caindo na bacia, o mosquito armado, o gato arranhando o soalho, aquele silêncio de febre de Maninha, os passos de sua mãe aumentavam a noite, afastavam o sono, davam ao escuro do corredor a presença física da Morte que se aproveitaria duma ida de sua mãe à cozinha para carregar com Maninha (JURANDIR, 1991, p. 125).

O anúncio da morte, em Cachoeira, acomete qualquer um e provoca, em ambos que escutam o som do sino, o sentimento de pavor diante do acontecimento. A temática da morte é levantada desde Alfredo, que, na compreensão da narrativa, possui ainda pouca idade e passa a maior parte do tempo fantasiando seu futuro longe de Cachoeira, até aquelas pessoas mais velhas. O som do sino e o ruído do serviço de Abade acabam provocando, diante daqueles que ouvem, um sentimento de angústia e nostalgia em toda a vila. Era como se a morte sobrevoasse Cachoeira, produzindo uma sensação de permanente atenção, preocupação e medo nos moradores.

D. Rosália Saraiva morreu já no fim da gripe. Alfredo se lembrava da vila sob o peso dos sinos toda hora dobrando a finados. Era a Espanhola, os enterros atravessando o campo para o cemitério, era a morte em Cachoeira. Seu Leio, o sineiro, tinha a cara dos dobres a finados. Era surdo e batia os sinos espalhando em Cachoeira o terror e o pesadelo. Alfredo acordava à noite com aqueles sinos dobrando. Era impressão. Os sinos alucinavam. Velho Leso, surdo, pouco se importava que os sinos invadissem as casas, matassem mais depressa os doentes e adocessem os sãos. Procissões cruzavam a vila. As preces tristes subiam para o céu morno e cheio de estrelas tranqüilas. Alfredo, menino contemplativo e melancólico, se enchia daqueles sinos, daqueles defuntos seguindo pelos campos

estorricados e queimados, daquelas preces! (JURANDIR, 1991, p. 52).

Nessa passagem podemos identificar uma certa proximidade com a filosofia de Schopenhauer, pois o filósofo assume, como ponto de partida da reflexão sobre a morte, a afirmação de que o temor da morte é a maior angústia de todas que acomete o Ser. Esta angústia é independente do conhecimento — este até mesmo atua contra a Vontade, algo digno de louvor, que é a fonte de tal angústia, pois não quer se separar do Intelecto, que lhe serviu e sem o qual é cega. Esta compreensão pode ser estendida à própria angústia sofrida por Alfredo, mesmo sendo ainda um garoto, não compreendendo ainda o sentido da morte, ela já lhe provoca uma aflição e nostalgia.

O anúncio da morte caracterizava um Alfredo contemplativo e melancólico, e fazia com que este voltasse seu pensamento para refletir o momento delicado em que Cachoeira atravessava, tomada por uma epidemia que exilava a cada dia mais os moradores da pequena vila. O sentimento de morte também lhe provocava uma reflexão íntima, angustiada e mais apurada de Cachoeira, dos problemas daquela região, das dificuldades que seus moradores enfrentavam e da falta de intervenção maior para aquele momento, fato este que lhe instigava a sair daquele lugar. Tudo isso eram reflexões que permeavam a cabeça de Alfredo, embora ainda fosse um garoto.

A filosofia de Schopenhauer, ao se posicionar em defesa da dor em vez da felicidade, relembra que é por meio dela que o indivíduo procura exercitar sua compaixão e deixa evidenciar sua condição humana. Para o filósofo, “[...] a mais eficaz consolação em toda a desgraça, em todo o sofrimento, é voltar os olhos para aqueles que são ainda mais desgraçados do que nós: este remédio encontra-se ao alcance de todos. Mas que resulta daí para o conjunto?” (SCHOPENHAUER, 2003, p. 7).

A consolação diante da dor que propõe o autor é sempre voltar os olhos para aqueles que ainda estão passando por momentos mais dolorosos que o nosso. Este fato, de acordo com ele, torna o homem mais humano e também é capaz de consolar a sua própria dor. O sofrimento que Alfredo enfrentava, como a resistência de seu pai para sair daquele lugar ou mesmo seus conflitos internos, parecem ser pequenos perto da fatalidade e da pobreza que Cachoeira estava atravessando

naquele momento. A morte, neste sentido, transfere para si certa consolação e, ao mesmo tempo, uma atitude de reflexão diante dos problemas de seus próximos.

Outro aspecto a ser destacado diz respeito ao nome do personagem Eutanázio, que também faz referência à morte, pois ele será uma figura que transitará na narrativa vivenciando a experiência das mazelas do mundo e da morte. O pequeno chalé onde Eutanázio e Alfredo residiam também inspira a morte: “A tarde sem chuva em Cachoeira lhe dá um desejo de se embrulhar na rede e ficar sossegado como quem está feliz por esperar a morte” (JURANDIR, 1991, p. 2).

Outro aspecto de encontro com a morte na narrativa é descrito por meio de alguns ambientes. A saleta da casa de Major Alberto, lugar onde Eutanázio passava a maior parte do tempo, também configura um ambiente sombrio e enigmático.

Eutanázio, na saleta escura e morna, parecia encardida, as roupas, suspensas num cabide, mais sujas, a mesa, as estantes, os retratos de Augusto Comte, de Santa Rita, do Major Aberto, cobertos de pó, se desfazendo. Boiando do lençol, os olhos dele, como os dum bicho sob um balcedo, permaneciam abertos, amarelos, vidrados, fixos na parede onde mal se desenhava uma teia de aranha. Aquele entorpecimento de saleta que não se varre não se arruma, não se espana, não se abre ao sol, não se enche de Mariinha, com o mormaço da febre, o abafado e a exalação dos panos e dos remédios, era o mundo escolhido e preferido por Eutanázio (JURANDIR, 1991, p.139)

Schopenhauer (1970) esclarece que uma das formas de suprir a dor da morte é lançar o olhar para o processo natural do homem. O nascimento e a morte são dois fatores pertencentes à vida do indivíduo e, segundo o autor, são dois polos que representam todas as manifestações da existência humana. Cada um carrega consigo um símbolo que evidencia a trajetória do homem neste universo. O nascimento carrega consigo a simbologia da geração e, com ela, todo o processo que envolve a formação do homem, enquanto a morte se caracteriza como a destruição. Nessa aproximação com a morte, a descrição da pequena sala em que Eutanázio dormia possuía também uma série de referências à destruição.

Esse ambiente onde Eutanázio passava a maior parte de seu tempo é descrito com alguns elementos que remetem a uma atmosfera de morte. Tal ambiente, que permanecia escuro, sujo, apodrecido transmite para os moradores da casa e também para os demais que vinham visitar a família uma atmosfera sombria, que pressentia a chegada da morte. É um ambiente onde o sol não penetra. A

referência a essa escuridão do espaço também pode nos remeter à própria incompreensão que ainda possuímos a respeito da morte. A morte, vista como algo que ainda se apresenta encoberto, pode ser também remetido à nossa falta de entendimento e de compreensão a essa questão, como também à restrita reflexão que esse fato da vida assume em nosso pensar.

A ausência de uma abertura para o diálogo sobre a morte é uma realidade que, ainda hoje, se mantém na atualidade. Seja no ambiente escolar seja até mesmo nas discussões diárias, essa temática ainda permanece uma incógnita para o humano. Parece que, até hoje, a questão da morte ainda é compreendida como um assunto reservado às religiões e à ciência. Porém, essas duas construções discursivas configuram como campos de saberes opostos, que revelam significações diferenciadas a respeito da experiência morte. De um lado, as religiões, com suas explicações ligadas, em grande parte, a uma fundamentação metafísica e sobrenatural, e, de outro, a ciência, propondo um olhar objetivo, desconsiderando as explicações religiosas e oferecendo uma explicação fundada nos aspectos biológicos e no funcionamento vital do organismo, para ensaiar esclarecimentos justificáveis a respeito do acontecimento da morte que se revela, ao mesmo tempo, natural e tão enigmático.

É importante perguntar e dialogar sobre a morte, sobretudo porque ela é um fator que envolve bem mais do que um aspecto biológico. Compreender a morte supõe também compreender os vários aspectos com os quais ela se encontra interligada, como: o biológico, o social, o antropológico, o psicológico e o filosófico. Refletir acerca da morte considerando estes elementos nos permite adotar uma postura de questionamento e inquietação, mas também de aceitação mais branda a respeito desse acontecimento da vida.

Como ponto inicial de reflexão a respeito da morte, Schopenhauer desenvolve a questão do temor que o indivíduo possui em relação a ela, causando-lhe, assim, uma sensação de angústia diante de sua proximidade. Dessa forma, a morte nunca foi tomada como um evento comum, pois, historicamente, foi representada como algo temível ao homem, por todo sofrimento interno que a perda tanto da vida quanto da não mais presença de pessoas queridas pode causar no indivíduo. Sendo assim, ressalta o autor, a ideia do fim da vida sempre presente nos indivíduos é caracterizada como uma das maiores aflições da humanidade.

No entanto, todo o sofrimento e a aflição causados pela morte são analisados na perspectiva de Schopenhauer como um apego à vida. Este apego, que é responsável pelo descontrole e não aceitação da morte, é caracterizado, para esse autor, como uma atitude egoísta, pois o homem não pode colocar sua vontade em contraponto ao encontro com a natureza. A morte é, para ele, um evento que deve ter como precursora a natureza e não o indivíduo possuído por suas vontades.

O amor e a morte — É à humanidade, e não a individualidades insignificantes e miseráveis, que se pode assegurar a duração — O que o sono é para o indivíduo, é a morte para a espécie — Só a vontade é indestrutível — Eternidade da matéria — Suprema indiferença da natureza perante a ruína dos seres que, pela morte, recaem no seu seio (SCHOPENHAUER, 1970, p. 35).

Pensar nesta concepção de morte que o autor nos apresenta e convida a refletir implica, acima de tudo, compreender a morte fora de um contexto individualista. Perspectivar a morte enquanto humanidade é lançar um olhar para ela que procure compreender essa experiência dentro de uma conjuntura que afeta ou afetará a todos os indivíduos. Na compreensão do autor, a morte deve ser encarada como uma experiência humana e não somente como uma experiência individual.

Quando Schopenhauer afirma, em *Dores do mundo*, que as temáticas do amor e da morte são questões da humanidade e não da individualidade, ele está propondo que estas discussões não devam ser pensadas de forma estritamente individualista. O fato de o humano temer a morte, para o autor, pode ser considerado como uma atitude egoísta, pois querer perpetuar a própria vida é querer manter somente a sua matéria. No entanto, a morte é uma questão da humanidade não da individualidade, pois, segundo esse entendimento, o sujeito é incapaz de assegurar sua duração aqui nesta terra, já a natureza consegue perpetuar sua espécie.

O autor revela que cabe ao homem buscar compreender a morte da melhor forma possível, já que a sua aceitação não terá efeito nenhum dentro deste acontecimento, que é certo; ele também revela a incapacidade de Ser diante da morte. Considera que somos todos miseráveis e insignificantes diante da ocorrência da morte. No entanto, este sentimento de miserabilidade que a morte nos proporciona é visto, por ele, como um fator positivo, pois ele nos torna mais sensíveis à dor e ao sofrimento humano.



Em relação à obra *Chove nos campos de Cachoeira*, este sentimento de sensibilidade e de humanidade é evidenciado por meio das atitudes que os personagens adquirem diante do acontecimento da morte. Sempre que ocorria uma morte em Cachoeira, o fato acabava, de certa forma, provocando uma reunião dos moradores da vila. Várias pessoas se reuniam na casa dos familiares do morto para oferecer seu apoio naquele momento difícil. Além deste encontro causado pela dor da morte, havia também a tomada de consciência de alguns personagens diante dela. A presença da morte em Cachoeira faz com que alguns personagens voltem sua reflexão para si, a fim de suscitar uma análise sobre suas próprias atitudes e a forma de condução de sua vida.

A esse respeito, Schopenhauer esclarece que a dor da morte pode ser entendida como um sofrimento que vem para nos proporcionar um equilíbrio diante da vida: “[...] em todo o tempo, cada um precisa ter um certo número de cuidados, de dores ou de miséria, do mesmo modo que o navio carece de lastro para se manter em equilíbrio e andar direito” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). Compreender que o homem é um Ser incapaz diante da morte significa também entender que ele é igualmente um Ser miserável à sua própria existência. Entretanto, esta compreensão, aparentemente negativa sobre sua condição de vida, pode ter valor positivo, pois, segundo o autor, ela é capaz de equilibrar o orgulho e as vontades que o homem possui diante da vida e entender que ele nada pode fazer diante de alguns acontecimentos, como é o caso da morte.

Neste sentido, a dor da morte é caracterizada como dor que permite ao homem refletir que suas vontades não estão acima das forças da natureza, e esse sentimento de impossibilidade torna-o mais sensível e mais humano diante da existência. A reunião do velório em Cachoeira retrata bem isso. É um espaço onde as pessoas procuram evidenciar o seu lado compassivo e seu sentimento de compaixão com quem perdeu seu ente: “Na cozinha, D. Mercedes fazia café. Outras que, sem serem chamadas, entraram pelo quarto e tudo arrumaram para vestir o corpo, cochichavam na varanda, umas de cócoras, outras em pé” (JURANDIR, 1970, p. 99). A passagem descreve a morte da esposa de Domingão, que era um homem sem muitas amizades em Cachoeira e que ninguém ainda havia entrado em sua casa antes da morte de sua mulher. A morte permitiu aos moradores habitar provisoriamente a casa de Domingão e, com ele, compartilhar suas dores e seu

sofrimento. Dalcídio Jurandir descreve, assim, a experiência da morte como um exercício de proximidade com o outro e aprendizagem coletiva por intermédio da dor.

Em sua filosofia, Schopenhauer manifesta a necessidade da compreensão da morte como um fator indispensável para a renovação das próprias vontades humanas. Para justificar esta concepção ele estabelece uma comparação com o sono. Por meio do desenvolvimento da metáfora de que o que “o sono é para o indivíduo, assim também é a morte para a espécie”, ele fundamenta sua concepção. Declara ainda que assim como o homem precisa do sono para recarregar suas energias e, conseqüentemente, esquecer-se de um dia cansativo e exaustivo para que possa começar um novo dia com mais potência de vida, assim também a morte se caracteriza como elemento necessário para aqueles que já estão cansados de transitar sua própria vida.

Desta forma, a morte é qualificada como um fator positivo, porque ela também é capaz de substituir a existência daqueles que já viveram o suficiente, e que, provavelmente, não possuem mais vontade de prosseguir, pelos que ainda estão nascendo com todo o vigor para experiência de uma nova vida.

A metáfora do sono de Schopenhauer pode ser observada na obra *Chove nos campos de Cachoeira*, caracterizando alguns dos personagens de Dalcídio. Alfredo e Eutanázio são irmãos e nutrem um pelo outro um sentimento de fraternidade, esses personagens, dentro da narrativa, expõem pensamentos profundamente contraditórios em relação à vida e ao seu futuro. Enquanto Alfredo era tomado por uma vontade de autoafirmação diante da vida, de ansiedades movidas por um desejo de realizar seus sonhos e de fantasia, Eutanázio, ao contrário, se via dominado pela necessidade de autodegradação diante da vida no vilarejo. Isso mostra que a vontade de afirmar a vida e o desejo de formação pulsa de modos diferentes em Alfredo e Eutanázio.

Com desejo de sair daquela miséria em que se encontrava Cachoeira, Alfredo nutre o sonho de ir em busca de estudos que transformariam seu futuro para melhor. No entanto, embora encontre obstáculos diante desse desejo, Alfredo procura se refugiar no caroço de tucumã como forma de aliviar suas tristezas e realizar suas fantasias. Por outro lado, temos Eutanázio que se coloca totalmente

desiludido com a vida, anulando qualquer possibilidade de recuperar a saúde, entregando-se, assim, gradativamente, à própria morte.

A chuva escorre e o sono faz Alfredo ver uma grande cidade cheia de navios, trens apitando, lojas soltando balões, meninos andando em pernas de pau como Joaquim Leio andava em Cachoeira. Eutanázio sabe que ficará acordado a noite toda com as dores e o torpor em que está, como se tivesse rolado numa ribanceira na lama. (JURANDIR, 1991, p. 41).

Identifica-se na obra que a noite em Cachoeira representava, acima de tudo, uma espécie de tempo reservado para a autoavaliação da vida nos diferentes personagens. O sono chegava depressa para Alfredo, que também sonhava com uma nova vida cheia de símbolos, que prosperavam em um futuro melhor. Em contrapartida, a mesma noite para Eutanázio era considerada como pesadelo, pois sabia que passaria a noite relembrando as situações desagradáveis e que seria tomado pelas dores que a doença lhe provocava.

A chegada da noite também revela as perspectivas que cada personagem espera da própria vida. Alfredo dormia e acordava com aquela esperança que iria sair de Cachoeira, na sua imaginação, Belém é idealizada da melhor forma possível, pois a cidade, para Alfredo, era um “[...] reino de história encantada, toda calçada de ouro e com casas de cristal, meninos com roupas de seda e museus com muitos bichos bonitos” (JURANDIR, 1991, p. 41). Já na concepção de Eutanázio, Belém possui outro significado, em vez de refletir expectativa boas, caracteriza-se como um lugar onde ele rememora pensamentos negativos e frustrações de não realizações. Foi de Belém que Eutanázio trouxe a palavra hipocondríaco. “Não quis jantar. Aqueles cacos de dente lhe doem. Trouxe de Belém uma palavra que só pronunciava para si, achada num velho dicionário: hipocondríaco. Todos os dias repete várias vezes a palavra. Agora repete dez, vinte vezes” (JURANDIR, 1991, p. 10). A palavra representa o próprio quadro em que Eutanázio se apresenta na obra possuído por um medo excessivo da provável doença que carrega, mantendo algumas manias que evidenciam um homem ansioso e inquieto. A partir dessa percepção e de outras rememorações que Eutanázio tece de Belém, percebe-se que ele possui uma visão desta cidade que se diferencia totalmente da de Alfredo.

As vontades de Alfredo nos revelam a determinação de uma criança que, na sua infância, procura afirmar seu desejo de formação e a sua vontade de ainda sair do vilarejo, com vistas a construir sua trajetória de vida em outros e novos lugares.

Essa afirmação é compreendida dentro do pensamento de Schopenhauer como o homem que quer vida, que deseja afirmar sua vontade de vida frente aos embates com o mundo. No entanto, nesse seu querer, ele enfrentava diversos obstáculos que vão de encontro com seus desejos, como o desinteresse do pai e a falta de condições da mãe. No entanto, Alfredo procurava afirmar suas vontades por meio do carocinho de tucumã. É o caroço de tucumã que alimenta sua imaginação para a busca da realização de seu sonho.

Já Eutanázio possuía muito mais possibilidades que Alfredo, no entanto, preferia isolar-se e desistir de lutar diante da vida. Seu pai lhe mandou logo cedo para Belém com intenção que ele aprendesse alguma profissão que lhe fosse útil. Eutanázio não encontrou nada que lhe despertasse o interesse. De volta a Cachoeira, quando adquiriu a doença, seu pai contratou uma senhora para cuidar dele, no entanto ele se recusava a aceitar os cuidados. O pai organizou um pequeno negócio para que ele se ocupasse em Cachoeira, mas ele fracassa. Diante de diversas possibilidades de afirmação da vida, Eutanázio sempre optava por negá-la. Assim como os anos, os fracassos sempre acompanhavam a trajetória de Eutanázio.

A diferença entre essa autoafirmação diante da vida, descrita por meio de Alfredo, e a negação que é vista nas atitudes de Eutanázio está na forma com que os personagens são afetados pelo mundo em suas experiências e sonhos individuais. Um aspecto a ser destacado, que mantém proximidade com a filosofia de Schopenhauer, diz respeito à idade que os dois personagens possuem. Alfredo, assim como Irene, são personagens novos, crianças que carregam uma fecunda imaginação capaz ainda de criar e recriar um novo mundo, crianças que ainda não possuem uma carga de experiência da vida; já Eutanázio, com quase quarenta, já pode fazer uma avaliação da vida que passou, pois já possui uma experiência bem mais avançada. Somando-se a essa experiência, Eutanázio também carrega a doença que faz com que seus pensamentos se voltem para uma entrega total. Schopenhauer esclarece que a morte é necessária em muitos casos, pois, para uma parcela de indivíduos, a vida parece não fazer mais sentido. A perda de significado da vida representa, para ele, a perda das próprias vontades, dos desejos de querer afirmar a vida frente as mazela e dores do mundo.

É, portanto, nessa perspectiva que Schopenhauer (1970) destaca que a vida do indivíduo é constituída de duas metades. Na primeira metade, a vida é colocada

diante de seus olhos como uma peça de teatro, em que ele espera ansioso e entusiasmado assistir cada espetáculo com a esperança de uma busca pela felicidade. Já na segunda metade, que é determinada pela velhice, as paixões e os desejos se extinguem um após outro, a sensibilidade diminui e a força da imaginação se torna cada vez mais fraca.

Enquanto a primeira metade da vida é apenas uma infatigável aspiração de felicidade, a segunda metade, pelo contrário, é dominada por um sentimento doloroso de receio, porque se acaba por perceber mais ou menos claramente que toda a felicidade não passa de quimera,[...] Na velhice as paixões e os desejos extinguem-se uns após outros, à medida que os objetos dessas paixões se tornam indiferentes; a sensibilidade diminui, a força da imaginação torna-se sempre mais fraca, as imagens empalidecem, as impressões já não aderem, passam sem deixar vestígios, os dias decorrem cada vez mais rápidos, os acontecimentos perdem a sua importância, tudo se descolora. (SCHOPENHAUER, 1970, p.10)

No desenvolvimento de sua concepção sobre a morte como um a dor positiva, Schopenhauer procura sustentar seu discurso na ideia de que na segunda metade da vida do homem, as forças da imaginação se empalidecem, fazendo com que este crie poucas expectativas de uma felicidade. A perda da imaginação, a extinção dos desejos que esta idade proporciona ao indivíduo, são caracterizados como acontecimentos que independem da vontade do sujeito. A idade e todas as consequências de dor que ela permite ao homem são fatores naturais, não podendo este reverter esta situação.

A discussão da idade do homem, e, das provocações que ela oferece em cada etapa de sua vida também são aspectos abordados na obra de Dalcídio. Na condição de crianças Alfredo e Irene são dois personagens cheio de vigor diante da vida, (isso justifica porque Alfredo) Irene possuía provavelmente a mesma idade que quando deixou Alfredo “depois Irene cresceu: Alfredo saía sempre derrotado porque as meninas cresciam mais do que ele. Ficavam moças de repente” (Jurandir 1991. p.109). Esses dois personagens embora tenham se distanciado com a chegada da adolescência, possuem impulso vital frente ao mundo e uma intensa energia para conduzir a vida.

Alfredo enfrenta inúmeros obstáculos e permanece sempre com a vontade de sair do vilarejo e a esperança da realização de um futuro melhor, já Irene mesmo não possuindo grandes sonhos encara cada dificuldade e imposição da vida com um

propósito de luta, enfrentamento e superação. Quando Irene aparece grávida sua família e os moradores de Cachoeira começam a comentar que ela iria ser mãe solteira, que aquela situação era muito constrangedora para sua família, no entanto Irene nem se importa com os comentários alheios. Essa atitude frente ao mundo se expressa no comentário: “Irene parece que se envaidece de estar grávida. Tem orgulho de ficar desonrada, seu Eutanázio [...]. Brigamos com ela para ela não aparecer assim a todo mundo com a barriga, mas qual! Nem se vexa. Aparece, faz por pirraça! Não se aperta, mostra mesmo a barriga crescendo” (JURANDIR 1991. p.150). Isso mostra que a idade que ambos possuem revela também o direcionamento do olhar que os dois lançam sobre suas vidas, pois embora vivenciem num espaço onde a miséria, a fome, as dificuldades diárias são mais intensas, estes, no entanto procuram sempre uma forma de fugir deste ambiente e encarar a vida de forma mais enérgica e criativa.

### 3.2 EUTANÁZIO E A MORTE COMO UM PARADOXO EM DALCÍDIO

A morte é sem dúvida uma temática acentuada na obra de Dalcídio Jurandir. Porém, embora ela seja um elemento presente em outros personagens é em Eutanázio que ela se revela mais intensa. Após ser acometido pela doença, Eutanázio passa a vivenciar o tempo de morte até o final da narrativa. Nessa trajetória este personagem nos brinda com suas mais ricas e humanas reflexões que esse tempo único e singular é capaz de proporcionar aos que vivenciam.

Poderíamos pensar num personagem construído por Dalcídio que não precisasse sofrer tanto para viver a experiência da morte física. Mas ao pensar nessa possibilidade percebemos que Eutanázio se diferencia dessa ideia. A distinção da morte em Eutanázio se revela principalmente no tempo em que ele percorre para a morte. Há toda uma trajetória de morte inscrita na vida desse personagem. Essa temporalidade de morte que percorre os diversos momentos e experiências de Eutanázio é marcada pela dor, pela angústia, desespero e principalmente de uma profunda reflexão sobre sua vida. Através desse tempo o narrador nos revela um personagem paradoxal em diversos aspectos, esse antagonismo é ressaltado principalmente neste período de morte. Embora sua trajetória de vida seja marcada pela dor e agonia, é justamente neste interstício que Dalcídio nos oferece uma riqueza de detalhe e de percepção sobre a sua vida e

daqueles que o rodeiam. Desta forma, a morte de Eutanázio embora caracterize um período de sofrimento e dor, por outro lado nos presenteia com uma série de reflexões instigantes que nos possibilitam aproximar do humano e vivenciar a experiência deste personagem.

Em sua trajetória de vida pode-se dizer que a primeira marca da morte em Eutanázio se revela pelo próprio nome do personagem. O nome Eutanázio remete a eutanásia procedimento ativo ou passivo que faculta a morte. No entanto, no nosso personagem este significado inscreve em suas características físicas e psicológicas outro entendimento que se diferencia do termo eutanásia. Segundo Furtado (2003) além do nome, este personagem apresenta uma série de características que reforçam a ideia de constituir um sujeito decadente, que se impõe a adotar uma postura em favor da vida, pois seus pensamentos são contestantes e resistentes aos padrões estabelecidos no meio que transita.

Eutanásia de acordo com Hage (2014), é justamente o ato de levar à morte de um ser doente, que esteja em estado crônico, e que normalmente se encontra em grande sofrimento físico e psíquico. Ela pode ser 'ativa', quando uma série de procedimentos são postos em prática, a partir de um acordo feito entre o doente e o profissional que praticará o ato. Ou pode ser 'passiva', quando as atitudes necessárias para manter o doente vivo são interrompidas ou não se inicia nenhuma ação médica, nesse caso não há um ato que leve à morte, mas também não há nada que a impeça. De qualquer forma ela é compreendida como ato de provocar a morte cometida ou omitida com o propósito de causar ou acelerar a morte de um Ser e pôr fim ao sofrimento. No entanto, o que se observa em Eutanázio é que nenhum desses procedimentos é justificável. Nem a anulação do sofrimento, muito menos a aceleração de sua morte.

O sofrimento é um fator recorrente em sua trajetória de vida e o tempo de morte percorre vagorosamente fazendo com que este sofra mais ainda suas dores mais fecundas. Caracteriza-se como um sujeito emblemático e com questões existenciais profundas, vive tentando ordenar o caos que habita seu mundo interno, mas ao final, nem ele, nem mesmo aqueles que convivem consigo conseguem estabelecer uma definição de quem era aquele homem.

De acordo com Hage (2014), a primeira referência que a narrativa faz a este personagem já demonstra que se trata de um protagonista em um estado de

moléstia, num processo de dissolução de degradação. “Voltar para o chalé era, muitas vezes, ter de olhar na saleta o vulto de Eutanázio sozinho com aquela cara amarrada. Era tentar compreender por que motivo [...] da doença de Eutanázio, misteriosa moléstia” (JURANDIR, 1991, p.10). Essa falta de compreensão do personagem era algo que se estendiam tanto as que residiam com ele, como aos que o observavam de fora. Eutanázio voltou à janela e D. Gemi sentou. Começou a refletir que aquele homem só podia ter um crime nas costas, andava com um remorso lhe perseguindo. Só podia ser [...]. Não podia compreender. Um homem emburrado sempre, insensível à bondade dos outros” (JURANDIR, 1991, p. 07).

Além da não compreensão externa a seu respeito, Eutanázio também carrega o sofrimento pelas lembranças do passado e por não saber ordenar seu caos interno. Carrega consigo uma inquietação por perceber que o tempo passara depressa demais, e que retirou de si sua juventude. Cada vez mais perto da morte se torna mais consciente da vida, a consciência traz também a privação da liberdade, o desassossego.

A esse respeito Schopenhauer afirma que “todo desejo nasce de uma necessidade, de uma privação de um sofrimento” (SCHOPENHAUER, 1970. p.10). Para embasar essa colocação ele difere as fases da vida pelo qual o homem transita.

Enquanto possuímos os três maiores bens da vida: saúde, mocidade e liberdade, não temos consciência deles, e só os apreciamos depois de os havermos perdido, porque esses também são bens negativos. Só notamos os dias felizes da nossa vida passada depois de darem lugar aos dias de tristeza... — À medida que os nossos prazeres aumentam, tornam-nos cada vez mais insensíveis; o hábito não é já um prazer. Por isso mesmo a nossa faculdade de sofrer é mais viva; todo o hábito suprimido causa um sentimento doloroso. As horas correm tanto mais rápidas quanto mais agradáveis são, tanto mais demoradas quanto mais tristes, porque o gozo não é positivo, mas sim a dor, cuja presença se faz sentir. O aborrecimento dá-nos a noção do tempo, a distração tira-a. O que prova que a nossa existência é tanto mais feliz quanto menos a sentimos: de onde se segue que mais vale ver-nos livres dela. Não se poderia absolutamente imaginar uma grande e viva alegria, se esta não sucedesse a uma grande miséria porque nada há que possa atingir um estado de alegria serena e durável; o mais que se consegue é distrair, satisfazer a vaidade. É por este motivo que todos os poetas são obrigados a colocar os seus heróis em situações cheias de ansiedades e de tormentos, a fim de os livrarem delas: drama e poesia épica só nos mostram homens que lutam, que sofrem mil torturas, e cada romance oferece-nos em espetáculo os espasmos e



as convulsões do pobre coração humano. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 13).

Se nos propormos a avaliar Eutanázio dentro dos três maiores bens da vida que Schopenhauer concebe: **mocidade, liberdade e saúde**, verificaremos que este personagem é privado de todos esses elementos, pois ele apresenta uma doença a qual caracteriza tanto física, como “*do mundo*”. Já é um indivíduo que não possui mais mocidade “Mocidade é isso mesmo! Mocidade é isso mesmo, uma ova! [...] Uma vontade de esbofetear a velha, enxotá-la com aquela vassoura que Maninha nas suas brincadeiras deixara embaixo da estante. Mocidade e ele com quase quarenta anos!” (JURANDIR, 1991, p. 07). Liberdade também é outro bem que lhe falta, pois diante da consciência de sua morte, Eutanázio se caracteriza como um homem angustiado, o que faz com que viva permanentemente atormentado pelos seus próprios pensamentos.

Sem os três maiores bens da vida que também são negativos Eutanázio revela uma série de aborrecimentos, tormentos e a miséria em que se encontra. Com a perda da mocidade ele também percebe que o tempo lhe escapou, mas não foi capaz de fazer dele um homem maduro, ou então um sujeito que aceitasse o seu destino. Desta forma, suas dores se multiplicam ao perceber pelas diferentes vozes que interpelam o que ele se tornou: “Mocidade e ele com quase quarenta anos! Sim, estava próximo dos quarenta. Como foi que o tempo passou? Como chegou a ter vinte anos sem ter percebido?” (JURANDIR, 1991, p. 05). A fala da Dona Gemi, por exemplo, é algo que provoca inquietações, pois lhe trazem uma reflexão da construção que outros possuíam dele, e nessa interpelação ele lança perguntas sobre si, sobre o tempo e o que fez da vida.

Outra fala que também lhe provoca perturbações é a do pai. Nos discursos Major Alberto de Coimbra sempre faz questão de reforçar que Eutanázio se alojou em sua casa como se fosse um “parasita”, desta forma, quem arca com as despesas da doença e dos vícios de Eutanázio é sempre o pai. “Por que não se tratou lá? Só um insensato. Você não se emenda. O besta que pague. O pai da tropa. O besta que esprema o bolso”. (JURANDIR, 1991, p. 07). A citação adiante revela o pensamento de Major enquanto espera a volta do filho, que mesmo tomado pela doença insiste em visitar todas as noites a casa de Irene.

Major Alberto sabe que Eutanázio voltará a cair. Desta vez não se levantará mais. Com esta chuva é capaz de vir andando. Chegará com os sapatos encharcados, a roupa escorrendo, a garganta apertada. Um maluco! Um maluco! Devia estar com as irmãs em Muaná. Mas não há jeito. As irmãs são a cega e as duas solteironas. Vivem sós numa casa triste e gasta [...] Major Alberto pensa que Eutanázio chegou. A porta se abre. Não é. A chuva aumenta. O vento zune no chalé de madeira. Alfredo agora dorme. Os catálogos dormem também. Major Alberto pensa nas três filhas distantes [...] Eutanázio naquela penitência. A ceguinha muito branca, o rosto fino, já anguloso. A medida que a chuva vai diminuindo, o sono vem aumentando em Major Alberto. (JURANDIR, 1991, p. 31).

As diferentes vozes lhe chegam como uma permanente perturbação, pois elas revelam sua identidade e lhe provocam inquietações. A fala de Major Alberto também é algo que lhe desagrade, pois, o pai deseja que o filho aceite os cuidados que ele está custeando e procure tomar mais cautela com relação a sua doença. Mas em vez disso Eutanázio renega os cuidados, frequenta a casa de Felícia, entrega-se a doença e continua atravessado os campos todas as noites, agravando mais ainda seu estado — Como diabo você anda por aqui com essa imundície? Ficas podre em vida. Depois quem aguenta com as despesas sou eu. (JURANDIR, 1991, p.07).

O personagem se entrega a doença, mas a sua entrega aqui não é lida como um abandono da sua vida, mas como um modo propulsor para reflexão da dela. Neste sentido, sua entrega pode ser aproximada a experiência de Nietzsche na busca de libertar-se lentamente do contexto intelectual no qual estava inserido para então afirmar sua filosofia como arte e criação. Essa experiência de abandono por mais paradoxal que aparente ser, permite a leitura de que a doença o libertou da verdadeira enfermidade: aquela do pensamento decadente. “A doença libertou-me lentamente: poupou-me qualquer ruptura, qualquer passo violento e chocante. Não perdi então nenhuma benevolência, ganhei muitas mais. A doença deu-me igualmente o direito a uma completa inversão de meus hábitos” (NIETZSCHE, 1999, p.75). A enfermidade em Eutanázio também pode ser lida na proximidade da concepção Nietzscheana, a experiência da doença e do abandono como forma de libertação. Emancipação pelo afastamento, o que concede a ele agora dedicar mais tempo a viagem de seu pensamento. Tanto em Nietzsche quanto em Eutanázio a doença e a dor como experiência de libertação proporcionada pela solidão de si em um estado para sua reflexão.

Mergulhado em suas dores mais profundas, Eutanázio descobre agora suas meditações mais íntimas, o que lhe leva nas profundidades mais tortuosas de seus pensamentos. Assim, ao invés de se entregar a dor e tomá-la como uma destruição, ele se apropria dela como um elemento potenciado para problematizar a própria vida. Ele não aprecia a dor, mas aponta através dela as possibilidades que o sofrimento pode permitir um pensar criativo e ético da própria vida. Visto por intermédio da concepção de Schopenhauer, podemos verificar que o personagem de Dalcídio é composto a partir de uma inversão de sentidos a respeito da doença. A enfermidade a qual este personagem está exposto é o elemento propulsor por meio do qual Eutanázio nutre suas próprias reflexões a respeito do homem, da sociedade e de si mesmo em sua trajetória de vida.

Nestas reflexões ele vai buscar em suas memórias as verdadeiras razões que lhe constituíram. Nesta busca ele descobre que a fala do outro foi um fator preponderante na sua constituição. Se depara com sua falta de coragem para assumir suas vontades e o enfrentamento de obstáculos.

Toda a sua infância fora triste, indecisa, infeliz. Um pequeno enjambrado, cheio de aborrecimentos crônicos. Era uma consumição para os pais. Major Alberto dava-lhe tundas e o pequeno com aquele gênio. O pai, depois da surra, bradava apoplético:

— Eu te acabo! Eu te emuralho a cara, seu patife! Acabo com isso...

— E cerrando-se os dentes, as mãos crispadas:

— Te acabo! te acabo! Me saíste uma boa peça. Mas pagas! Costa de chinelo te fará macio, seu brutamontes! A filha mais velha com os olhos muito arregalados, a mão arranhando a gola da blusa, sussurrava: — Nunca vi. Mas Eutanázio está... — E olhava a outra irmã calada, com um esboço de sorriso no canto do lábio enquanto a mãe silenciosa enrolava, lenta e séria, os seus longos cabelos negros. Eutanázio se fechava no quarto, em resmungos e abalava a casa com as pisadas de bezerro brabo, aos tombos, aos pontapés, machucando-se propositadamente nas paredes, nos bancos, nas mesas ou tinindo o caneco no pote quando ia beber água, esgazeado de raiva (JURANDIR, 1991, p. 7).

Quando criança ele não teve coragem para enfrentar o pai ou lidar com as situações desagradáveis ocorridas na família, aceitando não de forma passiva, mas com certa revolta o que os outros lhe impunham. É na fala do outro também que ele se reflete, pois diante da irritação constante do pai, e da definição de mocidade de Dona Gemi ele percebe que a vida não foi capaz de lhe proporcionar maturidade, pois embora tenha se passado quarenta anos ele ainda se mantém com a mesma falta de atitude que apresentava quando criança. No entanto, ele só percebe sua

imaturidade pela fala do outro é o pai e principalmente Dona Gemi que revelam sua precocidade.

Diante desta reflexão podemos refletir na importância da escuta do outro para processo de construção de si. Como a fala do outro pode ser considerada como um signo para que possamos também realizar uma autoavaliação, sempre tendo em vista a possibilidade de sermos melhores cada dia mais. Eutanázio no leito de morte nos revela mais uma de suas contradições, pois nos mostra através de suas memórias que não abriu possibilidade para ouvir o outro e deixar que essas vozes lhe trouxessem novos rumos. Agora, no entanto, mais perto da morte percebe que talvez o tempo tenha lhe escapado depressa demais para seguir outros caminhos, e esse mesmo tempo se coloca agora como empecilho, pois está mais convicto da aproximação da morte. Revela também que nem lembra dos seus vinte anos, demonstra que somente agora, com suas dores mais intensificadas é capaz de realizar uma profunda escavação em sua trajetória de vida. A fala do outro lhe penetra, provocando-lhe uma dupla interpretação, de um lado revela a importância dessas vozes para sua construção, a sua afirmação de vida, e de outro percebe que no processo de sua construção de vida não soube ouvir nem suas vozes nem as vozes alheias.

Outra questão levantada por Eutanázio nesta mesma cena é a pergunta pelo tempo que foi lançada somente com a proximidade da morte. Nesse tempo de morte ele se assusta quando percebe a rapidez do tempo que não lhe possibilitou uma recordação marcante que tivesse feito aos vinte anos, talvez nesta idade ele não possuísse a noção de finitude. Neste percurso de sua vida ele não foi capaz de se fazer a pergunta a respeito do tempo. Somente agora ele se desafia, e o tempo como correu tão de pressa? E o que fez de sua vida, de sua mocidade? O desafio de ultrapassar obstáculos e criar coragem para uma reflexão profunda e madura, somente agora brotara em Eutanázio.

Talvez esta seja também a pergunta que Dalcídio continue nos provocando a fazer, pois ela deveria ser constantemente atualizada. Quem sabe também nós não levamos uma vida como a de Eutanázio, acreditando sermos seres infinitos, sem encontrar tempo para nos lançarmos a pergunta sobre ele. A morte neste sentido se revela como uma possibilidade de atualização da nossa própria existência. O tempo de morte, a ideia de impotência diante da vida revela a

necessidade das perguntas que devem reverberar sempre em nossas avaliações. É pela ideia de finitude que aflora a valorização individual, Eutanázio carregou uma vida de imaturidade acreditando que talvez pudesse um dia ter tempo para assumir uma postura de maturidade, quem sabe também nossas ideias de infinitude não estão nos privando de alçar outros voos, fazer novas perguntas.

A imaturidade de Eutanázio percebida somente aos quarenta anos vai se revelar como mais uma dor que lhe impulsiona ao caminho da morte, mas por outro lado se torna positiva porque é através dela que ele realiza uma autoavaliação com o intuito de verificar os motivos de sua infantilidade. Nessa busca de retomar ao passado ele recoloca questões importantes que lhe afetaram profundamente lhe caracterizando um sujeito incapaz de ir ao enfrentamento da vida. A indiferença da mãe pelo cuidado com o filho, a rigidez do pai que não criava situações de aproximação, a “intransigência” do professor com seus alunos e uma educação que não foi capaz de “mudar os rumos das coisas”. Esses foram os primeiros impactos que estagnaram sua vontade de afirmação de vida.

De acordo com Kant (2005), a menoridade seria a incapacidade do indivíduo usar, ou usufruir do próprio entendimento. A preguiça e a covardia seriam, portanto, fatores que delimitam seu crescimento racional. Kant afirma ainda que todo indivíduo vive uma situação de menoridade em algum momento ou fase de sua vida, isso pode acontecer tanto por comodismo como por oportunismo, medo ou preguiça. Mas o que não pode acontecer é o indivíduo permanecer na menoridade a vida toda, renunciando esse processo a si e aos outros. A esse respeito o filósofo destaca,

Para este *esclarecimento*, porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, exclamar de todos os lados: *não raciocineis!* O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista diz: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede. Eis aqui, por toda a parte a limitação da liberdade (KANT, 2005, p. 65).

Conforme Kant, o esclarecimento que seria o alcance da maioridade deveria ser então um compromisso moral com o aperfeiçoamento e bem-estar da sociedade, honrando as hierarquias sociais presentes. No entanto, quem ainda não alcançou a maioridade assume um posicionamento de medo, comodismo, oportunismo ou preguiça, poucos se tornam efetivamente esclarecidos.

É dentro desta perspectiva, portanto, que podemos analisar o julgamento que outros personagens constroem acerca de Eutanázio. Ele geralmente é visto como um indivíduo que sempre demonstrou uma postura de um homem sem autonomia diante de qualquer situação. Desde a infância, demonstra que sentia um desapontamento diante das vozes dos outros, no entanto, não adotava uma postura de contradição diante dela, nem de autonomia de suas próprias vontades. Com o estudo foi sempre distraído, “Como estudante, sempre descuidado dos sapatos e da roupa. Aprendia com aborrecimento ou com indiferença, frieza ou desapontamento” (JURANDIR, 1991, p. 14). Sentia-se como um “parasita” na casa do pai: “Não sabe o que fazer, não organizou um plano na vida, não tem emprego” (JURANDIR, 1991, p. 19). Desse modo, intensifica-se mais “Sua má vontade para a vida. Sua má vontade para com os homens” (JURANDIR, 1991, p. 19). Morria por Irene, mas nunca teve coragem para atestar este sentimento. Sendo assim, os que conviviam com ele possuíam uma visão de alguém que ainda não tinha amadurecido o suficiente para viver uma vida de adulto em sua autonomia.

Oliveira (2012) destaca que Dalcídio, por meio do tempo de morte de Eutanázio, nos provoca a pensar na questão da maioridade. A contribuição de Kant é igualmente pertinente quando nos desafia a questionar o significado da maioridade. Ao expor seu entendimento, ele também diferencia a disciplina de esclarecimento, temática que pode ser pensada, hoje, no ambiente escolar. Ser disciplinado não significa ser esclarecido, pois o esclarecimento, segundo o autor, vai muito além e requer do homem autonomia para pensar por conta própria.

Assim, a educação, segundo Oliveira (2012), é o espaço que pode possibilitar a transição da “*heteronomia*” (quando os outros pensam pela criança e as regras são impostas e obedecidas), para a “*autonomia*” (quando o homem pensa por si e onde ele é auto legislador, obedecendo a lei moral). Segundo Kant (2005), na educação do ser humano existem quatro passos fundamentais. O primeiro passo é o da “disciplina”, em que a animalidade do homem é reprimida para que seu caráter possa vir a ser desenvolvido. Tornar o ser humano culto é o segundo passo, pois, a “cultura” engloba vários conhecimentos, dando-lhe possibilidades múltiplas para muitos fins. O terceiro passo se refere à “civilidade”; uma cultura que preza as cerimônias sociais como, por exemplo, a gentileza e a prudência para com os outros e de tudo o que diz respeito à formação do cidadão. Por fim, o quarto passo, a

“moralização”, que, para Kant, é o mais importante, porque seria infinitamente mais significativo pensar por si e escolher bons fins para todos, do que apenas ter sorte em seus próprios fins, uma vez que a formação moral oferece ao homem bons valores a respeito da espécie humana.

Oliveira (2012) ainda ressalta que o ideal seria que a educação pudesse possibilitar “moralização”, processo no qual o homem conseguisse pensar por conta própria e fosse capaz de tomar decisões com base na lei moral, como um produto da razão estabelecida por nós mesmos e que deve ser universal. No entanto, a narrativa de Dalcídio Jurandir revela o papel contraditório desta Educação, pois Eutanázio se torna um sujeito sem autonomia e uma das causadoras deste seu estado é a própria Educação.

Eutanázio acabou não adivinhando a utilidade de saber ler e escrever. Tudo seria a mesma coisa. A vida teria a mesma cara e a mesma coroa, quem era rico e os que eram pobres, o almoço e o jantar, a fome e a morte. Deus, os anjos e S. Pedro com as chaves no céu. O sol nascia e morria. Queria aprender para mudar [a viagem do] de sol. O sol nascer na meia-noite. Mudar de rumo. Em vez de sentar no poente desaparecer no meio-dia. Que a gente não dormisse. Enfim saber ler e escrever para mudar a face das coisas. Nunca respondia mal ao mestre. Tinha, no entanto, uma submissão soturna e distraída. Estudava para não apanhar de palmatória. Se apanhasse, seria capaz de matar o mestre com uma pedrada. (JURANDIR, 1991, p. 14).

A Escola se apresenta como uma das primeiras instâncias em que Eutanázio se depara contrariado a afirmar sua autonomia. Ele criara expectativas com relação a ela, acreditando que talvez fosse uma forma de possibilitar a ele mudanças em si e no mundo. No entanto, ao vivenciar a experiência escolar, ele se vê obrigado a adotar uma postura mecânica, reproduzir o que seu mestre ordenava, fazendo-o desacreditar das razões de aprender a ler e escrever.

A intolerância de seu professor e a repreensão do pai com relação às preferências de Eutanázio também foram fatores que privaram sua liberdade de escolha da profissão e da exposição de sua ideia. Quando ainda pequeno, inclinava-se a compor alguns versos, no entanto a advertência de seu pai fez com que este desacreditasse de suas composições: “— Uma porcaria. Que ele cuide doutra vida. Uma porcaria. Está vagabundando. Nem métrica sabe, nem parece que na estante tem um livro de versificação. Uma porcaria. Mania. Mania” (JURANDIR, 1991, p. 15).

A inflexibilidade dos outros diante de suas escolhas pode justificar a falta de liberdade que ele apresenta então.

Outro aspecto que revela a dualidade em nosso personagem diz respeito ao fato de ele tomar conhecimento de seu estado atual de saúde, e apresentar uma entrega física à doença, mas que, por outro lado, revela uma riqueza em suas reflexões psicológicas. “— Vão ter pena do diabo, mas não dele. Deixem ele com a sua doença! Ninguém tinha de andar se incomodando com ele” (JURANDIR, 1991, p. 7). Ao mesmo tempo em que Eutanázio se entrega à doença, ele também manifesta uma atitude de revolta contra aqueles que se colocavam à disposição para tentar curá-lo. “Dona Gemi arranhava o pescoço bulia com o seu rosário, mexia os pés, esperando. Que ele falasse pelo amor de Deus. Como se podia deixar um homem daquele entregue ao seu gênio, como?” (JURANDIR, 1991, p. 7). Quando ele renega não somente os cuidados de D. Gemi e do pai, ele nos oferece pistas de que não precisa apenas de uma saúde física, mas também de uma cura de sua alma, de suas angústias.

Sem os cuidados de D. Gemi e dos outros, Eutanázio acaba não tomando decisão alguma para impedir o fluxo de sua moléstia. Esta ausência de vontade e falta de iniciativa para agir no mundo pressupõem uma postura passiva do humano, uma aceitação sem maiores resistências da eutanásia, pois age de forma como se quisesse aceitar a morte passivamente, com todas as consequências que a doença lhe causaria. Entretanto é justamente a entrega pela doença, pela dor e pelo tempo da morte que vai despertar em Eutanázio a tomada de consciência sobre o que ele fez da vida, o que os homens fazem dela e refletir profundamente sobre a existência em um período da morte.

Ao mesmo tempo em que podemos fazer uma leitura visualizando a entrega deste personagem diante da morte, por outro lado, verificamos que é justamente neste período de morte que ele potencializa a vida, pois é por meio da experiência da morte que ele mergulha em uma profunda avaliação de sua vida e coloca em evidência suas memórias, no sentido de problematizar tanto a sua existência quanto a do homem de sua época. Uma experiência que ele poderia não sentir, mas que Dalcídio nos propõe também vivenciar e sentir com Eutanázio, são as mesmas dores e angústias que esse tempo possibilita. Em Eutanázio, podemos identificar que são nos dias tristes de sua existência que emergem os questionamentos mais profundos



referentes à vida. O tempo de dor e sofrimento permite um novo olhar para o sentido das coisas do mundo. Desse modo, o encontro de Eutanázio consigo mesmo e com o mundo se dá pela experiência da dor e do sofrimento, uma vez que, em um tempo de dor, Eutanázio pensa sobre a sua existência e sobre as mazelas do mundo.

Vivendo diante de um tempo de morte, o personagem revela-se muito sensível a qualquer alocação. Ele engoliu tudo sem responder. “Tinha em certos momentos até vontade de receber mil insultos que o magoassem muito, humilhassem-no, [...]. Mas em outros ficava sensível a qualquer brincadeira com ele” (JURANDIR, 1991, p. 10). Uma fala que aparentemente não possui nenhum sentido e importância acaba gerando em Eutanázio uma grande preocupação.

Nessa sua sensibilidade aflorada, Irene vai se tornar um motivo de sua dor e de sua irritabilidade. Fora da casa de Irene que ele saiu para a doença de Felícia, mas foi a doença que lhe possibilitou olhar para si e verificar o homem que se tornou.

Irene, nesse tempo de morte, torna-se também um antagonismo para Eutanázio. Seu nome que carrega no significado aquela que traz a paz, a pacificadora se tornou o motivo de sua desordem, dos transtornos. Mas, em um segundo momento, cada vez mais próximo da morte percebe que ele foi o responsável pelos seus próprios fracassos, e que depositou em Irene toda a culpa de sua falta de coragem diante das situações da vida.

Os três bens definidos na concepção schopenhaueriano são, provavelmente, carências que o personagem de Dalcídio necessita. No entanto, tomando a dor como elemento positivo, pode analisá-lo dentro de um ponto de vista que potencialize a trajetória de vida deste personagem. No tempo da morte, Eutanázio reconhece que é um sujeito frágil e com ausência de saúde, mocidade e liberdade. Essas privações causam-lhe sofrimento, mas produzem, acima de tudo, um pensamento questionador e contestador de seu tempo e do abandono social e educacional que envolvem o vilarejo de Cachoeira.

A morte é um movimento de oposição em Dalcídio, revelado por meio da perspectiva de Schopenhauer. O nome do personagem conjectura a morte, mas, em vez de optar pela morte, Eutanázio faz um fecundo sobrevoo pela vida para nos proporcionar uma nova a experiência da morte. Em sua trajetória em direção à morte, o narrador nos revela um leque de possibilidade que o tempo da morte nos

propõe. Dentro desta aventura, é possível estabelecer uma regressão na memória com o propósito de observar e analisar o que fazemos da própria vida.

Por meio do tempo de morte do nosso personagem, o narrador nos provoca a refletir sobre o período de morte como um percurso da vida que precisa ser experimentado, sobretudo numa sociedade caracterizada pelo individualismo e a negação do outro. Esse tempo e essa dor suprimidos pela eutanásia são também necessários para que, ao menos no último percurso da existência, possamos realizar a reflexão de Eutanázio efetuou. O tempo de morte também nos possibilita pensar a questão de que não é somente no procedimento da eutanásia que esse direito está sendo negado. Na sociedade atual, a banalização da morte está igualmente negando esse tempo tão reflexivo.

Na filosofia, bem como na literatura, o exame no tempo de falecimento é fortuito, porque carrega consigo uma carga de humanidade. A afeição neste tempo se torna mais intensa, proporcionando agora um novo olhar, uma outra análise. É com o sentimento de morte que ele se torna mais humano, mais perceptível à vida e ao Outro. Esse novo olhar começa a brotar para que agora passemos a recolher com afeto o tempo, a dor e todas as fragilidades pouco antes percebidas. Tudo passará agora por nova análise, todas as fases da vida, como insinua a leitura de Eutanázio.

Por fim, consideramos que a filosofia de Schopenhauer interligada à literatura de Dalcídio nos permitem pensar a existência e a educação numa perspectiva do humano, considerando todas as suas dores. Pensar esses dois campos de conhecimento como uma provocação para se pensar a educação na centralidade do humano. As reflexões levantadas por Eutanázio possibilitam entrar em contato com outra experiência a respeito da dor, do sofrimento e da morte, na tentativa de transmutar, por meio da educação, essas experiências em alegria e afirmação da vida. Além do que esses autores com seus pensamentos também nos instigam a pensar o tempo de morte, o esquecimento do homem e o abandono educacional em períodos vigentes. Atualizar as considerações dalcidianas e schopehaureanas e, com isso, problematizar igualmente questões do humano e da educação que ainda permanecem como interditos ao pensamento e à experiência humana.



## IV. CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

### 4.1 EUTANÁZIO E AS APORIAS DO AMOR

O amor, na concepção de Schopenhauer, surge como a temática que abre a reflexão em seu ensaio sobre *Dores do Mundo*. Essa relevância em relação ao amor se faz pertinente, porque Schopenhauer o caracteriza como um sentimento real na vida humana. Segundo esse autor, é a temática preferencial das obras dos grandes poetas, além, é claro, de ser uma realidade presente no cotidiano, encenado por personagens reais que, muitas vezes, agem de forma irracional e passional em nome desse sentimento.

O autor considera o amor como um elemento que está presente em todas as esferas da vida. Dessa forma, não se deve adotar o amor apenas nos romances e comédias, mas, sobretudo, no seu mundo real, onde ele realmente se concretiza. Mas adotá-lo, nesta perspectiva, significa também compreendê-lo na sua totalidade. Sendo assim, sua abrangência deve levar em consideração não somente as fantasias amorosas que normalmente são cantadas pelos poetas, mas também todas as consequências que esse sentimento pode acarretar na vida humana.

No entendimento de Schopenhauer, não é permitido duvidar da realidade do amor, nem de sua importância, pois tanto a dramaturgia quanto a realidade nos oferecem exemplos reais da substância e autenticidade da natureza do amor.

Não é, portanto permitido duvidar da realidade do amor, nem da sua importância. Em vez de causar admiração que um filósofo procure também apoderar-se deste assunto, tema eterno de todos os poetas, deve antes surpreender que uma questão que representa na vida humana um papel tão importante tenha sido, até agora, descuidado pelos filósofos, e se encontre diante de nós como uma matéria nova. De todos os filósofos, foi ainda Platão que mais se ocupou do amor, principalmente no *Banquete* e no *Phedra*. O que ele diz sobre o assunto entra no domínio dos mitos, das fábulas e dos ditos equívocos e, sobretudo diz respeito ao amor grego. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 55).

No entanto, embora seja um dos assuntos mais importantes da natureza humana, o amor atravessou gerações e, ainda hoje, permanece como um assunto muito explorado, mas ainda com muitos mal-entendidos. Para o autor, os grandes pensadores ainda não se empenharam em estudar o amor no seu sentido real, nem abrangendo a sua totalidade. Esta falta de esclarecimento a respeito da temática acaba desencadeando uma visão romancista, ingênua, que a humanidade carrega

até a atualidade sobre este assunto: “O amor, assunto até agora reservado aos romancistas e aos poetas — Insuficiência dos filósofos que têm tratado do assunto — Deve-se estudar o amor na vida real — O seu papel, a sua importância, o interesse universal que ele inspira” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 15).

Schopenhauer destaca que nenhum outro Ser se ocupou em descrever tanto o amor como fizeram os poetas. É de se estranhar, de acordo com ele, que os filósofos tenham dedicado tão pouca oportunidade a esse assunto, e, mesmo aqueles que buscaram compreender o amor, como foi o caso de Platão, Rousseau, Kant e Spinoza, fizeram-no de forma superficial, ou de forma induzida. Esta superficialidade está relacionada principalmente a uma análise que foge do seu meio material e acaba propagando uma visão otimista deste sentimento.

Já os poetas que foram para Schopenhauer (1970) e que mais se dedicaram a estas temáticas se ocuparam em “pintar o amor”, em vez de estudá-lo no seu sentido real. A pintura do amor se tornou um assunto principal das obras dramáticas, trágicas ou cômicas, tanto nas poesias na Índia, como na Europa. Algumas narrativas se tornaram imortais, como foi o caso de Romeu e Julieta. Para o filósofo, o problema da descrição deste amor na visão dos poetas é que eles difundiram na humanidade uma visão positivista e distante da realidade do amor e transformaram-no num sentimento imortal.

Ainda segundo Schopenhauer (1970), o grande erro dos poetas foi difundir a concepção de que o amor está diretamente relacionado à felicidade. No entanto, embora a felicidade possa fazer parte de alguns momentos da realidade do amor, ela não decorre como algo constante. O sofrimento do amor são consequências visíveis, pois ele rompe as mais preciosas relações, quebra os mais sólidos laços, faz vítimas, torna a saúde, doença, muda o fiel em traidor, e muitos outros casos.

Dessa forma, o amor também é considerado por Schopenhauer como um dos tormentos da existência, pois, para realização do seu desejo, de sua vontade, ele provoca uma série de consequências devastadoras. No entanto, embora tenha que provocar todas esses estragos, a dor do amor é considerada como uma dor positiva, pois é através dela que ele trava uma batalha de um querer, de desejar perpetuar a própria existência.

Para o autor, só compreenderemos a atitude do amor na sua realidade quando buscamos a sua compreensão, baseando suas raízes nos *instintos naturais*

do sexo. Ele explica que “Todo o amor vulgar ou etéreo tem origem no instinto sexual — O seu fim é a procriação de uma determinada criança: fixa desse modo a geração futura — A natureza do instinto é proceder no interesse da espécie em detrimento do indivíduo” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 15). O amor, neste caso, seria uma espécie de armadilha que a natureza se apropria para perpetuar sua espécie. Essa seria a meta final de quase todo o esforço humano.

O filósofo considera que a abordagem do amor deve ser tomada como um assunto respeitável, pois sua gravidade diz respeito ao ímpeto e à intensidade dos impulsos sexuais, que provêm da Vontade de que todo o querer deseja a perpetuação de sua espécie. Schopenhauer (1970) também salienta outro elemento que alude o indivíduo neste processo, o impulso sexual aparenta ser de natureza subjetiva, entretanto não o é, sendo mais uma vontade da espécie. Dessa forma, infere-se que, por trás da paixão mais bela e sublime, encontra-se o gênio da espécie ofuscando o sujeito que acha que seu amor é de caráter subjetivo, porém é de necessidade da natureza. É como se a Vontade forjasse uma “máscara de admiração objetiva”, iludindo assim a consciência, esta ilusão nada mais é do que o instinto bem determinado.

Que uma criança seja gerada, é esse o alvo único, verdadeiro, de todo o romance de amor, embora os namorados não deem por isso: a intriga que conduz ao desenlace é coisa acessória. As almas nobres, sentimentais, ternamente apaixonadas, podem protestar contra o áspero realismo da minha doutrina; os seus protestos não têm razão de ser. Não é a constituição e o caráter preciso e determinado da geração futura, um alvo infinitamente mais elevado, infinitamente mais nobre que os seus sentimentos impossíveis e as suas quimeras ideais? E então! entre todos os fins que tem a vida humana, pode haver um mais considerável? Só este explica os profundos ardores do amor, a gravidade do papel que ele representa a importância que comunica aos mais ligeiros incidentes. Não se deve perder de vista este fim real, se quisermos explicar tantas manobras, tantos rodeios, tantos esforços, e esses tormentos infinitos para se obter o ente amado, quando, à primeira vista, parecem tão desproporcionados. É a geração futura na sua determinação absolutamente individual, que caminha para a existência através dessas dores e esses esforços (SCHOPENHAUER, 1970, p. 17).

Na escolha da perpetuação da espécie há uma seleção cautelosa. De acordo com Schopenhauer, um homem escolhe para sua satisfação sexual, cautelosamente, uma mulher de qualidade determinada, que lhe agrade individualmente, e, então, esforça-se constantemente por ela, de modo tal que,

muitas vezes, para atingir este fim, a despeito da razão, sacrifica sua própria felicidade de vida, por causa de um casamento insensato ou de uma disputa amorosa que lhe custam poder, honra e vida, inclusive por meio de crimes, como adultério ou estupro; tudo isso apenas para servir à espécie do modo o mais conveniente possível, em toda parte, em conformidade à soberana Vontade da Natureza, mesmo se à custa do indivíduo.

#### 4.2 EUTANÁZIO: ENTRE O CAOS DA EXISTÊNCIA E A AFIRMAÇÃO DA VONTADE DE VIDA

Em Dalcídio encontramos igualmente a concepção do amor, vista por meio de um entendimento que considera a dor como matéria presente na realidade deste sentimento. Além da dor, ele também desenvolve a concepção de que aquele que se entrega à realização desse anseio do amor se entrega também à efetuação de uma ação inconsciente. Eutanázio nutre um sentimento por uma moça bem mais jovem que ele e que possui uma personalidade bastante diferente da sua. No entanto, o sentimento que carrega por Irene é também fruto de um sofrimento constante que acarreta este personagem, pois os caminhos do sorriso de Irene são também “os caminhos daquela tortura de todo dia” (JURANDIR, 1991, p. 13). A angústia de Eutanázio é perceber que, embora a doença lhe leve cada vez para o conhecimento de si, aquela paixão por Irene lhe possibilita o contrário, torna-o cada dia mais inconsciente de seus atos.

O autoaniquilamento se torna uma ação constante em Eutanázio, pois cada caminhada que o leva à casa de Irene traz consigo uma lembrança de uma impossibilidade do passado, da aberração de uma vontade não satisfeita, da autoanálise de tudo que não conseguiu consumir em vida. Nesse sentido, o mesmo amor que o leva a uma ação inconsciente, para a casa do “pandemônio”, é o mesmo que concede a ele um espírito de superação de sua consciência, fazendo com que se elevem seus questionamentos sobre o mundo, o homem, a educação e a poesia.

Irene era sua fonte de angústia, e cada vez que Eutanázio trilha o caminho para a casa de Cristóvão, a sua corrosão torna-se patente. Irene está em Eutanázio como sua espinha dorsal, mas não é o corpo de Irene que ele deseja, não é o carinho de Irene que ele espera, é a maldade de Irene que o atrai, a maneira como ela o humilha e o despreza, como ela ri zombeteiramente dele, Eutanázio gosta de ser destruído por Irene, melhor dizendo, Eutanázio gosta de se destruir através Irene (SOUSA; CASTILLO, 2004, p. 9).

Esta destruição constante também desperta nele a dor de perceber tudo aquilo que foi incapaz de ser. Percebia que existia dentro de si uma matéria bruta, seu amor por Irene era a própria matéria que poderia lhe possibilitar a construção poética que revelasse o drama daquele amor, que expressasse a sua dor. Eutanázio descobre em si a sensibilidade para o sofrimento, e a intuição da tragédia da existência, mas também se depara com a inabilidade para a composição.

No desejo em ser poeta, Eutanázio se depara com mais um obstáculo que não sabe como lidar. Desde a infância, a narrativa revela o gosto de Eutanázio pela poesia, “Mas ah! Eutanázio já namora! Vocês não estão vendo? E foram mostrar ao Major Alberto os primeiros versos de Eutanázio. Major Alberto sentou os óculos, leu o papel, esfregando a meia calva” (...) — Uma porcaria”. (JURANDIR, 1991, p. 15). Sempre que tentava compor e escrever um poema, ou dedicar-se à tarefa da poesia, seu pai o repreendia.

— Largue isso, homem! Largue esse ofício. Não está vendo que você não dá pra isso. Que teimosia! Você é o homem das manias. Estude química, encaderne os seus livros, procure o que fazer. Perdendo um tempo inteiro. Trate de sua vida. Era a voz do pai quando o surpreendia suado, estúpido, a língua de fora, contando nos dedos, catando uma rima, debruçado na mesa de jantar, Mas Eutanázio decorava o *Se se morre de amor*, *O Amor e o Medo* e o *Ouvir Estrelas*. Tinha paixão pelo *As Pombas*. Se o seu verso de nada valia, não dava murros na mesa, não gritava com as irmãs. Ficava um pouco sombrio, mas isso era dos hábitos do ofício. A minuta do soneto estava mal redigida. Sentia-se que era impotente, incapaz até de fazer um soneto. Um sofrível soneto na vida. Não alteraria a ordem universal das coisas se fizesse o milagre de minutar um soneto sofrível, mesmo contrariando sua própria natureza cujas leis eram cegas e rígidas. Ficava como que docemente humilhado com a derrota. (JURANDIR, 1991, p. 16).

No começo do romance a narrativa revela a inclinação de Eutanázio pela poesia, sua infância fora marcada pelo contato do personagem com várias composições literárias. Seus poemas sempre possuíam a temática do amor, mas esse amor era constantemente adotado como uma contradição, igualmente ao que nutria por Irene. Abaixo um fragmento do poema de Casimiro de Abreu, um dos seus preferidos.

### **Amor e Medo**

Quando eu te vejo e me desvio cauto  
Da luz de fogo que te cerca, oh! bela,



[...]  
*Tenho medo de mim, de ti, de tudo,  
 Da luz da sombra, do silêncio ou vozes,  
 Das folhas secas, do chorar das fontes,  
 Das horas longas a correr velozes.  
 O véu da noite me atormenta em dores,  
 A luz da aurora me intumesce os seios,  
 E ao vento fresco do cair das tardes  
 Eu me estremeço de cruéis receios.*

O poema é carregado de antíteses, assim também como se revela esse sentimento por Irene. O contraponto do poema revela ainda a contradição daquele amor que contamina Eutanázio e confunde seus pensamentos. O personagem sentia uma insondável necessidade de degradação em suas caminhadas noturnas. À noite, Eutanázio caminha no rumo da casa de Irene. As grandes marchas noturnas são “as mesmas marchas solitárias. O caminho nos campos é estreito e sinuoso. O vento mais frio. O olhar de Irene o envenena todo” (JURANDIR, 1991, p. 18).

O poema revela-se talvez como a única distração que ainda restara em Eutanázio. A poesia era alguma coisa que lhe encantava, ele possuía admiração pelos poetas por terem a capacidade de transfigurar a dor que sentiam em uma arte poética e literária. Ele também gostaria de possuir essa capacidade, a habilidade de tomar todas as suas dores, os seus desejos secretos, a intriga daquele amor não correspondido e transformá-los não em ressentimentos, mas em matéria de poesia e arte criativa da vida, ou seja, aquela “matéria bruta”, torná-la um artifício que pudesse falar das dores humanas, emocionar as pessoas e criar poeticamente uma nova existência.

Não sabe porque lhe vem agora de novo a compreensão de quanto lhe é bem trágica a sua incapacidade para a poesia. A natureza é má, sádica, imoral. Dava a uns uma excessiva capacidade poética e a ele deu a tragédia de guardar um material bruto de poesia e não poder conquistar um pensamento poético nem a linguagem poética. Tinha a substância poética, mas enterrada no que havia de mais profundo e inviolável de sua inquietação. (JURANDIR, 1991, p. 16).

Eutanázio enxergava na poesia um meio para que pudesse exprimir e organizar todo o caos que se instalou em seu mundo interior. Talvez na poesia suas

experiências e estória de vida pudessem ganhar outros e novos contornos, suas angústias e seu caos interno fossem potencializados em poesia, no entanto sua decepção consiste em saber que não conseguirá encontrar um meio para transmutar toda essa sua dor em arte literária e matéria de poesia. A sua incapacidade diante da criação literária só lhe possibilita ainda mais sofrimento, as dores pela inabilidade de ser poeta se revelam como mais uma frustração provocada pelo amor que sente por Irene. O amor é, para ele, o “material bruto”, que ficará guardado dentro de si, causando ainda mais perturbações e angústias em sua alma.

A esse respeito Schopenhauer (1970) propõe uma via de superação da dor e do sofrimento transmutada por meio da arte. A criação artística é um acesso a essa suspensão da dor humana, pois a arte é capaz de tornar as experiências e imagens da vida em encanto e criação de mundos possíveis. É um espetáculo desinteressado das ideias, em que se contempla a vontade em si mesma ocorrendo, assim, suspensão da dor. O espetáculo artístico, segundo o autor, nos permite um sentimento de paz e plenitude, “Basta lançar um olhar desinteressado sobre qualquer homem, qualquer cena da vida, e reproduzi-los com a pena ou o pincel para que logo pareçam cheios de interesse e de encanto, e verdadeiramente dignos de inveja” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 38). Para o autor, a vida observada bem próxima nunca é bela, só os quadros são belos.

Apoderar-se da inspiração no seu voo e dar-lhe um corpo nos versos, tal é a obra da poesia lírica. E é, contudo a humanidade inteira, nos seus íntimos arcanos que reflete o verdadeiro poeta lírico; e todos os sentimentos que milhões de gerações passadas, presentes e futuras experimentaram e hão de experimentar as mesmas experiências que se reproduzirão sempre, encontram na poesia a expressão viva e fiel... O poeta é homem universal: tudo o que agitou o coração de um homem, tudo o que a natureza humana, em todas as circunstâncias, pôde experimentar e produzir, tudo que reside e fermenta num ser mortal — é esse o seu domínio que se estende a toda a natureza (SCHOPENHAUER, 1970, p. 38).

Eutanázio compreendia que, se pudesse transformar a matéria bruta de seus sentimentos e de seu caos interior em poesia, tornaria suas dores cheias de encanto. Tinha consciência que aquelas suas dores, suas frustrações e incapacidades não eram um sentimento singular, mas poderiam servir a outros, como propõe a filosofia de Schopenhauer. O sentimento lírico carrega consigo a experiência de milhões de gerações passadas, presente e futuras, mas Eutanázio não soubera transpor para a poesia sua conjuntura interna, pois os deuses haviam

sido ingratos com ele, ao não dotá-lo de pensamento literário, nem de linguagem poética.

A incapacidade de realizar a criação poética agora se configura como mais uma dor que acompanha o nosso personagem, pois, diante de um verso, ele entra em combate consigo, ao perceber sua capacidade de sensibilidade e sua incapacidade para o enfrentamento da vida. Mas o poeta se diferenciava, uma vez que possuía a faculdade de transmutação de suas dores e criação poética. Ao mesmo tempo, o poeta também é um homem como Eutanázio, dotado de uma sensibilidade capaz de captar uma cena corriqueira, de sentir as dores alheias, de se revoltar com a condição social. O que diferencia ambos é que o poeta foi abençoado, porque conseguiu ordenar o seu caos interno e transpor suas dores, sua revolta em um espetáculo para a vida, para a poesia, enquanto que Eutanázio não conseguia fazer daquele amor sentido por Irene, das dores e cicatrizes inscritas em seu corpo e em sua alma uma arte criativa, nem para si nem para outros. Eutanázio, diferente dos poetas, não conseguia realizar a transmutação da dor em poesia e oferecer ao mundo de forma organizada e criativa o caos de sua existência.

Pantoja (2006) destaca que o nome de Irene também revela uma contradição, pois o seu significado contradiz o que ela representa para este personagem. Carrega no nome sentido de “pacificadora”. Vem do nome grego *Eiréne*, a partir da palavra *eiréne*, que quer dizer “paz”, por extensão é atribuído o significado de “a que traz a paz” ou “a pacificadora”. Era o nome de uma deusa grega que personificava a paz. Nesse sentido, o nome de Irene representa uma ironia, pois ela revela-se perturbadora para o nosso personagem.

Outra questão conflitante para Eutanázio, o amor por Irene se configurava como uma mistura de apego, mas também de revolta contra um sentimento que lhe causava dor. O seu sorriso se confundia sempre como lembrança dolorosa, lhe cortava a alma. De acordo com Pantoja (2006), o autoaniquilamento de Eutanázio possui íntima relação com o *afeto* (elemento irracional), que liga o moribundo a Irene, não à beleza ou ao corpo de Irene, mas, de certa forma, ao desprezo e demais formas de escárnio que ela lhe dedica. Em decorrência de tudo isso, o moribundo, que tudo recebe com a paradoxal atitude de quem goza seu próprio aniquilamento, envolve-se com Felícia, prostituta de quem contrai a doença venérea que, vinculada a diversos motivos de ordem existencial, mediante os quais

Eutanázio, sob a força de Thánatos — pulsão de morte — recusa a vida, terminará por matá-lo.

Na leitura de Pantoja (2006), ao se aproximar de Irene, Eutanázio também sente a dissolução de si, daí porque “o caminho da tortura” o leva cada dia mais para as ruínas profundas. Ninguém no mundo sabia que um homem “saíra da casa de seu Cristóvão cheio de complicações dentro do crânio. Tomou o rumo de Felícia. Uma mulher que cheirava a poeira, a poeira molhada. Cheirava a terra depois da chuva. A fome. Fedia a fome” (JURANDIR, 1991, p. 18). Ao contrair a doença de Felícia, Eutanázio assume mais ainda o impulso destrutivo, pois agora havia também contraído a doença física além de encontrar-se contaminado pela doença da alma que carregava por Irene. Sua vida parecia mais ainda limitada com essas doenças adquiridas pelo desprezo de sua amada. Mas paradoxalmente a doença por Irene também o leva à tomada de consciência de sua própria existência e, com isso, um maior conhecimento de si.

Eutanázio sentia-se totalmente perdido. Considerava-se um degenerado, tinha traído seu destino. Não podia se conformar de que “aquilo” era o seu próprio destino. Sina, sorte, nada. Ele mesmo via, via que a força de Irene tinha sido maior que a do seu destino. Havia negado a sua própria realidade. (JURANDIR, 1991, p. 76).

A contaminação de Irene também lhe dá possibilidade de maior consciência da sua própria condição humana. É uma via de mão dupla, da mesma forma que Eutanázio se entrega a essa tortura diária, é também por meio dela que ele busca analisar seu destino. “Irene está dentro dele como se fosse a sua espinha dorsal. Sem ela não se mantém em pé, não se equilibrará, tombaria como um saco vazio. Tomou animo e se aproximou do chalé. Junto à entrada floresce um grande jasmineiro” (Jurandir, 1991, p. 21). Nota-se que, embora seja sua crucificação, ela também é sua base de sustentação para se manter de pé. Ela é também a responsável pela sustentação, é quem serve de apoio para que ele enfrente “as marchas de inverno” que traziam consigo as chuvas.

O amor que lhe proporcionava a dor é o mesmo amor que lhe mantém de pé, mesmo apodrecendo em vida, é pelo amor de Irene que Eutanázio é capaz de enfrentar as chuvas de inverno e os campos escurecidos todas as noites. Schopenhauer ressalta que o amor é um truque da natureza, para que, dessa forma, ela possa manter a perpetuação de sua espécie. Esse artifício da natureza se

apropriada das paixões mais belas e sublimes, encontra o gênio da espécie, ofuscando o sujeito que acha que seu amor é de caráter subjetivo, porém é de necessidade da natureza.

O instinto oferece ao ser egoísta uma ilusão falaz para chegar aos seus fins — Ele guia, no amor, a escolha do homem e da mulher para as qualidades físicas e morais mais aptas para assegurarem a reprodução, a conservação, a superioridade do tipo integral da espécie humana, sem consideração alguma pela felicidade das pessoas — Deste conflito entre o gênio da espécie e os gênios protetores dos indivíduos nascem o sublime e o patético do amor — Resultado trágico do amor infeliz, decepções do amor sofisticado — Os amantes são traidores que perpetuando a vida perpetuam a dor — Dafnis e Cloé, diálogo — Seriedade da volúpia (SCHOPENHAUER, 1970, p. 15).

Em *Chove nos Campos de Cachoeira*, Eutanázio deixa claro que o que sente por Irene não é um amor devastador, nem o desejo. “Seus olhos ocultavam sombras ruins, perversidades latentes. Os seios tinham um certo impudor, agrediam. No entanto não desejava tanto aquela carne. Instantes havia que o corpo de Irene o agarrava, mas a crise era rápida” (JURANDIR, 1991, p. 9). Eutanázio não demonstra que sente por Irene um amor avassalador, mas revela por ela certa admiração de uma mulher capaz de assumir suas dores e aceitar seu destino, enquanto ele era um ser incapaz de assumir o enfrentamento da vida de seu destino. Sendo assim, via em Irene uma possibilidade, talvez uma perspectiva de contemplar alguém que possuía a coragem que nunca tivera em vida. A probabilidade daquele sorriso que se renovava em cada amanhecer, a possibilidade de possuir a bravura de contrariar aquilo que lhe desagrava, de afirmar a vida, mesmo com todos os obstáculos que ela lhe impunha constantemente. Enquanto ele sempre casmurro, incapaz de um sorriso, mergulhado nos seus infundáveis orgulhos, incapaz de resistir ao riso de Irene.

Schopenhauer desenvolve, na concepção do amor, o entendimento de que há uma seleção cautelosa para sua perpetuação da espécie. De acordo com esse filósofo, um homem escolhe para sua satisfação sexual cautelosamente uma mulher de qualidade determinada que lhe agrade individualmente, e então se esforça constantemente por ela, de modo tal que, muitas vezes, para atingir este fim, a despeito da razão, sacrifica sua própria felicidade de vida. Embora o nosso personagem não demonstre uma inclinação para a satisfação do amor sexual, por

outro lado, há uma escolha, há uma preferência de eleger uma mulher para sua contemplação que possuísse as qualidades que Eutanázio não tivera.

Irene apresentava-se em condição de Beleza elementar, cega e violenta como redemoinho. Eutanázio tinha sido atingido por essa força da natureza que, no íntimo, era tranquilo [a] e inocente sem o saber. Mas Eutanázio sentia-se perdido. Irene era uma espécie de nebulosa transfiguração. O que ele chamava o “seu eu” perdia a cor, o movimento, o repouso, a sensação comum. O eu e o mundo também. Irene corrompera-lhe a inteligência e o pior: cada vez mais lúcido de que o que estava fazendo era estúpido, ridículo, aniquilador (JURANDIR, 1991, p. 74).

O desenvolvimento da questão do amor, presente nas obras de Dalcídio e Schopenhauer, pode nos apresentar a reflexão sobre o amor enquanto dor e potência de vida. O amor que sentia por Irene foi capaz de proporcionar a Eutanázio uma transformação que, mesmo não possuindo coragem para afirmar aquele sentimento, foi o agente que lhe permitiu uma reflexão sobre sua vida, uma vontade que surgiu neste último momento de vida de ter tido coragem para afirmar seus desejos. Irene era uma espécie de inspiração de vida para esse personagem. Era no riso de Irene que ele se perguntava o que fez de suas alegrias, era na ousadia de Irene que ele depositava todas as suas frustrações, era um amor que lhe possibilitava a escavação interna. O amor, enquanto potência de vida, revela também uma afirmação da vida, pois, embora Eutanázio não tivesse coragem para o enfrentamento, a sua afirmação de vida é colocada em forma de questionamento. Questionamentos que foram realizados e entrelaçados com outros personagens da narrativa, entretanto, as perguntas de Eutanázio eram sempre perguntas singulares e perturbadoras, isso indica que ele possuía aquela sensibilidade de observação sobre si e sobre as mazelas e dores do mundo, conjugada a uma percepção profunda do passar do tempo. Eutanázio se diferencia ao colocar em confronto esses questionamentos, essas inquietações que são suas, mas também são nossas.

Assim, Irene era também como sua própria consciência, a consciência de um homem que chegou aos quarenta sem ter percebido que um dia teve vinte. Um homem miserável, em vida e na morte. De um homem que se entregou à podridão, “Sente-se como podre. Por que D. Gemi não volta? Está completa a sua miséria. Irene, se soubesse, daria a sua gargalhada” (JURANDIR, 1991, p. 9). Foi, portanto, o sorriso de Irene que lhe levou à casa de Felícia, a sua própria doença.

Ao menos Felícia era como ele: não tinha dentes, cheia de feridas, a miséria, os braços cheios de titingas, o sorriso morno. Felícia, por que me apareceste tão casta, tão cheia de Cristo naquela noite? Como desejaria ver na tua fome a presença de Cristo. Mas aquele crucifixo era inútil, não havia nele nenhuma presença divina, não havia senão os olhos de Felícia que o humanizavam. (JURANDIR, 1991, p. 46).

Felícia era sua própria doença, mas a doença o tornara melhor, o humanizava, ele só “[...] era grande porque estava humanizado pelos olhos, pelas chagas, pela presença de Felícia” (JURANDIR, 1991, p. 46). Felícia era a doença, mas também era uma forma de ofuscar sua dor, uma maneira de aliviar seu sofrimento e, portanto, de tornar-se mais humano. Schopenhauer supõe que a melhor forma de obscurecer a dor humana e olhar para aqueles que ainda estão mais afetados que nós. “A mais eficaz consolação em toda a desgraça, em todo o sofrimento, é voltar os olhos para aqueles que são ainda mais desgraçados do que nós: este remédio encontra-se ao alcance de todos” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 7). Assim, Eutanázio volta sua observação para Felícia, pois ela era ainda mais miserável que ele, e ela foi capaz de possibilitá-lo com passividade.

Ao se entregar a Felícia, Eutanázio também marcha para a própria morte, para uma entrega dos aborrecimentos crônicos, de sua consumição, do atordoamento interno que pairava na sua cabeça.

Mas sentiu que devia se entregar a qualquer coisa que ao mesmo tempo contentasse a carne e castigasse a sua impotência para resistir ao riso de Irene, àquela casa odiosa. Felícia estava tão indecisa e humilhada. Era sempre assim apesar de tudo, aquela Felícia. O homem da véspera tinha se aproveitado dela sem lhe dar um tostão. Felícia apesar de não ser nova naquele ofício era sempre tola, lograda, ingênua. Eutanázio sabia disso. Sentiu que devia se entregar a ela pela força de uma inesperada e misteriosa piedade. (JURANDIR, 1991, p. 8).

Eutanázio agora sente uma dupla piedade. Sente piedade de Felícia, pela sua indecisão, pela sua ingenuidade, mas também se entregara porque sentia pena de si próprio, daquela condição que estava fadado a cumprir, como uma destinação.

Ao seu modo, Irene foi para Eutanázio uma figura inatingível, que o fez desejar a morte e se entregar a Felícia. Com a contração da doença, Eutanázio busca permanentemente a morte, o alívio daquela dor que a vida lhe causara. O desejo de morte é também a saída de toda dor, todo sofrimento que lhe

atormentaram a existência. Na busca pela morte Irene agora ganha o próprio significado que seu nome carrega. Ela o levará agora para o caminho da paz.

Irene, a sua Irene, a inimiga. Não, não era a mesma. Não era a mesma que o levava para as caminhadas noturnas, para Felícia, para aquele fundo de rede na saleta, para aquela insondável necessidade de degradação. Irene era outra. Seria capaz de amar essa desconhecida? De cair pelos caminhos, de furtar trinta mil-réis de Felícia, de morrer afinal, por uma Irene assim sem o riso, o olhar, a maldade da outra? (JURANDIR, 1991, p. 160).

Finalmente a paz que tanto desejara brotará agora de Irene. Quanto mais perto da morte chegava Eutanázio, mais calma, paciente e dócil se mostrava Irene. No último encontro com Irene, descobre também a contradição da imagem que criara de sua amada, pois Irene era agora tudo aquilo que Eutanázio não teve coragem de assumir em vida. Irene é a própria vontade de vida, coisa que ele nunca aprendeu a ser.

Descobrirá também outro sorriso em Irene, seu sorriso agora vinha do coração, como uma luz no amanhecer, como alguém que sabe se renovar na própria vida. Cada vez mais perto da morte, Eutanázio também reflete o sorriso mal interpretado que consumou de Irene. Ela teve a coragem de sorrir, enquanto ele sempre casmurro e incapaz dum sorriso. Nessa cena, percebe-se também o desfecho da possibilidade de escolha que cada um faz de sua vida. Eutanázio sofre com a consequência de ser sempre fechado, imodificável.

Pode-se dizer que há indícios de que Dalcídio apresenta um Eutanázio engajado dentro da própria concepção schopenhauereana, pois Schopenhauer, quando desenvolve sua filosofia em *Dores do Mundo*, parte do princípio de que “viver é sofrer”. No entanto, sua concepção não presume que o caminho correto do indivíduo seja se entregar ao sofrimento. Sua finalidade é nos revelar dos mais singelos aos mais complexos dramas e tramas que o indivíduo está sujeito a enfrentar nesta vida, a dor e o sofrimento, portanto, devem funcionar como “molas propulsoras” para o enfrentamento dos obstáculos.

Neste sentido, ter consciência de que “a dor é real” e faz parte da vida deve ser um dever de todos que estão sujeitos a vivenciar esta trajetória existencial. Aceitar a dor, não como uma entrega, como fez Eutanázio, mas como elemento potencializador para o exercício do pensar e avistar outras possibilidades de vida, esse sim é o grande desafio. É nesse sentido que podemos ler a filosofia de



Schopenhauer, seu instigante pensamento nos coloca a experiência de pensar a dor como elemento positivo, esta seria o grande ensinamento deste filósofo, que, talvez, Dalcídio queira nos deixar.

Neste mesmo caminho se reflete a experiência de vida experimentada por Eutanázio. Dalcídio nos coloca em contato com um personagem que vem encontrando obstáculos desde sua infância, e não consegue enxergar neles uma saída para potencializar a própria vida. No final de narrativa, vemos um homem que se caracteriza como um sujeito preso ao passado, amarrado em meio a suas próprias dores, incapaz de encontrar uma forma que pudesse aliviar aquele sofrimento. Eutanázio não conseguiu em vida organizar o caos que se instalara dentro de si. Sendo assim, enterrara em suas lembranças qualquer tipo de possibilidade que pudesse proporcionar uma cura para suas dores, tornou-se um Eutanázio de “esperanças abortadas, desejos extintos, apodrecido da constatação inevitável do inútil desespero pela vida, anulação da sobrevivência” (ALMEIDA, 2007, p. 44). O elemento marcante em Eutanázio era aquela vontade do nada, ou qualquer possibilidade de vida.

Por outro lado, Dalcídio proporciona o contato com Irene que se apresenta paradoxal a ele. “Irene é o vício que o mantinha vivo, é a força que lhe envenena todo” (JURANDIR, 1991, p. 18). Almeida (2007) considera que, na busca pela conquista de Irene, Eutanázio acaba descobrindo que havia se tornado um sujeito incapaz de expressar aquilo que sentia, a poesia lhe justificara isso, era incapaz de fazer um verso. Ele nem podia rir um grande riso de escárnio com aqueles cacos de dente, “[...] ele necessita ir à casa de seu Cristóvão. Sem ir lá não podia dormir. Um vício, diz o seu pai. Seja o diabo, Irene morava lá e a melhor maneira de se livrar da lembrança de Irene é estar na casa dela, debaixo daquele riso fustigante (JURANDIR, 1991, p. 11).

Dalcídio nos permite realizar uma reflexão sobre o riso, pois Eutanázio não consegue conceber Irene sem o seu riso. O riso que lhes cortam como chicotadas também são essenciais para o seu reflexo. “Que o teu corpo fique ausente, mas tua voz sem riso, a tua voz pura, vagarosa, chegue trazendo uma paz, um sono, a madrugada. Como me sinto miserável, Irene! como me sinto miserável!” (JURANDIR, 1991, p. 41). Eutanázio, já no “leito da morte”, reflete que iria partir

miserável até mesmo de um sorriso, pois foi incapaz de sorrir, e só conseguiu absorver de Irene o riso mal interpretado.

Irene estava inserida na mesma realidade que Eutanázio, pois estava imersa na miséria, nos fracassos e nas dificuldades de Cachoeira. No entanto, Irene era capaz de equilibrar o seu mundo interior frente às dificuldades e às incertezas da realidade. O riso de Irene evidencia que ele estava diante de um ser humano capaz de se adaptar e superar as adversidades, e esta poderia ser a causa do corte daquele sorriso, porque nela existia a capacidade de ultrapassar com autoconfiança os obstáculos que encontrasse em seu caminho. Em Irene havia a possibilidade de se renovar em cada fase que a vida lhe possibilitava.

Veio calma na sua marcha para a maternidade. Eutanázio abriu mais os olhos. Ninguém ficou na saleta. Desejou passar a mão naquele ventre que crescia vagaroso como a enchente, com a chuva que estava caindo sobre os campos. Desejaria beijá-lo. Estava vendo ali a Criação, a Gênese, a Vida. Havia nela qualquer coisa de satisfeito, de profundamente calmo e de inocente. Não dava mostra nenhuma de sofrimento, nem de queixa, nem de ostentação. [...] Tinha sido falada em Cachoeira e não mostrava senão a aceitação do filho como um triunfo. Tinha um filho, tinha um filho, seu ventre estava alto e belo. E ele no fundo da rede ia morrer sem aceitar a morte, sem ter aceitado a vida. Quando podia se reconciliar com ela, a serenidade. (JURANDIR, 1991, p. 159).

Assim como o poeta é capaz de transmutar sua dor em poesia e, com ela, comover as pessoas e edificar um novo mundo, assim também Eutanázio vê Irene em sua última cena no “leito de morte”. Agora Irene estava bela com sua gravidez de “terra imunda”. Percebeu também que quanto mais próximo da morte estava mais consciência tinha de sua miséria e de sua culpa de não ter dado a possibilidade de compreender a vida de outra maneira. Ele então se arrepende de não ter tido coragem de enfrentar a vida, e eleva cada vez mais Irene.

Irene com a gravidez se tornara outra Irene para Eutanázio, pois ela sim foi capaz de se recompor em cada eventualidade da vida “Mas Eutanázio repara que Irene ri curto, fala sempre pouco, não solta os seus gritos, não trepa na cerca e fica de coxas a mostra no sol, e os cabelos remexidos pelo vento.”(JURANDIR, 1991, p.137).

Essa talvez seja a grande mensagem deixada por Dalcídio após a trajetória repleta de dramas e tramas vivenciadas por Eutanázio. A superação dos obstáculos operada em Schopenhauer, como a afirmação da vontade de vida, capaz de tornar o

homem um persistente diante de frustrações e eventos negativos da vida, motivado a persistir na busca dos próprios objetivos, também se faz presente na literatura de Dalcídio, especialmente em seu denso personagem Eutanázio. Compreender a articulação que Dalcídio estabelece com a filosofia de Schopenhauer é operar diante de uma existência, permeada por obstáculos, dores, desenganos e frustrações, sabendo sempre tomá-los como elementos constituintes da vida e que nos afetam de diferentes modos, tanto para resignação e ressentimento frente ao mundo, quanto para viabilidade e potência para afirmação da vontade de vida e da criação.

## V. CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO

### 5.1 A PERGUNTA PELO ESQUECIMENTO DO HOMEM E O ABANDONO DA EDUCAÇÃO

Eutanázio é sem dúvida o personagem mais emblemático da narrativa *Chove nos campos de Cachoeira*, é também a figura que mais nos oferece ponderações para pensarmos questões humanas de relação com o outro e com o mundo. No seu encontro e contado com o bêbado da vila chamado Dionísio e com Dr. Campos que representava a lei na pequena vila, surgem vários questionamentos que Eutanázio nos apresenta como desafio a refletir a condição do homem no meio em que ele está inserido, e principalmente o papel da educação para a vida e sua dimensão social e elevação cultural na contemporaneidade.

Pelos moradores Dionísio era considerado um sujeito sem prestígio social na vila, pois vivia cheirando a cachaça, não possuía ambição alguma, pescava apenas para trocar seu produto ou com a bebida ou alimentação, aparentemente suprir suas necessidades físicas lhe bastavam. Era classificado como um homem devastado pela fome e pelo vício, quando não estava bêbado, Dionísio imitava a embriaguez, pois o estado de embriaguez lhe possibilitava liberdade no meio em que vivia para que pudesse expressar o que sentia e a maneira de como era afetado pelo mundo. No entanto, embora fosse desprestigiado aos olhos dos moradores ele apresenta ricas observações que Eutanázio vai tomar para si e começar também a questionar os problemas que envolvem a condição de miséria humana e o abandono da educação que permeiam a vida dos moradores na vila.

Por outro lado, existia o Dr. Campos que representava na vila uma figura de respeito, pois era o juiz substituto de Cachoeira e sustentava uma máscara autoritária. Adotava uma postura de homem da lei, e ainda se considerava uma pessoa de Deus porque editava artigos da sagrada escritura e ajudava financeiramente a Igreja, embora no fundo confessasse ser um sujeito muito impuro.

As descrições destes personagens demonstram o que eles representam no vilarejo. De um lado Dr. Campos um homem que ocupa o papel importante no seu meio social, mas que no fundo não deixa de revelar suas fragilidades humanas, de outro, Dionísio que mesmo sendo desprestigiado não deixava de revelar as desigualdades sociais, o abandono e a incapacidade do homem de sua época. Essas duas ponderações a respeito destes personagens são observadas a partir do

olhar atento de Eutanázio. É ele que percebe a dualidade de personalidade do Dr. Campos. É igualmente de seu pensamento que reverbera a fala do bêbado que muito o questiona sobre o papel do homem em sociedade.

Schopenhauer em *Dores do Mundo* por meio de alguns comentários a respeito das funções que o homem exerce em sociedade também nos convida a pensar acerca da condição social do ser humano. De acordo com ele, o nosso mundo civilizado não passa de impor ao sujeito uma máscara para que assim possa encobrir suas imperfeições humanas. Neste sentido, a máscara não passa de um “açamo” cujo fim é tornar inofensivo esse animal carnívoro, que é o homem.

O nosso mundo civilizado não passa de uma grande mascarada. Encontram-se aí cavaleiros, frades, soldados, doutores, advogados, padres, filósofos, e que mais se encontra ainda? Não são, porém, o que representam: são simples máscaras sob as quais se ocultam geralmente especuladores de dinheiro (Money makers). Um afivela a máscara da justiça e do direito com o auxílio de um advogado, para ferir melhor o seu semelhante; outro, com o mesmo fim, escolheu a máscara do bem público e do patriotismo; um terceiro o da religião, da fé imaculada. Para toda a espécie de desígnios secretos, mais de um se ocultou sob a máscara da filosofia, como também da filantropia, etc. As mulheres têm menos por onde escolher: servem-se a maior parte das vezes da máscara da virtude, do pudor, da simplicidade, da modéstia. Há também máscaras gerais, sem caráter especial, como os dominós nos bailes de máscaras e que se encontram em toda a parte: essas simulam a honestidade rígida, a delicadeza, a simpatia sincera e a amizade caricata. Quase sempre, não há como já disse, senão puros industriais, comerciantes, especuladores debaixo de todas essas máscaras. Sob este ponto, de vista a única classe honesta é a dos negociantes, porque se apresentam como são e passeiam de rosto descoberto: por isso os colocaram no ponto inferior da escala. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 53)

Diante desta compreensão de que o mundo civilizado não passa de dissimular o caráter do homem, podemos compreender as revelações que Eutanázio expõe a respeito da figura de Dr. Campos. Este personagem já era um homem aposentado de sua profissão, mas procurou o interior do Pará para continuar exercendo seu poder. Deixou em Belém sua esposa e filhos e dizia perder-se com as lindas mulatas do interior do Tocantins e continuou sem ofício por pena de perder o poder “pena de perder os anos de serviço. E isso é um vício, Eutanázio, a justiça, a carreira. Eu me perdi pelo interior. As caboclas mais cheirosas do Tocantins me tiraram todo o caráter. Fiquei perdido. Cachaça, rede e cabocla” (JURANDIR, 1991, p.85). Era escritor de artigos religiosos “Dr. Campos, à tarde, terminou o seu artigo

sobre a Sagrada Eucaristia que tem de mandar pra a *Verdade*, órgão dos interesses da sociedade e da família em Belém. Gosta de escrever os seus artigos sempre no interesse de Deus” (JURANDIR, 1991, p.35). Dr. Campos se glorificava por possuir uma educação religiosa “— Salu, meus artigos são lidos em Belém com respeito e atenção. Sou um exegeta cristão. Sou! (JURANDIR, 1991, p. 36), mas sempre duvidava da capacidade daquele povo de Cachoeira em compreender os grandes livros da fé e depositava na igreja toda confiança para conduzir os homens. “— Meus artigos lançam uma advertência. A Igreja tem que ser antes de tudo um baluarte da sociedade. Tem que ser o farol da humanidade. Sou pela disciplina religiosa, pela oficialização da Igreja. Sou pelo Estado Teocrático, Salu! (JURANDIR, 1991, p. 36). Revela ainda que não necessita tanto do cargo que ocupa.

Falta tempo de serviço. Sim, que minha mulher tem sempre os seus prédios, temos o nosso pé de meia. Mas a gente cria amor ao ofício. Tem pena de perder os anos de serviço. E isso é um vício [...]. Fiquei perdido. Cachaça, rede e cabocla com jasmim e a sesta. Resultado: acabei em Cachoeira, visitando Felícia em companhia de Dionísio. (JURANDIR, 1991, p. 46).

Embora se glorifique de toda sua inclinação religiosa Dr. Campos não deixa de revelar que é preciso adotar uma postura de desonestidade para que assim permaneça comandando a repartição pública. Para ele, o sujeito que exerce um papel de função do Estado tem que ser desonesto, pois a injustiça neste caso é considerada uma questão de sobrevivência, aquele que conseguir ser mais injusto, consegue também se manter por mais tempo no órgão público. Em sua filosofia de vida enquanto um homem de profissão Dr. Campos pensa a desonestidade a serviço da manutenção do cargo público.

— Reverencio-me ante sua maneira de pensar ou de viver. Mas o furto nas repartições públicas chama-se defesa. É, portanto uma lei da conservação da espécie segundo Darwin (aliás não sou por este autor). Ser honesto assim é um escândalo. E contra a natureza. É uma calamidade, dá exemplos nocivos. Falta de solidariedade na defesa da espécie. Major acha que Doutor Campos é um homem feliz. De que valeu ser honrado? (JURANDIR, 1991, p.38).

Em contrapartida o pai de Eutanázio, Major Alberto, se considera infeliz, pois quando possuiu uma função de destaque no ambiente público não soube ser desonesto como Dr. Campos, e por conta de sua integridade saiu sem um tostão. Além da sua desonestidade, Dr. Campos também abusava de sua autoridade

pública para humilhar outros na vila. A narrativa revela cenas do desafeto entre Dr. Campos e Guaribão morador de Cachoeira que não concordava com a postura do Juiz, “Guaribão saiu. Não suportava doutor Campos. Ouviu uma vez falar em Juiz frascário. E doutor Campos ficou sendo o juiz “frascário” de Cachoeira” (JURANDIR, 1991, p.65). Sabendo disso, Dr. Campos cria várias situações desagradáveis para desqualificar Guaribão.

— Mas o Guaribão anda falando mal de mim por causa do caso dele com o Virgilino. Ora, eu de maldade fiz uma coisa com o Guaribão que, se ele souber, morre. Uma noite dessas, eu vinha da rua das Palhas com a Aurélia. Veio de repente uma chuva. Chuva grossa. E defronte da casa de Guaribão. Empurrei a porta. A porta estava aberta. Entrei, ninguém. E fui lá para dentro e nada. O quarto estava fechado, mas sem chave. O que fiz? Uma coisa remenda, Eutanázio! Fechei a porta da frente, a chuva aumentara por demais e levei Aurélia para o sagrado leito da finada.

— A chuva esmoreceu um pouco e saí. Estava escuro na rua. Cheguei em casa na risada. Também disse para Aurélia: Se tu escapulires um pedacinho do que aconteceu, meto-te no xadrez, hem? Sabes que é o Juiz-substituto que te fala! Na verdade, Eutanázio, que eu sou muito impuro. Mas há santos da Igreja que foram também muitos impuros e estão nos altares. (JURANDIR, 1991, p.64)

O Juiz relata a cena de abuso sexual que cometeu como Vingança por conta da desavença que ele possuía com Guaribão. Sabe que as atitudes que comete fogem da lei que deve manter em Cachoeira, mas diz que seus atos podem ser justificados pelo serviço que ele presta a Igreja.

Eutanázio, que eu sou muito impuro. Mas há santos da Igreja que foram também muitos impuros e estão nos altares. Eu, cumprindo com as minhas obrigações intelectuais de escrever para *A Verdade*, estou bem com a minha consciência católica. Quando vou a Belém, vou comungar e saio na procissão com o meu hábito de irmão de S. Vicente de Paula. Dou dinheiro. Enfim, aqui em Cachoeira não se tem o que fazer! Em Cachoeira morre-se de tédio! Você não acha? (JURANDIR, 1991, p.64).

As injustiças cometidas por Dr. Campos são questões principalmente ouvidas e observadas por Eutanázio. Frente a esses mandos e injustiças relatados e presenciados, Eutanázio se põe a pensar nesta postura dualista que o juiz de cachoeira adota, é por meio dele que Dalcídio problematiza esse assunto. Eutanázio analisa as atitudes do Dr. Campos associando as constantemente com as ações e as falas do bêbado Dionísio que embora viva a margem daquela realidade destaca muitas questões pertinentes, que não são perceptíveis aos olhos do juiz.

Ao expor o papel que estes personagens exercem na realidade de Cachoeira, Dalcídio nos instiga igualmente a pensar sobre a função que o homem desempenha em nossa sociedade. De um lado ele nos apresenta Dionísio um homem que aparentemente não possuía importância nenhuma para Cachoeira, mas que era consciente de que aquela vila vivia em meio a uma condição de miséria, devastada pela fome, sem educação, assim também como ele se sentia. Por outro lado, apresenta Dr. Campos que representava a lei daquele lugar, mas que por trás daquela figura mascarada pela autoridade da lei e da religião mantinha uma falsa moral e cometia qualquer crueldade em nome do cargo que exercia.

Dalcídio nos mostra mais uma vez uma sociedade paradoxal através do exemplo destes dois personagens, pois mesmo não possuindo uma elevada instrução Dionísio tem consciência da miséria social e humana em que está inserido, ao contrário de Dr. Campos que se diz intelecto demais, religioso ao extremo, mas que praticava as maiores atrocidades em nome da sua função e vivia imerso em uma realidade dominada pela pobreza do homem e da sociedade.

Dionísio é caracterizado como um pescador que vive perambulando por Cachoeira, quase sempre é visto embriagado, jogado pelos campos ou trocando sua mercadoria com bebidas. É um homem que vive cheirando a peixe, sofre de fome e é constantemente é hostilizado por alguns personagens. Sua característica marcante é viver sob o efeito da embriaguez, ou fingir-se embriagado.

Você já reparou que Dionísio tem vaidade de beber? Ele às vezes não está bem babado, mas faz por estar. Para parecer embriagado. Uma vaidade. O maior ideal do caboclo é tomar um vasto pifão! Uma glória vê-lo assim tombando, tonto. Que glória? Uma vaidade. Dionísio tem vaidade de seus porres. Não diga que ele está se matando, se degradando mais, etc. (JURANDIR, 1991, p. 85).

Na fala do Dr. Campos percebemos que a maior vaidade de Dionísio é ostentar o estado de embriaguez, pois embora não esteja embriagado, muitas vezes finge sua embriaguez. Talvez essa atitude seja justificada para que ele possa através de seu estado de inconsciência provocado pela bebida ganhar notoriedade para expor aquilo que pensa. Seu papel na narrativa se destaca pelas observações que ele levanta diante de Eutanázio como uma instigação a se pensar o papel do homem e do livro na sociedade. Eutanázio toma suas falas como questões problematizadoras e se prostra diante delas em busca de compreendê-las, de pensar a embriaguez do seu sentido, as questões de Dionísio acompanham



Eutanázio no decorrer da narrativa e o fazem pensar sobre questões essenciais da vida e do homem.

A fala do bêbado se caracteriza como uma voz perturbadora e inquietante para Eutanázio, é uma voz que o perpassa, deixando-o ainda mais confuso e angustiado e fazendo com que este volte a todo o momento as perguntas a fim de encontrar respostas que possam ser justificadas, ou até mesmo lançadas ao leitor.

Um sujeito muito bêbado, com umas roupas espantosas, atravessara a rua para lhe dizer: Por que os livros ficam à margem? Eutanázio recuara. O homem não se podia equilibrar. Sua mão tentava erguer-se.

— Diga... Por que os... livros ficam... Ficam... A margem? Porque também... o homem... Fica também... Na margem da... da... vida? Da nossa própria da... nossa própria... Consciência? Consciência? Hem? Diga-me!

Eutanázio ficou olhando o homem tresandando a cachaça que, com aquelas roupas teatrais de mendigo, desaparecia na sombra, resmungando. Pareceu-lhe um desconhecido que tivesse saído de dentro de si mesmo, uma voz de sua inteligência insondável, de sua intuição inabordável. Encadernava os livros pensando ou tentando compreender as palavras do vagabundo. Como? Como que os livros ficam a margem? Era uma pergunta inacessível à sua inteligência, talvez fosse igual a certas agonias, a certas sensações que vinham de seu próprio desconhecido. (JURANDIR, 1991, p.15).

A partir deste encontro com o bêbado Dionísio, Eutanázio se torna ainda mais confuso, pois não consegue encontrar respostas para as perguntas que o bêbado lhe lança. Neste sentido, Eutanázio se vê ainda mais enclausurado, padece tendo que percorrer o resto de sua trajetória atravessado por esses questionamentos.

Compreendemos que mesmo não sendo uma pergunta solucionada por Eutanázio, o narrador nos oferece a própria experiência da vida deste personagem para que assim possamos refletir sobre estas perguntas encharcadas de embriaguez. As perguntas lançadas pelo bêbado estão principalmente direcionadas ao papel que o homem exerce em sociedade e o papel da educação. A pergunta se torna recorrente na narrativa, assim como o questionamento de Eutanázio pelo livro *Dores do Mundo*. Entendemos que por meio de sua linguagem criativa Dalcídio nos lança também mais uma provocação, o desafio de procurar entender porque o Homem vive a margem? Porque o livro e a consciência deste homem também se colocam no limiar de sua vida?

O desafio lançado pelo autor nos coloca numa condição perturbadora, assim como aquela vivenciada por Eutanázio, mas que diante da experiência da leitura de Dalcídio e de Schopenhauer podemos apontar e lançar caminhos possíveis como respostas a esses questionamentos.

Podemos compreender que talvez os livros fiquem a margem porque em Cachoeira os livros e a poesia não eram vistos como prioridade para aquela população. Da mesma forma que ocorria em Cachoeira, em nossa sociedade também estes artefatos e seu potencial transformador e formativo ainda permanecem a margem. Em Schopenhauer a arte “é uma redenção”, ela é capaz de livrar da vontade e da dor, a música a poesia e a pintura são segundo o autor, um mecanismo que tornam as imagens da vida cheias de encanto. Porém, o que notamos na narrativa é que esses recursos não se faziam presente em Cachoeira, a falta de importância dedicada aos livros era sempre algo questionado por alguns personagens. Em várias passagens Dr. Campos revela a carência de saídas para o sofrimento daquele povo. A falta de leitura em Cachoeira que tornava ainda mais empobrecida aquela vila, “a poesia é muito infeliz em Cachoeira, meus amigos. A literatura devia ser cultivada aqui para educar esse povo. Mas qual! Aqui é Rua das Palhas, cachaçada e vida alheia. Os poetas são mesmo do passado” (JURANDIR, 1991, p.68). Por outro lado, Eutanázio também se lamentava em residir e viver numa vila onde a poesia tão exaltada por ele, não era cultivada. Sofre ainda, com a sua incapacidade para a criação poética, sentia que assim como os poetas vivenciava da dor do humano, mas não sabia transmutar toda sua dor, toda a miséria e a fome de Cachoeira em uma criação poética. O sonho de Alfredo de querer mudar-se para Belém em busca de uma educação que pudesse mudar a sua realidade, revela a miséria de habitar uma Cachoeira sem poesia, sem literatura, sem educação capaz de realizar a elevação cultural do homem em busca de formação, “queria ao menos ver os colégios e as livraria onde se vendiam os livros de histórias maravilhosas que sempre desejava”. (JURANDIR, 1991, p. 45).

A mesma questão levantada por Dalcídio e Schopenhauer também pode ser estendida a cada um de nós. Será que em nossa realidade a criação poética também é algo cultivado? Qual o lugar do livro em nossa realidade? Que grau de importância eles ocupam? Será que ainda hoje eles tendem continuar a margem de nossa vida, da sociedade?

A sugestão que estes autores indicam em relação a uma realidade mais permeada de leitura e contato poético sugere também uma recomendação da importância destes hábitos na vida do sujeito. O acesso à leitura seja de obra literária ou então de outras formas de ingresso ao conhecimento é também considerado o exercício de uma viagem que permite ao homem não somente o conhecimento de lugares, teorias, ideias, mas, sobretudo o reconhecimento e a autocompreensão de si próprio, e também a consciência histórica da grandeza e das mazelas de seu tempo. Há um desabrochar, um amadurecimento e crescimento do homem quando entra em contato com a leitura. O contato com os livros e a experiência de leitura nos educam e fortalecem espírito em formação. Esse contato também nos faz enxergar de forma mais clara e problematizadora o meio social e cultural em que estamos inseridos. Permitem-nos possibilidades de vida, nos fazem voltar ao passado para compreendermos nossas heranças e lançar novas questões ao presente. Porém, ainda assim vivemos em meio a uma realidade que se fecha a esses novos horizontes que a leitura é capaz de possibilitar. A própria obra de Dalcídio pode servir como exemplo deste descaso, uma narrativa tão rica em variados exemplos de vida, de uma cultura e de pensamento, mas que continua à margem da sua própria realidade. Quantos de nós não deixamos de desconhecer nossa própria realidade pela falta de acesso a essa leitura que Dalcídio nos oferece? Quantos ainda não tiveram não somente a oportunidade, mas a falta de incentivo para compreender a sua própria história por não ter acesso à obra deste autor? Quantas poesias e experiências literárias não deixamos de vivenciar pela falta de contato com esta leitura?

Para o bêbado de Dalcídio o homem também fica a margem de sua vida. Dentro deste mesmo entendimento podemos buscar respostas no pensamento de Schopenhauer que adverte que o homem é um insensato diante de sua própria vida por constantemente assumir uma postura de desconhecimento diante dela.

Insensato perguntador, que desconheces a tua própria essência, e assemelhas-te à folha na árvore, que, quando chega o outono, murchando e pensando que vai cair, se lamenta pela sua queda e não busca consolação à vista da fresca verdura que na primavera há de adornar a árvore. Ela diz e geme: "já não sou eu, serão outras folhas". — Oh! Folha insensata! onde queres tu ir, e donde poderiam vir as outras folhas? Onde está esse nada cujo abismo temes? — Reconhece, pois, o teu próprio ser nessa força íntima, oculta, sempre ativa da árvore, que através de todas as suas gerações de folhas não é atingida pelo nascimento nem pela morte. Não sucede com as

gerações dos homens o mesmo que com as duas folhas?  
(SCHOPENHAUER, 1970, p.37).

A perplexidade do homem diante da morte implica para Schopenhauer o desconhecimento total deste diante de sua própria vida. O homem está à margem de sua própria vida e de sua consciência porque ele transita pela vida sem dedicar-se a refletir sobre ela. O próprio livro *Dores do Mundo* vem nos fazer essa advertência. Por meio de pequenos ensaios Schopenhauer nos permite o acesso a nós mesmos como forma de observação. Vem nos alertar como desconhecemos a natureza humana a qual fazemos parte. O amor, a morte, as dores físicas e psicológicas são colocadas na obra como temáticas presentes em nossa realidade, mas que ainda permanecem desconhecidas ao nosso entendimento. Ao recolocar estas questões, Dalcídio e Schopenhauer nos convidam a fazer uma viagem sobre o elemento humano e sua condição histórica e social, ele nos apresenta outras possibilidades de acesso a nós mesmos.

Na narrativa de Dalcídio Eutanázio é também colocado como exemplo de vida naturalmente assemelhada a qualquer um de nós. Ele transita pela vida sem possuir o comprometimento consigo, nem com outros, pensando que talvez tivesse tempo para reparar seus erros. No entanto, quando encontra tempo para refletir sobre o que fez percebe que está a caminho da morte, esse espanto somente lhe acomete com a percepção da finitude. Diante desta situação ele agora encontra tempo para refletir sobre as questões mais pertinentes da existência humana, e da maneira como transitou pela vida, carregada de aborrecimentos e de atitudes egoístas. Desta forma, nos conduz a pensar sobre o despertar da consciência humana que normalmente aflora diante da percepção da finitude, como foi o caso de Eutanázio. Esse espanto manifesta principalmente questões mais importantes da vida que durante seu percurso foram deixadas de lado.

O esquecimento do homem presume o esquecimento dos enfoques das questões humanas sobre a vida e a elevação do humano como um ser histórico e social. O bêbado de Dalcídio levanta uma questão pertinente, questão esta, que articula o pensamento de Schopenhauer ao de nosso escritor paraense. Uma sociedade que esquece do homem é sem dúvida uma questão essencial e mobilizadora das reflexões de Schopenhauer. Em *Dores do Mundo*, o filósofo desenvolve pequenos ensaios onde centra suas discussões no elemento humano, e,

a partir destas inferências ele nos demonstra como nos tornamos tão distantes de nós mesmos. Este isolamento não se restringe somente ao nosso próprio desconhecimento, mas também ao conhecimento do próximo. A falta de reflexão sobre a natureza humana e questões que abordam a existência e sua condição histórica no mundo se colocam como uma grande problemática para a filosofia.

Desconhecemos a nós mesmos e buscamos cada vez mais nos distanciar de nossas dores. Paradoxalmente, o distanciamento das dores afasta de nós a possibilidade de nos aproximarmos de nossa existência e com isso manter o aprofundamento sobre assunto tão essencial ao desdobramento desta questão enquanto experiência de vida. A doença, a dor e o sofrimento mantem uma zona de proximidade com a nossa vida e podem inscrever uma experiência de abertura na educação para que assim possamos compreender o sentido, a amplitude e a transformação que essa experiência nos permite realizar.

Schopenhauer nos oferece sua maneira de pensar a existência pelas dores do mundo, ao afirmar que “somente o sofrimento é real” nos permite pensar na positividade da dor, na transmutação do sofrimento em alegria do viver, enfim pela dor e sofrimento abre a possibilidade de uma autêntica aproximação ao humano. Dalcídio também nos relembra que é preciso abrir caminhos e novas possibilidades de refletir sobre a dor e o padecimento humano acompanhado de questões embriagadas de lucidez e vida. Ambos nos apresentam a dor como uma questão capaz de dar sentido a existência e também como um sinal de verificar que algum dano foi causado, não somente no nosso aspecto físico, mas, sobretudo na alma. A dor nos demonstra que uma lesão foi causada pelo corpo, ou então pela alma. Ao indicar esse dano, cria a possibilidade de fazermos um reparo. A dor indica que a vida necessita constantemente de um reparo, uma reflexão e o que o Dalcídio aponta é que estas ponderações se tornam mais ricas e fecundas na proximidade do último momento de nossa existência.

A respeito desse desconhecimento, Schopenhauer nos aponta que também desconhecemos a natureza do amor, pois vivemos inseridos em uma realidade que evidencia os discursos otimistas, e prefere “pintar” o amor em vez de se abrir na tentativa de compreendê-lo. A pintura do amor revela mais uma tentativa de nos esconder de qualquer experiência que nos provoque sofrimento. Ao invés disso, ele nos apresenta o amor no seu sentido real, assim como é refletido na narrativa de

Dalcídio. Um amor que por meio da dor é também capaz de nos proporcionar um ensinamento. Um aprendizado de que a vida transita entre esses dois polos, e que embora o amor nos cause sofrimento ele no final terá como consequência um bem que vai além de nossos interesses pessoais. A perpetuação das espécies propostas por Schopenhauer é uma pauta para se pensar o amor além das aspirações de felicidade que historicamente se foi pensado.

Através da obra de Dalcídio verificamos que também desconhecemos nossa própria consciência, despertada apenas no último momento de vida como revela a obra do autor. Quando o bêbado lança a pergunta a Eutanázio buscando questionar porque o homem também fica a margem de sua própria consciência, o nosso personagem revela-se confuso, pois não conseguia ter acesso a essa resposta “Era uma pergunta inacessível à sua inteligência, talvez fosse igual a certas agonias, a certas sensações que vinham de seu próprio desconhecido” (JURANDIR, 1991, p.15). Esta também pode ser uma pergunta deixada por Dalcídio, com a pretensão também de nos provocar um desconcerto, uma busca por essa resposta.

Ignoramos a presença da morte em nossa vida, e com isso fugimos dela, como se ela não fizesse parte da nossa realidade. No entanto, Schopenhauer e Dalcídio vêm nos alertar que a morte é uma questão da natureza e experiência existencial, como tal, deve ser pensada como um componente que faz parte da vida, e ao pensar nela podemos também acrescentar mais qualidade, permitir novas perspectivas e sentidos a nossa própria existência. É preciso educar-se para a morte, pois a experiência da finitude é capaz de nos proporcionar um bem viver. Há um ensinamento ético na experiência do padecimento por questionamentos embriagados de sentidos e de vida e a experiência de proximidade da morte, nos abre o caminho para se pensar uma educação na perspectiva de considerar integrar todas as questões humanas.

Se é natural morrer, porque não há de ser natural educar-se sobre a morte. Falar da morte, própria e alheia, de acordo com OLIVEIRA (1999), é ensinar bem viver e o bem morrer. Não será possível uma pedagogia da morte, ou uma pedagogia da finitude que poderíamos denominar educação tanatológica? A resposta é que não apenas tal educação é possível como, mas também necessário para uma educação integral do ser humano. Não educar para a morte é praticar uma educação parcial e mentirosa. Se se fala da morte de civilizações, por exemplo,

porque não falar da morte das pessoas que a própria criança experiência diretamente ou através dos meios de comunicação social. E mesmo reflete sobre a própria morte, que um dia infalivelmente acontecerá?

De acordo com Araldi (2013), a necessidade metafísica do Ser nasce da admiração/espanto acerca da sua própria existência. A consciência da morte gera esse espanto, essa necessidade. Nessa perspectiva Oliveira (1999), nos alerta para a falta de uma educação que considere o ser humano na sua dimensão integral. Falar da morte, recoloca-la como objeto no campo educacional, infere principalmente refletir sobre a vida. A vida na sua dupla dimensão, visualizando não somente sua grandeza e mazela, mas considerando especialmente sua vulnerabilidade e fragilidade a qual o ser humano está exposto diante da morte. Ao compreender esta fragilidade é possível “viver mais demasiadamente, a relativizar muitas coisas, a evitar muitas ganancias (a morte tem a outra chave do nosso cofre), a ambição do poder, tentando antes abrir-se aos outros e ao mistério do além” (OLIVEIRA, 1999, p. 479). No entanto, nossa sociedade acaba ofuscando essa temática, seja através da banalização da morte, ou então por meio da incompreensão dela, pois muitos ainda a consideram como um mistério incompreensível, “fala-se de morte das civilizações, de correntes de pensamentos e da arte, mas não se fala da nossa própria morte, quando afinal, todos somos mortais” (OLIVEIRA, 1999, p. 480). E este foco sobre a morte que educação deverá incorporar, no intuito de tornar seus educandos cada vez mais sábios diante deste evento da vida.

O caos em que Eutanázio se vê imerso é o próprio caos em que também nós transitamos. Também nós vivenciamos uma educação que não é capaz de mudar a posição das coisas como almejava o nosso personagem. Em grande medida a educação não é capaz de mudar o rumo das coisas. Quantos ainda não se perguntaram qual a utilidade de aprender a ler e escrever? Quantos não se sentiram desmotivados, aborrecidos e indiferentes com este tipo de educação que nos é ofertada? Quantas vidas não continuaram sendo a mesmas, assim como continuou a vida de Eutanázio, mesmo depois de passar por um processo educacional. Na experiência de vida de Eutanázio, Dalcídio nos provoca tensionamentos para que também assim como o personagem possamos lançar um olhar sobre nós mesmos, sobre nossa educação e assim procurar caminhos que possam direcionar possíveis possibilidades de um ensino que edifique o homem.

A experiência de Eutanázio com a educação nos revela que ela ainda hoje continua sendo uma prática de ensino desarticulada com a nossa realidade humana. No entanto, Dalcídio por meio de Eutanázio nos propõe pensar uma educação que esteja de acordo com o que Larrosa indica, como algo que nos passa, nos acontece, nos toca. Não uma educação pautada muitas vezes, somente no ponto de vista da ciência e da técnica, que esquece de criar alternativas para um sujeito reflexivo. Pensar uma educação a partir do que Larrosa nos propõe como “da *experiência/sentido*. Uma educação que seja capaz de “pensar não somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado, mas, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece” (LARROSA, 2011, p.21). É esta educação que almejava o nosso personagem, por isso que ele se mostrava tão desinteressado, “Como estudante, sempre descuidado dos sapatos e da roupa, aprendia com aborrecimento ou com indiferença, frieza ou desapontamento” (JURANDIR, 1991, p.19).

Pensar uma Educação partindo do que Eutanázio questiona, é lançar o desafio da inventividade e a inquietude a um não se contentar com aquilo que se assenta. Queria uma educação capaz de mudar a face das coisas. “Queria aprender para mudar a viagem do sol. O sol nascer na meia-noite. Mudar de rumo. Em vez de sentar no poente desaparecer no meio-dia. Que a gente não dormisse” (JURANDIR, 1991, p.14). A educação que Dalcídio nos propõe, pela boca de Eutanázio, é sem dúvida algo desafiador, que nos foge a capacidade de poder indicar qual seria esta educação correta que pudesse dar respostas às inquietações de seu personagem.

Pensar uma educação na perspectiva em que Dalcídio nos desafia por meio de Eutanázio é lançar o olhar para além de uma educação apenas enquanto contemplação. Assentar a educação nesta perspectiva implica considerarmos em primeiro lugar o elemento humano como questões prioritárias a enveredar no caminho da educação, num processo de transformação e intervenção nas coisas do mundo.

O personagem de Dalcídio se sentia embriagado pelas questões perturbadoras do mundo em que habitava. Eutanázio se sentia inquieto com as mazelas da Vila de Cachoeira, com as injustiças das leis que reinavam aquele lugar, com as indiferenças dos homens pelas questões sociais e falta de conhecimento de si próprio. Todas estas demandas lhe torturavam, lhe exigiam de certa forma uma



tomada de decisão, e isso acabava colocando o personagem em estado de padecimento. No entanto, este estado em que Eutanázio se encontrava, embora fosse carregado de uma experiência de amargura e angústia, era ele que lhe trazia a visão sensível para enxergar as desigualdades, injustiças e as mazelas da realidade em que estava inserido. Talvez essa seja a questão que o personagem Dalcídiano queria trazer para a cena da discussão filosófica e educacional. Nessa perspectiva, Dalcídio nos apresenta um personagem que nos remete a pensar uma educação que possa ser caracterizada, assim como o seu personagem, enquanto aquela que padece com os problemas sociais, que vive se questionando sobre si, sobre o homem, sobre o mundo, e que em meio a essas inquietações e questionamentos busca se aproximar mais do humano.

Pensar uma educação que leve em consideração o padecimento, implica pensar em um sujeito capaz de se questionar e vivenciar assim como o personagem dalcidiano as dores do mundo e desta forma transmutar essa sua existência agonística em potência de vida. Pensar uma educação como um padecer, não como uma contemplação. Potência de uma educação que ensine a perguntar sobre as desigualdades sociais, sobre o esquecimento do homem, sobre o afastamento de si próprio, sobre o tempo de injustiças e as mazelas sociais. O padecimento de Eutanázio foi capaz de levantar todos estes questionamentos. É preciso pensar uma educação que não se contente com aquilo que está previamente determinado, é preciso adotar uma postura contestadora diante da vida e dos fatos do mundo.

Pensar numa educação que promova a capacidade de pensar, se perguntar, questionar e se embriagar com as questões do mundo, para que desta forma também possamos querer, assim como o personagem de Dalcídio “mudar o rumo do sol”. Pensar a educação que desenvolva uma postura do personagem de Dalcídio, que seja capaz de olhar criticamente para os fenômenos e se questionar. O questionamento característica latente de Eutanázio pode se colocar como proposta de Dalcídio a se pensar uma educação, pois um pensamento analítico e crítico exige uma boa dose de questionamento. Dalcídio por intermédio deste personagem tão intrincado como sua condição e a sociedade de seu tempo nos desafia a pensar numa outra educação.

Diante do desafio educacional colocado por Dalcídio e de uma nova possibilidade de analisar a existência humana a partir Schopenhauer podemos

pensar numa educação pautada principalmente numa concepção a qual a literatura nos oferece. Diante do texto literário de Dalcídio é possível pensar uma educação que esteja comprometida em auxiliar o aprender partindo principalmente do elemento humano. Schopenhauer nos alerta como estamos cada vez mais distantes de nós mesmos, precisamos de uma educação que faça sentido, que possibilite um aprendizado partindo do próprio homem. A literatura possibilita uma formação mais ampla, dando ao educando a possibilidade de construir significados, sentidos e interpretações diversas, fazendo com que o sujeito se reconheça e autocompreenda no mundo. A literatura também é um meio que interliga a experiência individual com o conhecimento de leitura. Em alguns momentos Eutanázio nos indica isso: “Fazia os versos com uma dedicação ingrata. Mas animou-se quando leu isso num almanaque: O VERSO É TUDO” (JURANDIR, 1991, p.16). Nosso personagem, apesar de muito sofrer pela vida, encontrava nos grandes clássicos literários uma maneira de fugir dessa realidade e engrandecer sua alma. Acreditamos, assim como Costa e Cardoso (2015), numa educação inventiva, partido do verso, da criatividade, da literatura e convergindo com a realidade humana que seja capaz de jogar de inventar e gerar uma vida, única e a ao mesmo tempo singular.

## 5.2 EUTANÁZIO DOENTE DO MUNDO: A TRISTEZA DE HABITAR UM MUNDO SEM LINGUAGEM POÉTICA E LITERÁRIA

Eutanázio é um personagem que desde criança demonstra ser um leitor de grandes clássicos literários e dos mais conhecidos autores de sua época. Sua paixão pelas poesias fazia com que este dedicasse tempo para decorar os poemas que mais lhe tocava. “Mas Eutanázio decorava o *Se se morre de amor*, *O Amor e o Medo* e o *Ouvir Estrelas*. Tinha paixão pelo *As Pombas*. Se o seu verso de nada valia, não dava murros na mesa, não gritava com as irmãs. Ficava um pouco sombrio” (JURANDIR, 1991.p.16). Esse contato com a leitura se dava pela convivência com o pai que também era um homem culto e que recebia semanalmente revistas de Belém. “A fadiga do regresso, do eterno regresso àquela saleta do seu pai. As duas estantes de livros tomam espaço, as quatro cadeiras, a velha chapeleira negra, a janela para os campos” (JURANDIR, 1991.p.16). Além desse contato Eutanázio também trabalhou muitos anos em Belém como encadernador de livros, trouxe para Cachoeira esse ofício, preferia lidar com os livros, pois estes lhe pareciam mais agradecidos.

Preferia lidar com os livros, os bacalhaus, os pobres livros maltratados e doentes. Entrevia na vocação tranquila os seus vagos sonhos de enfermeiro. La ser enfermeiro dos livros, estes pelo menos seriam mais pacientes, mais resignados, mais agradecidos, mais humanos. Não havia entre eles um frango hostil. Sob o seu cuidado, os bacalhaus, as brochuras andrajosas, respirariam um ar de novidade como se nunca fossem lidos. Voltariam a dar a ilusão de que explicariam a dor do gênero humano, a outra vida que se desenrola dentro de cada criatura neste mundo. (JURANDIR, 1991, p. 15).

Eutanázio enxergava nos livros uma possibilidade de criação e de invenção da vida, uma forma de explicar o mundo, ou então um ser que poderia explicar as dores mais profundas do elemento humano. Foi assim que ele transitou pela vida. No entanto, desde criança ele começa a enfrentar obstáculos que fazem com aos poucos não criasse expectativas diante do livro.

A desilusão com o universo da poesia começa a ser fator desestimulante dentro de casa. O pai e as irmãs sempre mostravam reações de indiferença e aversão quando se deparavam com Eutanázio tentando criar pequenos versos, ou então seu pai protestava quando Eutanázio demonstrava seu interesse em ser encadernador. “— Papai quero ser encadernador. — Queres morrer de fome?”(JURANDIR, 1991, p.15). Mesmo sem o consentimento e apoio do pai, Eutanázio optou pela profissão, pois era o que lhe possibilitava uma tranquilidade.

Um dia as irmãs encontraram na mesa de jantar um papel esquecido. — Mas ah! Eutanázio já namora! Vocês não estão vendo? E foram mostrar ao Major Alberto os primeiros versos de Eutanázio. Major Alberto sentou os óculos, leu o papel, esfregando a meia calva. As duas irmãs estavam com os seus grandes olhos postos nos óculos do pai e ao mesmo tempo receosas de que Eutanázio chegasse e visse a cena.

— Uma porcaria. Que ele cuide doutra vida. Uma porcaria. Está vagabundando. Nem métrica sabe, nem parece que na estante tem um livro de versificação. Uma porcaria. Mania. Mania. (JURANDIR, 1991, p.15)

Embora não tivesse o apoio dentro de casa Eutanázio acreditava que quando frequentasse a escola talvez pudesse aprender a ler e escrever e “assim mudar o rumo das coisas”. No entanto, quando começa a visitar a escola se depara mais uma vez com o obstáculo, o professor e o que se ensinará na escola acabaram não atendendo as expectativas de Eutanázio. O contato com a escola revela que esta instituição talvez não tenha dado a merecida importância que a poesia ocupa em sua vida, em vez de uma linguagem poética a escola aponta para uma

linguagem direta, objetiva das regras gramaticais “Eutanázio ficava preso a um vago terror daqueles óculos gramaticais do mestre que apontava para o livro: — Este dicionário de Moraes” (JURANDIR, 1991. p.14).

O contato com a escola gerou nele outra dor, a dor de ter que habitar num mundo sem a poesia. A dor de ter que conviver num mundo sem a criatividade e sem uma possibilidade imaginativa que escape da rotina cotidiana e transforme a vida real, coisa que mundo poético lhe ofertava, a possibilidade de inventar e habitar outros mundos. Sendo assim, perdeu também o interesse pela escola, pois descobriu que mesmo depois de aprender a ler e a escrever o mundo permaneceu do mesmo jeito.

Percorreu sua trajetória vivenciando uma realidade onde a poesia não era cultivada, nem no seu meio social, nem sabendo transformá-la dentro de si, daí a tristeza de habitar um mundo sem fantasia, uma vez que a poesia e a literatura foram afastadas de Cachoeira e de sua experiência educativa. Teria que conviver na casa do pai como um parasita, pois não soube planejar sua vida. Teria que se acostumar com a miséria de si “— E a miséria do homem sem dinheiro?” (JURANDIR, 1991, p. 65), que reverberava no seu íntimo, e lhe tornava ainda mais constrangido. Tinha que conviver com a rejeição de Irene, com os risos cortantes, pois não soube assumir aquele sentimento por falta de coragem. Desta forma, foi obrigado a conviver consigo, com sua matéria bruta do sofrimento e dor, e residir em uma realidade onde a vida se mostrava dura e realistas demais. Considerava-se muito sensível, assim como os poetas “— Ih! Estás ficando materialista, Eutanázio? Tu, um poeta! Um sensível?” (JURANDIR, 1991, p. 65).

A esse respeito Schopenhauer ressalta a importância de se cultivar a poesia porque para ele, “A vida nunca é bela, só os quadros da vida são belos, quando o espelho da poesia os ilumina e os reflete, principalmente na mocidade quando ignoramos ainda o que é viver” (SCHOPENHAUER, 1970, p. 39). Entretanto a poesia não é um escape da realidade, das vontades que causam tanta dor, e sim uma experiência transfiguradora da vida. É por meio dela que o homem consegue transfigurar sua dor, seu sofrimento em arte trágica da vida, o que buscava experimentar Eutanázio.

A tendência e o último objeto da tragédia é inclinar-nos à resignação, à negação da vontade de viver; a comédia, pelo contrário, excita-nos a viver e anima-nos. A comédia, é certo, como toda a representação

da vida humana, coloca-nos inevitavelmente diante dos olhos os sofrimentos e os lados repugnantes, mas mostra-os como males passageiros, que acabam por desaparecer numa alegria final, como um misto de sucessos, de vitórias e de esperanças que triunfam por fim; e, além disso, faz sobressair o que há de constantemente alegre, risível, até nas mil e uma contrariedades da vida, a fim de nos conservar de bom humor seja em que circunstâncias forem. Afirma, portanto, como último resultado, que a vida considerada no seu conjunto é muito boa, sobretudo agradável e muito divertida. É preciso, bem entendido, deixar cair o pano depressa sobre o alegre desenlace, para que se não possa ver o que sucede em seguida; enquanto em geral a tragédia acaba de tal modo que não pode suceder mais nada. (SCHOPENHAUER, 1970, p. 39).

Schopenhauer não deixa de apontar as dores da nossa existência, mas por outro lado também nos indica formas de convívio com esse sofrimento, a poesia assim como em Eutanázio aparece como uma experiência transfiguradora deste mundo sofrível. Destaca como a tragédia é capaz de nos fazer enxergar nossas próprias dores e através dela refletir que este sofrimento é só mais uma faceta passageira que precisa ser ultrapassada para que no final a alegria triunfe. É através da tragédia que também refletimos que os obstáculos mais íntimos do ser são questões da humanidade, e não da individualidade, e que estes formam um conjunto da complexa vida divertida e agradável.

Igualmente como Schopenhauer sugere uma transformação do sofrimento por meio da criação poética, Dalcídio também vem nos apresentar através de uma linguagem viva a experiência de um personagem que novamente vem exaltar a poesia como escape do mundo de angústia e sofrimento e acesso a um mundo transfigurado. Dalcídio nos proporciona a poesia e a experiência literária como elemento de reflexão da própria existência. A poesia em Dalcídio é capaz transcender os limites de sua escrita, possui uma função muito maior do que seu inventor almejava, mas ao mesmo tempo em que ele nos proporciona essa experiência, ele também nos lança a pergunta de como seria habitar um mundo sem criação poética? Um mundo este que é vivenciado por meio da triste trajetória de Eutanázio.

Relacionado a esse modo de pensar Bachelard propõe que voltemos aos poetas para aprender a habitar no mundo. “Habitar o mundo como poeta”, seria uma proposta de habitar o mundo por meio da sensibilidade humana, pois a realidade da vida não suporta sua concretude, já que não somos somente organismos, mas, irrealidade. Como afirma Rangel (2009) à realidade da vida, em si mesma, não se

sustenta. O ser humano é mais que um organismo que precisa de comida, roupa, sono e ar. As pessoas são também famintas de carinho; sentem frio sem o cobertor da esperança; não dormem direito apenas abraçadas a travesseiros e querem sempre, voar nos pensamentos. Respirar não basta não nos preenche. Queremos inspiração para criar, amar, repartir. Aspiramos outro ser, o que não podemos imaginar.

Sem a poesia Eutanázio é obrigado a viver seus dias de cinza, por não conseguir “pintar o amor”, nem construir um singelo verso. Não possui sonhos, nem conseguiu realizar aqueles poucos que permearam seu pensamento.

A tristeza em que Eutanázio se encontra pode ser estendida também a nossa própria realidade. Habitar uma educação sem a poesia que possa refletir sobre nossas próprias questões existências nos tornam também vazios, sem criatividade de vida poética. Eis o drama do personagem dalcídiano que também é o nosso. Entretanto, embora viva em meio ao padecimento, Eutanázio nos indica uma maneira de habitar um mundo com poesia, pois para ele possuímos a substância poética que precisa ser ordenada dentro de cada um de nós para que assim nossas vidas possam se tornar mais belas e prazerosas.

A arte e a música tão exaltada por Schopenhauer relacionam-se na obra de Dalcídio por intermédio da poesia e da literatura, pois diante da experiência desta leitura podemos perceber as múltiplas formas inventivas de Dalcídio ao descrever uma experiência de vida em Eutanázio. Uma obra literária capaz de nos permitir o conhecimento da vida humana conseguindo captar os mais íntimos dramas e as mais complexas tramas que o homem está exposto a experimentar na sua trajetória de vida, fazendo um percurso pela dor, morte, amor e buscando através destes componentes evidenciar que por intermédio do sofrimento e da dor é possível aprender a transfigurar a vida e a educação em arte trágica da existência.

Compreendermos que a partir da experiência de Eutanázio em relação com *Dores do Mundo*, a filosofia de Schopenhauer e a literatura de Dalcídio caminham em direção a uma experiência de pensar o humano no sentido de nos propor uma vida comprometida com uma linguagem filosófica e poética. Uma educação que parta não somente de uma vida humana representada, mas principalmente de uma vida experimentada nas suas dores e sua finitude. Nas palavras de Schopenhauer é ela que os reanima nos incita a querer viver, porque nos alerta que nossas dores,

são também dos nossos antepassados e podem ser daqueles que ainda virão à experiência da vida. E que diante destas dores, possamos mesmo pelas dificuldades optar por uma vida poética inventiva, em vez de habitar um mundo de desafeto, de falta de criatividade, um mundo das lentes gramaticais, um mundo não poético que tanto angustiou Eutanázio e o afastou da educação escolar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de pesquisa inicialmente se pautava em analisar o personagem Eutanázio com uma maior atenção ao que sua experiência de vida poderia proporcionar para refletir sobre a existência humana e a educação. Ao enveredar pelos caminhos de Eutanázio ele nos conduziu a uma jornada muito além do que esperávamos. Durante esse período de realização da pesquisa tivemos que em muitos momentos adotar uma postura silenciosa diante deste personagem, para que assim, pudéssemos compreendê-lo melhor. A partir desse primeiro movimento de interligação entre a obra literária de Dalcídio Jurandir e a filosofia de Artur Schopenhauer foi possível identificar que esses campos de conhecimentos nos permitem pensar e problematizar questões da existência humana e da educação.

No primeiro resultado dessa interlocução verificamos que Dalcídio recoloca a questão do humano como centralidade no campo literário. Por meio dele o escritor aponta inúmeros problemas que afetam o indivíduo e sua relação com a sociedade. Cândido (1972) ressalta sobre a importância da literatura para a formação do homem, e como função social, ela é capaz de nos fazer viver, através da identificação do leitor com o universo vivencial apresentado pela obra literária. De acordo com o autor, a literatura é a transfiguração do real, é por meio dela que encontramos o retrato do humano, de seus sentimentos e das diversas formas de relação com o mundo. Na literatura está inscrita a possibilidade de invenção de novas verdades de uma mesma condição humana, o que possibilita ao leitor o contato com a tradição e fazer uma reavaliação de seus costumes e de sua postura frente ao mundo, e assim, construir uma consciência histórica e social do seu tempo. Ao destacar a condição do humano como ponto central em suas discussões, Dalcídio nos possibilita o contato não somente com Eutanázio, mas também com outros personagens que nos oferecem suas experiências de vida, seus dramas internos e suas tramas sociais e familiares como matéria que também fazem parte de nossa realidade e ainda nos suscita muita incompreensão. Essa experiência nos permite uma aproximação e um diálogo com seus personagens, pensando e questionando nossa própria existência.

Em diálogo com Schopenhauer verificamos a importância da Filosofia trazer para o campo de suas reflexões, considerações e ponderações o elemento humano, demonstrando como a humanidade está deixando de pensa-lo, de problematiza-lo. O



esquecimento do homem surge em Schopenhauer como uma preocupação maior, que revela como a humanidade caminha cada vez mais para o desconhecimento do homem. Essa reflexão, também é algo que nos atravessa, despertando o olhar para nosso mundo interno e suscitando questionamento e a consciência de quão pouco ainda nos conhecemos.

Outro aspecto que a interlocução entre Dalcídio e Schopenhauer nos fornece por meio de suas obras, é pensar o humano a partir de suas dores existenciais. Dalcídio também enfatiza esta questão ao nos apresentar um personagem carregado de dramas afetivos e sociais, e envolvido em um padecimento existencial alimentado por seus questionamentos. Desta forma a interseção desses dois pensadores nos propõem pensar uma educação pelas dores do mundo que esteja engajada em aproximar o humano dele próprio, sem que seja preciso criar máscara. Assim, verificamos que diante do padecimento e do sofrimento o personagem de Dalcídio foi capaz de levantar questões pertinentes que permeiam a vida humana.

Schopenhauer justifica seu pensamento salientando que a filosofia não necessita destinar seu tempo para questões metafísica ou sobrenaturais, pois o ser humano já possui elementos suficientes para que o pensamento filosófico possa se ocupar. Dentro dessa perspectiva, em *Dores do Mundo* o autor nos fornece uma série de temáticas que evidenciam que a vida do homem está permeada de sofrimentos e dores, mas que são diante destas aflições que ele é capaz de se remeter a si próprio e realizar uma análise de sua existência e uma reflexão do seu meio social, pois de acordo com Araldi (2013) o homem de Schopenhauer é aquele que toma para si o sofrimento voluntário da veracidade que vê um sentido heroico, afirmativo e redentor no ensinamento da dor.

O mais desafiador aspecto analítico da pesquisa está no interstício de transitar entre o pessimismo de Schopenhauer e as dores de Eutanázio buscando fazer deles um componente de transmutação para potência de criação e afirmação da vida. Ao encarar essa provocação partimos da ideia de que Dalcídio Jurandir assim como Schopenhauer ao recolocar o humano como centralidade de suas discussões assumem posicionamentos de afirmação da vida. Essa afirmação encontra justificativa no fato de que Schopenhauer embora eleve o sofrimento e a dor como elementos principais de sua reflexão, ele os considera como fator positivo,

deposita neles a possibilidade de aproximação e compreensão do humano, ou seja, o sofrimento e a dor não são elementos pensados de modo negativo ou como obstáculos da vida, mas eles tornam mais perceptível nossos sentidos e nossa finitude. A dor para esse pensador é acima de tudo um signo de demonstração de que estamos vivos e se quisermos afirmar nossa vida devemos procurar uma forma de transfigurar as dores e os sofrimentos que se impõe em nossa vivência diária em arte criativa de vida. Consideramos que há no pessimismo de Schopenhauer um sopro vital de vida.

Já em Dalcídio, também encontramos a dor, inscrita na experiência de Eutanázio. No entanto, ao mesmo tempo em que ele nos oferece um personagem carregado de dor, também evidencia seus questionamentos para que ele nos alerte qual seria o melhor caminho na escolha da existência. Na companhia de Eutanázio ele também revela Irene, que se torna para o nosso personagem um reflexo das escolhas que não fez em vida. Ela é a personagem que se sobressai no final da narrativa, para nos deixar uma imagem e trajetória de vida que não foi adotada por Eutanázio. Enquanto a vida de Eutanázio é marcada pela “falta” de dinheiro, de iniciativa, de coragem de enfrentamento diante das situações de sua existência, Irene imprime em sua vida uma atitude de enfrentamento do mundo reconfigurada em cada etapa de sua existência, assim como o poeta, assim como seu sorriso, seu ventre. Em seu leito de morte Eutanázio percebe a jovem Irene transformada e admira a vontade de afirmação da vida inscrita em seu rosto.

Conjuntamente a dor e o sofrimento, a morte também se torna um elemento educador na filosofia de Schopenhauer e na literatura de Dalcídio. Vimos por meio da experiência de morte de Eutanázio que a compreensão da finitude é capaz de nos proporcionar um bem viver, não do ponto de vista de um ideal da metafísico, mas da experiência da proximidade com o outro. Por meio do personagem de Dalcídio fomos capazes de observar que na maioria das vezes construímos uma relação distante e asséptica com nossos companheiros e interlocutores como se fossem indivíduos sempre disponíveis. No entanto, a obra dalcidiana nos chama a atenção para a necessidade de uma educação para a morte, pois por meio dela somos capazes de mudar também nossa relação com o outro e despertar a consciência para a fugacidade do tempo e a finitude da existência.

Outro aspecto observado na interlocução das obras está em verificar que esses grandes autores por meio de suas ponderações nos provocam a pensar uma educação, não enquanto contemplação, mas um educar que possibilite a interferir no rumo das coisas. Eutanázio manifestou seu descontentamento com aquela educação que lhe foi ofertada. Ele almejava uma educação que lhe possibilitasse habitar poeticamente em outros mundos, que lhe desse poder para que ele pudesse mudar o “rumo do sol”, que lhe despertasse o interesse do questionamento sobre o homem, sobre o livro. O personagem de Dalcídio nos possibilita pensar uma educação como um padecer por questionamentos, daquele que não apenas contempla o mundo, mas principalmente de quem é afetado por ele. A experiência de leitura de Dalcídio e Schopenhauer nos abre a possibilidade de pensar a educação como um padecer necessário frente ao mundo. Uma educação que em meio as dores do mundo, seja capaz de padecer em dúvidas, inquietações e questionamentos e encontre forças para reinventar o humano.

## REFERÊNCIAS

- ARALDI, Clademir Luís. **Nietzsche**: do niilismo ao naturalismo moral [recurso eletrônico]. Pelotas : NEPFil, 2013. 124 p. (Série Dissertatio-Filosofia)
- ARALDI, Clademir Luís. Para uma caracterização do niilismo na obra tardia de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 5, p.75-94, 1998.
- BITTENCOURT, Albertina Bonetti. O Ser Doente: uma reflexão à luz de Georges Canguilhem. **Revista Pensar a Prática**, Florianópolis, 160/304, 2003.
- BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. Nietzsche: niilismo e genealogia moral. **Revista da Faculdade de Direito, Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 98, p. 477-501, jan. 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67598/70208>>. Acesso em: 02 sep. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2318-8235.v98i0p477-501>.
- CALÇADO, Thiago. **Doença**: sofrimento e vida nas filosofias de Friedrich Nietzsche e Blaise Pascal. Marília, SP, 2009.
- CAMARGO, Raquel Moreira de Souza. O Pensamento Instigante de Arthur Schopenhauer. **Revista Filosofia**, n. 117, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **A literatura e a formação do homem**. In: CIÊNCIA E CULTURA. São Paulo. USP, 1972.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. (Campo Teórico)
- COBRA, Rubem Q. **Arthur Schopenhauer**. Filosofia Contemporânea. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br>>. Acesso em: 2003.
- COBRA, Rubem Queiroz. **Fenomenologia**. Temas de Filosofia. Brasília, DF: 2001, rev. 2005. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br>>. Acesso em: 04 abr. 2016.
- COSTA, Gilcilene Dias; CARDOSO, Roseli Moraes. Uma Educação como Invenção em Dalcídio Jurandir: a literatura como convite ao pensar/filosofar. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 04 a 08 de outubro de 2015, Florianópolis.
- COSTA, Regina Barbosa. **Imagens de Leitura em Chove nos campos de Cachoeira de Dalcídio Jurandir**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras)- Universidade Federal do Pará, Instituto de Letras e Comunicação, Belém, 2014.
- FARES J.; NUNES P. Palcos da Linguagem: uma leitura psicanalítica de Chove nos Campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. **Asas da Palavra**, n. 17, Belém, p. 57-65, 2004.
- FRANCISCONI, Carlos Fernando de. **Fim de Vida**: Paciente Terminal, Morte e Morrer (aula) Textos - Eutanásia. Buenos Aires: Losada, 2003. p. 476-477.
- FURTADO, Marli T. Os heróis decadentes de Graciliano Ramos e de Dalcídio Jurandir no romance de 30. In: SIMÕES, Maria do Socorro (Org.). **Multietárias** — literatura e ensino. Belém: EDUFPA, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução de Flávio Paulo Meurer. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Verdade e Método**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

HAGE, José Elias Pereira. Eutanázio: a resistência numa trajetória decadente em “chove nos campos de cachoeira” de Dalcídio Jurandir. In: ABRALIC, 14., Belém, dez. 2014.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. Organização de Rosa Assis. Edição Crítica. Belém: UNAMA 1998.

\_\_\_\_\_. **Chove nos Campos de Cachoeira**. 3. ed. Belém: Cejup, 1991.

\_\_\_\_\_. **Três casas e um rio**. 3. ed. Belém: CEJUP, 1994.

KANT, Immanuel. **Resposta à pergunta: Que é esclarecimento?** Textos Seletos. Tradução de Floriano de Sousa Fernandes. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 63-71.

LORROSA, Jorge. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v.19, n. 2, p. 4-27, jul./dez. 2011.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo- Humano, demasiado humano**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NUNES, Paulo. **Aquonarrativa: uma Leitura de Chove nos Campos de Cachoeira**, de Dalcídio Jurandir. Belém: UNAMA, 2001.

OLIVEIRA, José Henrique Barros de. Filosofia de Educação e Pedagogia da Morte. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 33, n. 3, p. 475-481, 1999.

OLIVEIRA, Juliana. Aprender a pensar: a passagem da “Menoridade” para a “Maioridade”. **Pedagogia e Educação**, 2012.

PANTOJA, Tânia Sarmento. MORAES, Viviane Dantas. Composições do corpo grotesco em Dalcídio Jurandir: estudo comparado entre: Chove nos Campos de Cachoeira e Belém do Grão-Pará. **Ângulo 131 - Literatura Comparada**, v. II, p. 114-120, out./dez. 2014.

PRESSLER, Gunter Karl Pressler. **Dalcídio Jurandir: a escrita do mundo marajoara não é regional, é universal**. Belém: UFPA, 2000.

RANGEL, Rose. **Imundo mundo sem poesia**. 2009 [recurso eletrônico]. Disponível em: <<http://prosasvirtuais.blogspot.com.br/2009/01/imundo-mundo-sem-poesia.html>>. Acesso em: 4 ago. 2016.

SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é um humanismo**. Tradutora: Rita Correa Guedes. Baseada na obra da edição: Les Éditions Nagel, Paris, 1970.

\_\_\_\_\_. **A Nausea**. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. (Coleção Grandes Romances)

SCHOPENHAUER, A. **Dores do Mundo**. São Paulo: Ed. Publicações, 1970

\_\_\_\_\_. **A Metafísica do Belo**. Tradução e apresentação de Jair Barbosa. São Paulo. Ed. UNESP 2003.

\_\_\_\_\_. **O Mundo como vontade e como representação**. Tradução de Jair Barboza, São Paulo: UNESP, 2005

SILVA, A. M. **Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas, SP: Autores Associados; Florianópolis: UFSC, 2001. (Coleção Educação Física e Esportes)

SOUSA, Samantha Costa, CASTILLO, Luis Heleno Montoril del. Angústia: um elo entre chove nos campos de cachoeira e memórias do subsolo. In: ABRALIC, 14., set. 2014. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/comportamento/morte>>. Acesso em: 25 mai. 2016.

ZAMPIERI, Gilmar. Metafísica do Sofrimento da Morte e do Amor em Schopenhauer. **Caderno da Estef. Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana**, n. 39, 2007.